

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

Santo Agostinho

O DE EXCIDIO VRBIS

E OUTROS SERMÕES
SOBRE A QUEDA DE ROMA

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS
CARLOTA MIRANDA URBANO



Santo Agostinho

*O De excidio Urbis e outros
sermões sobre a queda de Roma*

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
CARLOTA MIRANDA URBANO
Universidade de Coimbra

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTOR: SANTO AGOSTINHO

TÍTULO: O *DE EXCIDIO VRBIS* E OUTROS SERMÕES SOBRE A QUEDA DE ROMA

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS: CARLOTA MIRANDA URBANO

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 1ª/2010

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: MARIA DO CÉU FIALHO

CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA SILVA,

FRANCISCO DE OLIVEIRA, NAIR CASTRO SOARES

DIRECTOR TÉCNICO DA COLEÇÃO: DELFIM F. LEÃO

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO: NELSON HENRIQUE, RODOLFO LOPES

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-66-1

ISBN DIGITAL: 978-989-8281-67-8

DEPÓSITO LEGAL: 319989/10

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
POCI/2010

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classcadigitalia.uc.pt>)

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

ABREVIATURAS E SIGLAS	8
NOTA PRÉVIA	9
INTRODUÇÃO	
SANTO AGOSTINHO E O SEU TEMPO	13
ROMA E HIPONA, VERÃO DE 410	17
ROMA PODE CAIR?	18
A REACÇÃO DO BISPO DE HIPONA	20
UMA NOVA <i>ARETÊ</i> : A ASCESE	22
ECCE PEREUNT OMNIA CHRISTIANIS TEMPORIBUS:	
A INVECTIVA PAGÁ	26
E ROMA MORREU?	31
O DE EXCIDIO VRBIS E OUTROS SERMÕES SOBRE A QUEDA DE ROMA	
SERMÃO SOBRE A DESTRUIÇÃO DA CIDADE DE ROMA	37
O EXEMPLO DE HUMILDADE DE DANIEL E A CORRECÇÃO DIVINA	39
O CASO DE SODOMA E O CASO DE ROMA	42
A PACIÊNCIA DE JOB, O JUSTO SOFREDOR, E O SOFRIMENTO DE ROMA	45
OS SOFRIMENTOS DESTE MUNDO E O SOFRIMENTO ETERNO	47
NÃO HAVERIA EM ROMA UM SÓ JUSTO?	50
DEUS NÃO DESTRUIU ROMA	52
O CASO DE CONSTANTINOPLA	53
ROMA NÃO FOI DESTRUÍDA, MAS REPREENDIDA	55
A UTILIDADE DO SOFRIMENTO	57
SERMÃO 81	
COMO NOS HAVEMOS DE PROTEGER CONTRA OS ESCÂNDALOS	63
A SEGURANÇA DOS HUMILDES CONTRA O ESCÂNDALO NO MEIO DA TRIBULAÇÃO	65
QUEM SÃO OS HUMILDES. O MUNDO BOM E O MUNDO MAU	67
QUANDO O TEU OLHO, A TUA MÃO OU O TEU PÉ SÃO PARA TI MOTIVO DE ESCÂNDALO	69

<i>A MENTIRA, PROIBIDA PELA LEI DIVINA</i>	72
<i>PROCEDAM OS HOMENS NÃO COMO HOMENS MAS COMO FILHOS DE DEUS</i>	74
<i>O ESCÂNDALO DOS PAGÃOS E OS SOFRIMENTOS DESTES MUNDOS</i>	75
<i>O ANÚNCIO DOS SOFRIMENTOS DESTES MUNDOS JÁ CANSADO</i>	77
<i>ACUSAÇÕES DOS PAGÃOS CONTRA A RELIGIÃO CRISTÃ POR CAUSA DA DEVASTAÇÃO DE ROMA</i>	79
SERMÃO 105	
<i>CRISTO, POR MEIO DE PARÁBOLAS, EXORTA-NOS A PEDIR A DEUS</i>	85
<i>UM AMIGO QUE VEM DE VIAGEM E A QUEM É PRECISO RESTABELECE AS FORÇAS</i>	87
<i>OUTRO AMIGO, INTERPELADO A MEIO DA NOITE PARA DAR TRÊS PÃES</i>	88
<i>O QUE SÃO ESSES TRÊS PÃES CONCEDIDOS</i>	89
<i>A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE, DONS DE DEUS</i>	90
<i>AS MESMAS TRÊS VIRTUDES REPRESENTADAS DE OUTRO MODO</i>	91
<i>O OVO SIGNIFICA A ESPERANÇA</i>	93
<i>COMO SÃO ÚTEIS PARA OS CRISTÃOS OS FLAGELOS E AS CALAMIDADES</i>	95
<i>A CIDADE E O REINO ETERNOS AGUARDAM NOS CÉUS OS CRISTÃOS</i>	96
<i>POR ADULAÇÃO, VIRGÍLIO PREDISSSE A ETERNIDADE A UM IMPÉRIO TERRENO</i>	98
<i>CONSTÂNCIA PARA SUPORTAR AS ADVERSIDADES</i>	100
<i>A DESTRUIÇÃO DE ROMA, ERRADAMENTE ATRIBUÍDA À RELIGIÃO CRISTÃ E AO ABANDONO DA IDOLATRIA</i>	102
<i>A QUEDA DE ROMA NÃO FOI CONSEQUÊNCIA DA DESTRUIÇÃO DOS ÍDOLOS</i>	104
SERMÃO 113/A	
<i>OS JUDEUS AINDA NÃO ACREDITAM NOS ORÁCULOS DOS PROFETAS SOBRE CRISTO E A SUA IGREJA</i>	109
<i>A INCREDULIDADE DOS JUDEUS É REFUTADA PELO EXEMPLO DAQUELE RICO DO BANQUETE</i>	111
<i>O RICO DO BANQUETE É PARA NÓS UM EXEMPLO SALUTAR</i>	112
<i>SUFICIENTEMENTE PREVENIDOS ACERCA DOS ACONTECIMENTOS FUTUROS, NÃO TEMOS DESCULPA</i>	114
<i>A NOSSA FÉ DEVE SER CONFIRMADA POR AQUILO QUE JÁ FOI CUMPRIDO E POR AQUILO QUE FOI PROMETIDO POR DEUS</i>	117
<i>AS PROMESSAS DE DEUS EM FAVOR DO POVO DOS JUDEUS, DESDE ABRAÃO, CUJA FÉ SE LOUVA</i>	119
<i>A FIDELIDADE DE DEUS NO CUMPRIMENTO DAS SUAS PROMESSAS E A LOUCURA DOS IDÓLATRAS</i>	120
<i>DEUS PROCURA A SUA IMAGEM NA NOSSA ALMA, COMO CÉSAR PROCURA A SUA NUMA MOEDA</i>	122
<i>QUANTAS PROMESSAS DE DEUS JÁ FORAM CUMPRIDAS</i>	124
<i>A FÉ DE ABRAÃO SERVE-NOS DE EXEMPLO</i>	125

<i>OS DOIS MODOS DE SUPORTAR AS ADVERSIDADES</i>	127
<i>DEVEMOS USAR DA MESMA PACIÊNCIA DE DEUS E IMITÁ-LA</i>	130
<i>NAS ADVERSIDADES DEVEMOS CONFIAR-NOS A DEUS SEM LAMENTOS</i>	132
<i>EXORTAÇÃO À PACIÊNCIA</i>	134
SERMÃO 296	
<i>PEDRO, NA SUA FRAQUEZA, PROMETE MAIS DO QUE PODE</i>	139
<i>A FRAQUEZA DE PEDRO QUANDO TEME PELA MORTE DO SENHOR</i>	140
<i>É A PEDRO, QUE O AMA, QUE CRISTO CONFIA AS SUAS OVELHAS</i>	142
<i>O BOM PASTOR É AQUELE QUE É CAPAZ DE ENTREGAR A VIDA PELAS OVELHAS</i>	143
<i>OS RESTANTES PASTORES DA IGREJA TÊM O MESMO MANDATO QUE PEDRO. O DESEJO DO MARTÍRIO FAZ O MÁRTIR</i>	144
<i>AS TRIBULAÇÕES TEMPORAIS DEVEM SER SUPORTADAS EM RAZÃO DA GLÓRIA FUTURA. A DEVASTAÇÃO DE ROMA EM TEMPOS CRISTÃOS</i>	145
<i>PARA QUE SERVEM AS MEMÓRIAS DOS APÓSTOLOS. É SOBERBO O SERVO QUE, QUANDO O SENHOR LHE DÁ UMA ORDEM, LHE PERGUNTA: “PORQUÊ?”</i>	147
<i>ACEITA O QUE DEUS QUER E ELE DAR-TE-Á O QUE QUERES</i>	149
<i>O QUE RESPONDER AO PAGÃO QUE CULPA OS TEMPOS CRISTÃOS DO INCÊNDIO DE ROMA</i>	150
<i>É PRÓPRIO DO CRISTÃO SUPORTAR OS MALES DESTA MUNDO E PÔR A ESPERANÇA NOS BENS ETERNOS</i>	152
<i>POR QUE RAZÃO SÃO MAIORES AS TRIBULAÇÕES DESTA MUNDO, NESTES TEMPOS CRISTÃOS</i>	153
<i>NA ADVERSIDADE, NÃO MURMURES CONTRA DEUS</i>	155
<i>O AMOR DE DEUS MANIFESTA-SE QUANDO SE AMA OS INTERESSES DE DEUS</i>	157
<i>DEVEM SER BEM RECEBIDOS AQUELES QUE, ARREPENDIDOS, QUEREM REGRESSAR DA HERESIA</i>	158
BIBLIOGRAFIA	163
INDEX NOMINVM RERVVMQUE	167

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABREVIATURAS DOS LIVROS BÍBLICOS CITADOS

- CT: Cântico dos Cânticos
1 COR: 1ª Carta aos Coríntios
2 COR: 2ª Carta aos Coríntios
DN: Profeta Daniel
DT: Deuteronomio
EF: Carta aos Efésios
EZ: Profeta Ezequiel
FL: Carta aos Filipenses
GL: Carta aos Gálatas
GN: Génesis
HEB: Carta aos Hebreus
IS: Profeta Isaías
JB: Job
JN: Profeta Jonas
LC: Evangelho de S. Lucas
MT: Evangelho de S. Mateus
PR: Provérbios
RM: Carta aos Romanos
SB: Sabedoria
SIR: Bem Sira (Eclesiástico)
SL: Salmos
TG: Carta a Tiago

SIGLAS

- CCL Corpus Christianorum series latina
PL Patrologia Latina
MA Miscellanea agostiniana

NOTA PRÉVIA

O *De excidio Urbis Romae sermo* dá título a este volume, que reúne um conjunto de cinco sermões proferidos por Santo Agostinho no espaço de cerca de um ano, depois da tomada de Roma pelos godos, chefiados por Alarico, em Agosto de 410. Deste conjunto, o primeiro sermão que traduzimos foi precisamente o *De excidio Urbis Romae* (designação por que é conhecido na maior parte dos manuscritos)¹, e para a sua tradução usámos a edição crítica mais recente, publicada no *Corpus Christianorum*.²

Para a tradução dos restantes sermões seguimos a edição de Jacques Paul Migne na colecção *Patrologia Latina*, à excepção do sermão 296, para o qual dispomos de uma edição mais recente e com diferenças

¹ O'Reilly 1955 76.

² M.-V. O'Reilly, ed. (1969) *Corpus Christianorum. Series Latina* XLVI. Turnholt, Brepols, 243-262. Esta edição actualiza uma anterior acrescida de estudo e tradução: M. V. O'Reilly (1955) *Sancti Aurelii Augustini De excidio Urbis Romae. A critical text and translation with introduction and commentary*. Washington, The Catholic University of America Press.

consideráveis na *Miscellanea agostiniana* publicada em 1930-1931, sob a responsabilidade editorial de António Casamassa OSA e Germain Morin OSA.

A ordem pela qual apresentamos os cinco sermões não obedece a critérios cronológicos. Na verdade, oferecemos em primeiro lugar aquele que dá título ao volume, por ser o que se consagra inteiramente à reflexão sobre os acontecimentos de Agosto de 410. Nas diferentes colecções, ele surge editado à parte dos restantes sermões, divididos entre sermões *de Scripturis*, *de Tempore*, *de Sanctis* e *de Diuersis*. Na colecção da *Biblioteca de autores cristianos*, por exemplo, é designado como *tractatus*, e o mesmo acontece na *Nuova Biblioteca Agostiniana*, edições bilingues que seguem sempre a edição latina de Migne (PL 40, 715-724), a qual por sua vez designa este texto como sermão (*sermo*). Muito provavelmente, este foi o último a ser composto. Lidos os restantes, percebemos que ele reúne de forma estruturada um conjunto de reflexões que encontramos dispersas em todo o conjunto.

Seguem-se os restantes sermões, simplesmente ordenados pelo número que assumem nas colecções e nas bases de dados mais recentes³:

– sermão 81 (PL 38, 499-506), pronunciado no final do ano 410;

– sermão 105 (PL 38, 618-625), pronunciado durante o ano de 411;

³ A mais completa está disponível no sítio www.augustinus.it. Uma outra base de dados bastante completa, *Documenta catholica omnia*, da *Cooperatorum Veritatis Societas*, oferece à consulta os textos da PL de Migne em versão PDF.

– sermão 113/A (PL 46, 921-932, onde dá pela designação de *Sermo Denis XXIV*), pronunciado um mês depois da invasão da cidade, no dia 25 de Setembro de 410;

– sermão 296, (PL 38, 1352-1359 ou MA 1, 401-412, a edição que aqui seguimos), pronunciado quase um ano depois da tomada de Roma, em 29 de Junho de 411.⁴

Como na tradução do *De excidio Urbis Romae* seguimos a edição crítica de O'Reilly, também acompanhamos a sua proposta de numeração dos capítulos. Esta edição não apresenta subtítulos, mas reconhecemos que eles facilitam a compreensão do texto, pelo que decidimos incluir na nossa tradução do *De excidio* subtítulos propostos por nós.

Na tradução dos restantes sermões apresentamos e traduzimos as propostas de subtítulos da *Patrologia Latina* de Paul Migne.

⁴ Para a cronologia dos sermões, veja-se A. Kunzelmann 1931, ou também O. Perler 1969. Um estudo mais recente (Hombert 2000) propõe uma data anterior para o sermão 113/A, o ano de 404; no entanto, Fredouille (2006 455-464), com base nas suas afinidades de conteúdo com os outros sermões que referem explicitamente o saque de Roma, continua a tomar como aceitável a sua datação tradicional e a considerá-lo o primeiro a ser pregado depois do saque de Roma.

INTRODUÇÃO

Roma quid est, nisi Romani?

E o que é Roma, senão os romanos?

SANTO AGOSTINHO E O SEU TEMPO

No ano de 354, na pequena cidade de Tagaste, na Numídia, província do império romano no norte de África, nascia Aurélio Agostinho, um homem que deixaria ao mundo ocidental uma notável herança literária, filosófica e espiritual.

Formado no estudo dos autores antigos, Agostinho veio a aprender com eles a sua ‘consciência romana’ e tornou-se profundo admirador de Cícero e de Virgílio. Às primeiras letras em Tagaste, seguiram-se os estudos em Madauro e depois, em Cartago, os estudos superiores que o habilitariam a ensinar Gramática e Retórica. Em Cartago, aos dezanove anos, a leitura do diálogo ciceroniano *Hortensius* lançá-lo-ia numa viagem inquietante e arrebatadora na busca da ‘própria sabedoria’. Mais tarde, nas *Confissões*, relata o acender desse desejo de Deus, suscitado por aquela leitura de Cícero.¹

¹ “Foi esse livro que mudou os meus afectos e voltou para ti, Senhor, as minhas preces (...) intensamente desejava com incrível ardor a imortalidade da sabedoria e começava a levantar-me e a voltar a ti. (...) porque com a sua exposição era levado a amar, a procurar e a alcançar, a agarrar e a abraçar com força, não esta ou

Começou por ensinar Gramática em Tagaste, no ano de 375, depois Retórica em Cartago, em 378, e em 383 partiu rumo à capital do império. Aí foi indicado para um lugar de professor de Retórica e orador oficial em Milão, cidade onde recebeu o baptismo, na Páscoa de 387. No ano seguinte regressa a Tagaste, onde funda uma comunidade monástica. Em 391, porém, os seus planos de uma vida entregue ao estudo e à oração são alterados. Numa viagem a Hipona é aclamado sacerdote e em 395 é sagrado bispo para auxiliar Valério, o bispo da diocese, a quem sucede pouco depois na sede episcopal.

No início deste mesmo ano de 395 morrera o imperador Teodósio, que deixava cada um dos seus filhos, Arcádio e Honório, em cada uma das *partes imperii*, numa tentativa de manter a unidade do extenso império romano, com base na tradicional divisão colegial do poder.

Santo Agostinho foi bispo de Hipona desde 395 até à sua morte, em 430, ano em que os vândalos chegaram à Numídia. Quando o bispo morreu, os vândalos cercavam a cidade de Hipona havia mais de dois meses.

Se, quando Santo Agostinho profere estes sermões que aqui apresentamos (410-411), África ainda se considera de certo modo a salvo e constitui um lugar de refúgio para os que se vêm forçados a deixar as suas terras na Itália, vinte anos mais tarde, quando ele morre, a própria África está tomada pelos bárbaros.

aquela seita, mas a própria sabedoria...”. *Confissões*, 3, 4, 7-8, em tradução de A. Espírito Santo, J. Beato e M.C. Pimentel 2001.

Os anos do episcopado de Santo Agostinho foram, pois, para os homens que neles viveram, tempos de inquietação e sobressalto. A sua geração assistiu à transfiguração imparável de um mundo milenar. O magistério do bispo de Hipona teve lugar nos anos de mais acentuado declínio do império romano, e foi à geração que atravessou estes tempos conturbados que o bispo pregou. Ele próprio, culturalmente gerado em Roma, não deixaria de sentir a mesma perplexidade que os homens do seu tempo.

Por um lado, era cada vez mais visível a presença de povos estrangeiros no interior do império, desde o início do séc. IV convocados a renovar as fileiras do exército e a povoar as terras. O caso de Estilício é um exemplo da política ‘filobárbara’ de Teodósio, que parecia encaminhar-se para uma ‘fusão de raças’ no império. Filho de uma romana e de um vândalo, chegou a comandar os exércitos das duas partes do império e foi designado tutor dos jovens ‘imperadores’; no entanto, não sobreviveu à resistência romana a esta miscigenação, vista como uma ameaça para Roma.²

Por outro lado, as fronteiras do império encontravam-se cada vez mais ameaçadas por novos

² O caso de Estilício é sugestivo dos ‘anti-corpos’ gerados contra esta migração pacífica de grupos bárbaros. P. Courcelle considera-o um verdadeiro ‘bode expiatório’ do momento. Tendo sido garante de defesa contra bárbaros, vencedor sobre Alarico (402) e Radagásio (406), celebrado no fórum por serviços prestados ao império, seria depois considerado cúmplice dos godos e acusado de ‘barbarizar’ o exército, até morrer assassinado em 408. O seu desaparecimento, porém, foi mais desastroso para Roma do que a sua vida, pois Alarico não tardou a investir sobre a cidade (Courcelle 1948 31).

grupos de ‘bárbaros’, que avançavam pela força. Estes vinham de longe, eram muito numerosos e entravam em massa, dando consistência a um sentimento de insegurança, a uma consciência de ameaça iminente na própria Itália, o que levou Roma a restaurar a muralha de Aureliano, bem como portas, torres e outras fortificações. Estas medidas lançaram a população num verdadeiro alarme. Desde 376, quando os godos atravessaram o Danúbio, que se instalara um clima de insegurança, mais intenso nas últimas décadas do séc. IV. Em poucos anos sucedem-se investidas na Gália, na Itália, na Hispânia...

Outra mudança no velho mundo milenar parecia consumir-se nos dias de Santo Agostinho. Já se tinha quebrado a íntima ligação entre império e cultos pagãos, mas agora os velhos deuses, depois de breve regresso à vida cívica com o imperador Juliano, viam-se definitivamente arredados das cidades e da própria vida pública. Na última década do séc. IV assistimos a várias medidas, umas que exprimem a aliança crescente entre império e cristianismo e outras que encerram definitivamente na vida cívica os rituais antigos. Segundo o *Codex Theodosianus*, em 391 estabelecia-se a proibição de qualquer cerimónia pagã, sacrifícios ou homenagem aos velhos deuses na cidade de Roma³, e em 392 esta proibição imperial estende-se ao foro privado, às homenagens aos lares e aos penates.⁴ Em 393 são suprimidos os *Jogos Olímpicos*, em 394 põe-se

³ *Codex Theodosianus* 16, 10, 14.

⁴ *Codex Theodosianus* 16, 10, 12.

termo ao culto das vestais, que guardavam o fogo sagrado e, segundo o registo de Prudêncio, convertia-se ao cristianismo a última destas mulheres...⁵

ROMA E HIPONA, VERÃO DE 410

No Verão do ano 410, a cidade de Roma, o coração vital do mundo romano, o baluarte inviolável de uma civilização que se reconhecia milenar, é invadida, ferida e humilhada por um exército de bárbaros. Aquela que a história tinha consagrado como cabeça do império e que a literatura immortalizara como *Roma Aeterna*, que os romanos, cristãos ou pagãos, consideravam sagrada, tinha sido profanada. Durante três dias arderam edifícios notáveis, como a própria Basílica Júlia, as igrejas foram pilhadas, houve roubos, violações e mortes.

Muitos habitantes de Roma abandonaram as suas casas e os seus bens como puderam e o norte de África foi recebendo, com os refugiados, a notícia inacreditável da catástrofe.

O bispo de Hipona não ficou menos chocado que os seus fiéis. A Roma de Cícero e de Virgílio, que era também a sua Roma, a cidade que guardava as relíquias dos mártires S. Pedro e S. Paulo, sofria uma agressão inimaginável. Este acontecimento forçaria Santo Agostinho a um caminho de reflexão que resultou numa leitura, ou numa interpretação da história, realmente original, que o distingue dos pensadores cristãos seus contemporâneos.

⁵ Prudêncio, *Peristephanon* 2, 527.

ROMA PODE CAIR?

Santo Agostinho vai romper com uma leitura da história (que encontramos em Orígenes, Eusébio de Cesareia ou S. Jerónimo) que vê o império romano e a sua universalidade como condição exterior e necessária para a propagação do cristianismo. Nesta linha, Eusébio de Cesareia chega a considerar o carácter sagrado e providencial do império e vê no imperador Augusto um reflexo humano do monoteísmo, realizado perfeitamente em Constantino, o imperador cristão. Nesta linha, a *pax romana* fora condição providencial para que os apóstolos circulassem livremente pelo mundo, e um só imperador, a condição necessária para a pregação de um só Deus.

Esta leitura da história compreende-se mais profundamente se tivermos em conta que, na cultura romana, Estado e Religião dificilmente são destrincháveis, que o Estado ou a cidade, ou mesmo a família têm um carácter divino. Esta é uma das razões porque facilmente o cristianismo se tornou religião do Estado e se associou o destino do império romano ao do cristianismo.

Provavelmente, antes dos acontecimentos de 410, o próprio Santo Agostinho não rejeitaria a ideia de que a missão histórica do império romano estaria associada à missão do cristianismo. Em todo o caso, embora a sua leitura dos sinais dos tempos o tenha levado a formular a ideia das 'duas cidades', a cidade terrestre e a cidade celestial, remetendo para duas ordens distintas cristianismo e Estado, ele não deixa de acreditar que o que se está a passar com Roma se integra nos planos da Providência Divina. Na perspectiva de Santo Agostinho,

embora Roma possa ser útil à difusão do Evangelho, embora a cristianização do império possa fazer avançar o mesmo Evangelho, Roma, mesmo cristã, não deixa de ser naturalmente uma realidade terrestre, por isso finita.⁶

*Mas talvez Roma não tenha caído, talvez tenha sido castigada em vez de aniquilada, talvez emendada em vez de destruída. Pois Roma não morre, se os romanos não morrerem. E na verdade não morrerão, se louvarem a Deus. Morrerão, sim, se o blasfemarem. Pois que é Roma senão os Romanos? (...) É um insulto para Roma dizer-se que cai em ruína? Para Roma não, mas talvez para o seu fundador. E fazemos uma injúria ao fundador porque dizemos que a Roma que Rômulo fundou, caiu? Ora, se até o mundo que Deus criou há-de ter um fim! Mas nem mesmo o que o homem fez caiu, senão quando Deus quis, nem o que Deus criou acabou, senão quando Deus quis. Se a obra humana não cai senão por vontade de Deus, quando poderá cair a obra de Deus por vontade do homem?*⁷

Roma, enquanto realidade terrestre, terá necessariamente um fim. Roma é obra do homem, cairá, seguramente, não quando o homem, mas quando Deus o quiser. Roma, enquanto participante da realidade divina, isto é, Roma nos seus habitantes, cidadãos da cidade celestial, peregrinos na terra, essa Roma é chamada a uma existência eterna.

⁶ Como observa Inglebert (Inglebert 1969 498), para Santo Agostinho Roma não é a Cidade de Deus (como talvez o pensasse Eusébio), nem a cidade do Demónio. Ele não condena nem glorifica Roma. Roma pode ser apenas, mesmo enquanto cidade terrestre, uma imagem da cidade celeste por participação com o arquétipo divino.

⁷ *Sermão* 81.9.

A REACÇÃO DO BISPO DE HIPONA

Provavelmente, como tantos outros cristãos, Santo Agostinho debate-se com a questão: porque é que Deus permitiu que acontecesse tal desastre, depois de tão fenomenal expansão do cristianismo?⁸ Porque é que os apóstolos S. Pedro e S. Paulo não protegeram a cidade que guarda as suas relíquias? Porque é que Deus permitiu tamanho sofrimento que atingiu o justo e o injusto que lá moravam? E, como a outros cristãos, ferem-no as acusações vindas dos pagãos: Roma está às portas da morte porque ‘matou’ os seus deuses; enquanto Roma respeitou os deuses antigos, nunca sofreu tamanha agressão. Os deuses vingam-se porque os romanos não lhes prestam o culto devido...

Com esta dupla motivação de, por um lado consolar e convidar à ascese os cristãos, e, por outro, refutar aquelas acusações e dotar de argumentação contra elas os seus fiéis, Santo Agostinho vai desenvolver um conjunto de respostas, tratadas inicialmente nos quatro sermões que aqui apresentamos e que depois sistematiza e estrutura no *De excidio Urbis Romae*. Neste último encontramos, como foi observado por o’Reilly, entre outros, o gérmen da sua obra singular, o *De Ciuitate Dei*.

Embora, como o próprio Santo Agostinho afirma nas *Retractationes*, o *De Ciuitate Dei* tivesse nascido para responder à acusação pagã que responsabilizava o

⁸ Deste fenómeno estava ele consciente, como o provam as suas palavras no sermão 113/A: “Na verdade, irmãos, nós não somos apenas os cristãos que estamos aqui, nós somos, não há muito, o mundo inteiro”. (*Sermão* 113/A. 5).

cristianismo pelos reveses sofridos por Roma⁹, esta obra viria a transpor os limites de uma obra circunstancial e revelar-se-ia monumental, não só pela sua dimensão, mas sobretudo pelo conteúdo. Trata-se de uma leitura cristã da história da humanidade, uma “verdadeira teologia da história, de que não havia precedentes”¹⁰ e que não pode reduzir-se de modo algum a uma resposta, ainda que sistemática e organizada, à invectiva pagã, embora o próprio título (*De Ciuitate Dei contra paganos libri XXII*) o faça supor.

Ora a leitura destes sermões que apresentamos, permite-nos afirmar que não só no *De excidio*, mas em todos eles, podemos precisamente identificar os traços da génese daquela obra singular. E identificamo-los no seu estádio mais original, envolvidos na reacção humana mais instintiva e espontânea, na expressão da dor do ‘cidadão do império’, no espanto do fiel diante do mistério do sofrimento, ou no cuidado do pastor que procura consolar os seus fiéis, afligidos pelos acontecimentos de Agosto de 410, não se inibindo de revelar também os seus próprios sentimentos:

*Ouvimos falar de coisas terríveis: ruínas, incêndios, roubos, matanças, de pessoas submetidas a toda a sorte de violência. É verdade, ouvimos muitas coisas, por todas elas nos lamentámos, muitas vezes chorámos, dificilmente poderemos ser consolados.*¹¹

⁹ *Retractationes* 2.43.1.

¹⁰ M. Citroni et alii 2006 1183.

¹¹ *De excidio* 2. 3.

UMA NOVA ARETÊ: A ASCESE

Como poderiam os cristãos conciliar a fé na Providência de Deus com o sofrimento causado pelas cada vez mais ameaçadoras invasões dos povos bárbaros, ou com o grande *scandalum* que constituía a ‘queda’ de Roma?

Por todo o espaço romano vivem-se momentos de particular ansiedade, são cada vez mais as fendas na cada vez menos firme segurança e invulnerabilidade do império. Sentimentos de angústia, de confusão e perplexidade abalam até os cristãos mais fiéis, expostos à argumentação pagã que acusa os *tempora christiana* de todas as desgraças, que vê no cristianismo e no abandono dos deuses tradicionais a origem do declínio do império, enquanto o deus dos cristãos se revela incapaz de defender Roma e de velar por ela.

Estes sentimentos de insegurança e precariedade, a experiência da catástrofe e do colapso têm naturalmente o seu impacto social e espiritual, a que Santo Agostinho reage fazendo uma reavaliação dos acontecimentos a que assiste e em que, na sua medida, participa.

As ‘respostas’ do bispo pregador em tempos de profunda crise, como são os tempos de guerra, resultam na apresentação de uma nova *aretê* aos seus fiéis, uma *aretê* capaz de reforçar os laços de coesão social (pelo menos entre os cristãos) e susceptível de dar um novo sentido ao sofrimento individual e colectivo. Esta nova *aretê* consiste fundamentalmente na prática da ascese cristã, no exercício de virtudes como a *humilitas*, a *patientia*, a *caritas* e a *spes* (a humildade, a resistência

no sofrimento, a caridade e a esperança), cujos nomes podemos ouvir ao longo destes sermões.

A *humilitas* é condição necessária para a *patientia*. Sem ela, isto é, sem a aceitação simples dos acontecimentos cuja origem está sempre na providência divina, o homem não pode exercitar a *patientia*.

A virtude da *patientia*, sobejamente valorizada pelo estoicismo, mas com novo significado na mundividência cristã¹², merece especial atenção a Santo Agostinho. A sua referência é recorrente neste conjunto de sermões, para dar sentido ao sofrimento humano e revelar a sua dimensão redentora. Nem todo o sofrimento é lugar de *patientia*. No sermão 81, por exemplo, Santo Agostinho preocupa-se em distinguir com clareza o sofrimento e a tribulação, que oferecem ao homem a ocasião de exercitar a virtude da *patientia*, daquele sofrimento que oferece ocasião de pecado e de revolta contra Deus. Para designar o primeiro usa *pressura*, porque ‘esmaga’ o homem de modo a que nele se separem, como na azeitona, o azeite puro da baganha. Para designar o segundo usa *scandalum*, a pedra que faz tropeçar o homem, a tentação que o faz cair no pecado.

Uma imagem a que recorre frequentemente para exprimir a noção de *patientia* como purificação é a imagem do lagar onde se esmaga a azeitona para dela obter o azeite, ou a do fogo em que se purifica o ouro libertando-o das suas impurezas:

¹² A *patientia* do estóico reside sobretudo na sua autodeterminação, na força da sua vontade. A *patientia* do mártir cristão (que encarna esta virtude) reside na entrega de si próprio, na sua absoluta confiança / fé em Deus.

Neste momento o mundo enfrenta o sofrimento, como que num lagar. Se fores baganha¹³, vais para o esgoto, se fores azeite, ficas na talha. Forçoso é que haja aflições.¹⁴ (...) Tal como na fornalha se prova a prata e o ouro, também o justo, na provação do sofrimento¹⁵. Também da fornalha do ourives se tira outra semelhança. Numa pequena panela encontram-se três coisas: o fogo, o ouro e a palha. E aí vê-se a imagem do mundo inteiro, aí está a palha, aí está o ouro, aí está o fogo. A palha faz-se em cinzas, o fogo arde e o ouro sai purificado. Do mesmo modo, no mundo inteiro há justos, há ímpios e há tribulação. O mundo é como que a fornalha do ourives, os justos são como que o ouro, os ímpios como que a palha e a tribulação é como que o fogo.¹⁶

Nas circunstâncias críticas do seu tempo, Santo Agostinho aponta outra virtude na sua proposta ascética: a *caritas*. Mais uma vez fazendo ouvir no seu o texto paulino, Santo Agostinho evoca a indissociabilidade *fides / caritas*, e no sermão 81 cita a sua epístola aos Gálatas: *a fé actua por meio da caridade*.¹⁷ Para sua protecção contra as tentações no meio da tribulação, os cristãos não devem apenas escutar a lei divina. “Escutá-la é pouco, se não a amarmos”¹⁸ – diz ele. E amar a lei, prossegue, é observá-la. No pensamento de Santo Agostinho, pois, a *caritas*, mais ainda que o corolário de todas as virtudes, é a consumação da fé; por isso apela aos seus fiéis que a exercitem:

¹³ *Si amurca es...* A baganha é o ‘bagaço’ da azeitona.

¹⁴ Cfr. 113/A. 11.

¹⁵ Pr 17, 3.

¹⁶ *Sermão* 113/ A. 11. Vejam-se outros passos: 81, 7 e *De excidio* 9.9.

¹⁷ Gl 5, 6.

¹⁸ *Sermão* 81, 1.

*sede humildes, sofri com os que sofrem, acolhei os mais fracos e nesta ocasião em que há tantos desalojados, tantas necessidades e sofrimentos, abunde a vossa hospitalidade e abundem as vossas boas obras.*¹⁹

Um apelo que se revela muito presente neste grupo de sermões é o exercício da *spes*, a esperança, fundamental nesta proposta ascética. Sem ela as outras seriam vazias de sentido.

Com efeito, a ascese proposta por Santo Agostinho radica na escatologia cristã e ganha sentido num quadro mental que distingue e ordena com clareza duas ordens de realidades: as realidades efémeras e as terrenas, as realidades eternas e as divinas, distinção em que Santo Agostinho insiste repetidamente nestes sermões. Por várias ocasiões explora os binómios visível / invisível, exterior / interior, efémero / eterno (especialmente no sermão 105), associando-os aos conceitos de passado / futuro, para distinguir estas duas ordens de razões. Os bens eternos, prometidos por Deus, são futuros, e é neles que o cristão deve pôr a esperança; os bens terrenos são passado, como todos os apelos do mundo, por isso Agostinho exorta: “Presta atenção, volta-te para o que está adiante de ti e esquece o que está para trás”²⁰; ou: “Volta então a tua esperança para as coisas invisíveis: espera, resiste. Não voltes para trás o olhar”²¹.

¹⁹ *Sermão* 81, 9.

²⁰ *Sermão* 105, 5.

²¹ *Ibid.*

O apelo fundamental de Santo Agostinho aos fiéis que o ouvem é, portanto, o de pôr no futuro, nos bens eternos prometidos por Deus, a sua esperança. Para melhor explicar no que consiste esta esperança compara-a ao ovo:

*A esperança, de facto, não chega a ser uma realidade, tal como o ovo é alguma coisa, mas não ainda o pintainho.*²²

Nesta tensão constante, pois, voltada para a eternidade, a *ciuitas* romana é convocada a realizar a natureza divina que nela é latente enquanto peregrina na terra. Como, então, protestar porque caem em ruína as realidades terrestres?

*Porque protestas? Deus não me prometeu que estas coisas não morreriam, não foi isto que Cristo me prometeu. O Eterno prometeu bens eternos²³ e se eu acreditar, de mortal tornar-me-ei eterno.*²⁴

ECCE PEREUNT OMNIA CHRISTIANIS TEMPORIBUS: A INVECTIVA PAGÃ

Em cada um dos sermões Santo Agostinho recorda as invectivas lançadas pelos pagãos: tudo está à morte nestes tempos que são os cristãos! Roma está às portas da morte porque ‘matou’ os seus deuses, proibindo o seu culto.

²² Sermão 105. 5.7.

²³ O latim, na sua expressão sintética, é eloquente: *Aeterna promisit Aeternus*

²⁴ Sermão 105.6.8.

A esta acusação, Santo Agostinho lança-se no ataque aos ídolos. Se esses deuses pudessem velar por Roma, não deixariam destruir as suas imagens. Para reforço deste argumento, evoca o exemplo de três cidades florescentes (Alexandria, Constantinopla e Cartago) que também renunciaram aos cultos pagãos mas nem por isso estão em ruína:

Ora, também Alexandria outrora destruiu esses deuses. E Constantinopla, criada para vir a ser uma grande cidade, ao ser fundada por um imperador cristão, destruiu também os falsos deuses. E, no entanto, cresceu, prospera e permanece. E há-de permanecer enquanto Deus quiser. E ao afirmá-lo, não lhe estamos a prometer a eternidade. Cartago permanece, em nome de Cristo, e não foi há muito tempo que derrubaram a deusa Celeste²⁵, porque não era celeste mas terrestre.²⁶

A vitória do exército romano chefiado por Estilício sobre um chefe dos godos, Radagásio, entre 405-406, oferecerá outro argumento a Agostinho. Radagásio, que sacrificava aos deuses pagãos, foi vencido pelo exército dos romanos, que não sacrificavam. Porém, os que recentemente tinham tomado a cidade eram precisamente adversários dos ídolos (embora ariano, Alarico não deixava de ser cristão, logo, inimigo dos ídolos).²⁷

Um olhar sobre a longa história de Roma fornece ainda mais argumentos a Santo Agostinho. Afinal,

²⁵ Celeste ou Tanit, deusa púnica venerada no Norte de África.

²⁶ *Sermão* 105. 10.13.

²⁷ Cfr. *ibid.*

a cidade que ardera, agora que os cultos pagãos eram proibidos, já tinha ardido por duas vezes, às mãos dos gauleses e às mãos de Nero, quando ainda se sacrificava aos deuses pagãos.²⁸ Nessa altura, esses mesmos deuses não puderam proteger a cidade.

Roma está decadente, diz Agostinho, porque todas as cidades têm um fim, como o próprio Virgílio reconheceu nas *Geórgicas*.²⁹ Se na *Eneida* o poeta promete a eternidade a Roma, é nas palavras de Júpiter, ‘um deus falso’, e não na sua própria boca, que o faz. Ao tecer as suas considerações sobre a efemeridade das realidades terrestres, Santo Agostinho enfrenta directamente o mito da *Roma Aeterna*, por isso vê-se na necessidade de referir e apresentar a sua leitura de Virgílio quando na *Eneida* Júpiter assegura a Vénus um império sem fim para os romanos.

Com invulgar vivacidade, Santo Agostinho convoca o próprio Virgílio, que, encenando um ‘à parte’, justifica com a adulação as afirmações sobre a pretensa eternidade do império romano:

“Eu próprio sei disso, mas que havia de fazer eu, que vendia os meus versos aos romanos, senão, por meio desta adulação, prometer-lhes algo que era falso? E ainda assim fui prudente, pois quando disse: Dei-lhes um império sem fim, pus estas palavras na boca do Júpiter deles, para que as dissesse. Eu, pessoalmente, nada disse de falso, antes entreguei a Júpiter o papel de falsidade. Ora, tal como era falso o deus, assim era

²⁸ Cfr. *Sermão* 296, 10.

²⁹ *Sermão* 105, 7.10. Santo Agostinho refere-se a um passo das *Geórgicas* (2, 498): *Non res romanae perituraque regna.*

mentiroso o profeta. E quereis saber como sabia estas coisas? Num outro passo, em que não ponho Júpiter (uma pedra) a falar, mas falo por mim próprio, eu disse:

‘Nem os bens de Roma nem o reinos que hão-de perecer.’³⁰

*Vede como eu disse: os reinos que hão-de perecer. Repito: os reinos que hão-de perecer. Não me calei’.*³¹

Esta linha de argumentação que Santo Agostinho desenvolve para mostrar que os deuses dos pagãos também não defenderam a cidade de outras calamidades anteriores e que todas as realidades terrestres têm um fim, não significa que ele parta dos mesmos pressupostos que os que emitem aquelas acusações. Com efeito, o deus de Santo Agostinho não é um *deus ex machina* capaz, ou de quem ele espera que defenda a cidade das catástrofes.

No entanto, há um momento em que os dois pontos de vista se tocam, o das acusações dos pagãos e o de Santo Agostinho. Ambos levantam a questão da responsabilidade humana na sua relação com a catástrofe, embora o façam de maneira diferente. Aqueles atribuem a desgraça à negligência dos romanos para com os deuses dos seus antepassados. Este vê a calamidade como uma oportunidade que Deus oferece ao homem para que este se possa salvar, porque, conhecedor da vontade de Deus, não a cumpriu. No sermão 296, depois de refutar as acusações pagãs, Santo Agostinho sugere: “deixemos de lado os pagãos e voltemos o olhar para nós mesmos”.³² E de seguida compara o mundo ao servo que conhece a

³⁰ *Geórgicas* 2, 498.

³¹ *Sermão* 105, 7.10.

³² *Sermão* 296, 11.

vontade do seu senhor e, no entanto, faz coisas dignas de castigo. Mais merecedor é de castigo o servo que conhece a vontade do seu senhor e não a cumpre, do que aquele que de igual modo não a cumpre mas não a conhece.

Embora dê lugar nos seus sermões à refutação das acusações dos pagãos, Santo Agostinho parece mais preocupado com as questões dos próprios cristãos.

No *De excidio*, por exemplo, Santo Agostinho responde a uma pergunta que ele intui nos seus fiéis: “Se Deus poupou Sodoma em razão de dez justos, porque não poupou Roma? Em Roma não haveria cinquenta, ou mesmo dez justos?”³³ A resposta é, inicialmente, desconcertante. Para Agostinho, Deus não destruiu a cidade, antes a poupou. A cidade não consiste nos seus muros, mas nos seus cidadãos,³⁴ e esses foram poupados à destruição, esses foram postos à prova, para que no futuro pudessem salvar-se para a vida eterna.

Os justos que morreram no ataque dos invasores, diz ele, alcançaram já o *diuinum refrigerium*, pois morreram depois da tribulação, como o pobre Lázaro que foi para o seio de Abraão.³⁵ Muitos salvaram-se e conseguiram até fugir, refugiando-se no norte de África: para esses a queda de Roma foi uma provação, uma oportunidade de reavaliar a sua fé, o valor dos bens eternos e verdadeiros e o valor caduco dos bens terrestres.

³³ *De excidio* 2. O sermão foi antecedido da leitura de *Gen.* 18.

³⁴ *An putatis, fratres, ciuitatem in parietibus et non in ciuibus deputandam ? De excidio* 6.

³⁵ *Vtinam uidere possemus animas sanctorum qui in illo bello mortui sunt. Tunc uideretis quomodo deus pepercit ciuitati. De excidio* 6. 6.

A catástrofe de Agosto de 410 oferece ao pregador um quadro real onde ele pode contemplar (e levar a contemplar) a precariedade da existência terrena, a doutrina da ascese cristã e o valor do sofrimento como realidade redentora e meio de purificação espiritual:

Do mesmo modo, Roma sofreu uma só tribulação na qual o homem piedoso ou se salvou ou se corrigiu e o ímpio, porém, foi condenado. E condenado, dizia eu, quer tenha sido arrebatado desta vida para onde mais possa sofrer as suas justíssimas penas, quer haja permanecido nela, onde de modo ainda mais condenável continue a blasfemar. Ou talvez, na sua inefável clemência, Deus tenha reservado a penitência aos que sabe que pode salvar.

Não nos perturbe, pois, o sofrimento dos justos; trata-se de uma provação.³⁶

Deus não destruiu Roma, Roma são os romanos. Para Santo Agostinho, nesta circunstância difícil os romanos devem exercitar as virtudes ascéticas e aceitar o sofrimento como ocasião de *patientia* e não como ocasião de blasfêmia.

E ROMA MORREU?

Legítimo é interrogarmo-nos sobre a sobrevivência da cidade depois de um golpe duro como foi o de Agosto de 410. Santo Agostinho, como vimos, relativiza a catástrofe, não deixando de exprimir os seus próprios sentimentos em relação à cidade:

³⁶ *De excidio* 9. 9.

*Todos os reinos da terra terão um fim. Se chegou agora o fim, Deus é que sabe. Talvez não seja ainda e, por uma certa fraqueza, por compaixão ou por miséria, desejamos que não venha já.*³⁷

*Talvez este não seja agora o fim da cidade, mas ele virá um dia, seguramente.*³⁸

Nestas palavras, o pregador deixa entrever, por um lado, um secreto desejo, genuinamente humano, de que o mundo em que nasceu sobreviva, manifestando uma natural repugnância pela morte. Por outro lado, confessa uma clara consciência da sua inevitabilidade, reconhecendo que esse mundo terá, como toda a realidade terrestre, um fim.

Mas, na verdade, Roma, como cidade dos homens, sobreviveu por algum tempo. Sobreviveu aos godos e ao saque de 410. Os edifícios públicos foram reconstruídos, as igrejas pilhadas foram de novo enriquecidas e novas igrejas foram construídas, como a de St^a Maria Maior, ou a Basílica de St. Estêvão. Em 455 Roma sofreu, durante duas semanas, os ataques dos vândalos, que pilharam inclusive o palácio imperial e o templo de Júpiter Capitolino. Mais uma vez, apesar dos efeitos catastróficos, a cidade voltou a erguer-se e a recuperar o seu papel de cenário privilegiado das cerimónias imperiais. A sucessão dos reis godos continuou a alimentar o urbanismo romano, importante na manutenção do mito da *Roma Aeterna*, conveniente ao poder político. Teodorico ficaria conhecido pela

³⁷ *Sermão* 105. 8. 11.

³⁸ *Sermão* 81. 9.

sua protecção do património artístico e urbanístico da cidade que no final do séc. V e início do séc. VI era ainda admirada na sua grandeza e monumentalidade. Ao longo do séc. V, depois de cada ofensiva, a urbe modificava-se dando lugar a uma nova cidade, com epicentro, já não no Fórum imperial, mas nos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo. Nasciam novos edifícios ou adaptavam-se antigos, de acordo com as novas referências sociais e religiosas. Só a partir de meados do século VI Roma seguiria um caminho de decadência sem retorno.

No entanto, como símbolo cultural, Roma teria muito mais longa sobrevivência do que como urbe de um império que morreu, e foi em parte graças a essa pervivência por entre os condicionamentos da história, que veio a ser um factor determinante na construção da história e da cultura europeias.

*O DE EXCIDIO VRBIS E OUTROS
SERMÕES SOBRE A QUEDA DE ROMA*

*SERMÃO SOBRE A DESTRUIÇÃO DA
CIDADE DE ROMA*

O EXEMPLO DE HUMILDADE DE DANIEL¹ E A CORRECÇÃO DIVINA

1. 1. Consideremos a primeira leitura² do santo profeta Daniel, em que o ouvimos rezar e nos admiramos quando ele confessa não só os pecados do seu povo como os seus próprios pecados.

Na verdade, depois dessa oração as suas palavras mostravam-no não apenas como suplicante mas também como penitente – depois dessa mesma oração, eis que ele diz: *Enquanto eu rezava e confessava os meus pecados e os pecados do meu povo ao Senhor meu Deus...*³

¹ A leitura de todo o capítulo 9 do livro do profeta Daniel será muito útil para que o leitor moderno possa ‘dar entrada’ no sermão. Daniel confessa os seus pecados e os do seu povo, que se recusou ouvir a voz de Deus, que transgrediu a lei divina e não procurou apaziguar o mesmo Deus renunciando ao mal. Por isso a maldição caiu sobre o povo e o profeta intercede por ele, suplicando a Deus que se digne olhar para as ruínas da cidade e afastar a sua cólera de Jerusalém.

² Trata-se de uma das três leituras comentadas no sermão. Ao tempo de Santo Agostinho havia uma relativa liberdade na escolha das leituras da missa ou do ofício e por vezes a sua selecção podia até estar subordinada ao sermão. Em relação ao número de leituras, este podia variar, mas desde sempre fazia parte da liturgia uma leitura do Evangelho. Este sermão comenta três leituras do Antigo Testamento, como veremos, mas mesmo que o sermão tivesse lugar numa celebração litúrgica eucarística, (o que não era forçoso) isso não nos deve surpreender porque, se a missa era precedida de vigília, podia ter entre quatro a quinze leituras, consoante os costumes locais (Martimort 1992 18).

³ Dn 9, 20.

Ora, quem poderá dizer-se sem pecado, quando o próprio Daniel confessa o seu? Certa vez, foi dito por meio de Ezequiel a um homem soberbo: *Porventura julgas que és mais sábio que Daniel?*⁴ Entre aqueles três santos varões, por meio dos quais Deus quer significar os três gêneros de homem que Ele há-de libertar quando a grande tribulação sobrevier sobre o gênero humano, entre eles Deus colocou Daniel e disse que ninguém se salvaria, senão Noé, Daniel e Job.

É bem claro certamente que, nestes três nomes, como ficou dito, Deus quer significar três gêneros de homem. Estes três varões, porém, adormeceram⁵ já; as suas almas estão junto de Deus e os seus corpos desfizeram-se na terra. Estão à direita de Deus.

Que grande tribulação neste mundo, pois, hão-de temer; de que tribulação desejarão libertar-se? De que modo, então, hão-de ser salvos daquela tribulação Noé, Daniel e Job?⁶

⁴ Ez 28, 3. Estas palavras são dirigidas ao príncipe de Tiro. Os exegetas vêem na sua figura uma personificação do poder da cidade.

⁵ *Dormierunt* 'adormeceram'. O termo *adormecer* para significar a morte, embora se registre também no latim pré-cristão como eufemismo, assume no latim cristão uma conotação muito clara de natureza consolatória. A morte é como que um sono, do qual os corpos ressuscitarão para a vida eterna. Esta conotação é tão inequívoca e de tal modo arraigada na tradição cristã que foi assumida na liturgia até aos dias de hoje.

⁶ Ez 14, 13-14. Deus dirige-se a Ezequiel e diz-lhe que, se uma nação pecasse contra Ele e, por revolta, Deus o castigasse com a fome e exterminasse homens e animais, se nessa nação vivessem aqueles três homens, eles salvar-se-iam dessa tribulação graças à sua justiça.

Quando Ezequiel dizia estas palavras, apenas Daniel talvez vivesse ainda no seu corpo.⁷ Noé e Job já então tinham adormecido junto dos seus antepassados no sono da morte. De que modo poderiam então ser salvos da tribulação iminente se, já então, havia muito que tinham sido libertados da carne? Mas em Noé estão representados os bons governantes que regem e conduzem a igreja, tal como Noé guiou a arca no dilúvio; em Daniel estão representados todos os santos que vivem a continência; e em Job, todos os que vivem bem o casamento.

São estes, com efeito, os três géneros de homem que Deus liberta daquela tribulação. Porém, quão louvável é Daniel, o único destes três que mereceu ser nomeado nesta passagem—e que, no entanto, confessa os seus pecados. Confessando Daniel o seu pecado, que soberba não vacilará? Que vaidade não se desvanecerá? Que orgulho, que arrogância não se deterá? *Quem poderá gloriar-se de ter um coração puro, quem poderá gloriar-se de estar limpo de culpa?*⁸

2. E admiram-se os homens, e quem dera que apenas se admirassem e não blasfemassem também, quando Deus repreende o género humano e o censura com o flagelo do piedoso castigo, fazendo disciplina antes do juízo, não escolhendo a maior parte das vezes

⁷ Para alguns exegetas este Daniel evocado na tríade que Santo Agostinho refere não é o profeta mas uma figura mais antiga, que Ezequiel conheceria pela sua proverbial santidade e sabedoria (O'Reilly, 1955 78).

⁸ Pr 20, 9.

quem põe à prova por não querer que alguém se condene. Castiga então, ao mesmo tempo, o justo e o injusto.⁹ E todavia, quem se dirá justo se até Daniel confessa o seu pecado?

O CASO DE SODOMA E O CASO DE ROMA

2. 2 Foi lido um passo do livro do Génesis¹⁰ que, a menos que me engane, nos chamou a atenção, no qual Abraão pergunta ao Senhor se, no caso de encontrar cinquenta justos na cidade, a pouparia por causa deles, ou se, pelo contrário com eles a destruiria.¹¹

Respondeu-lhe o Senhor que, se encontrasse na cidade cinquenta justos, pouparia a cidade. Insistiu de novo Abraão na mesma pergunta, a saber, se acaso fossem menos cinco e restassem quarenta e cinco, do mesmo modo pouparia a cidade. E Deus respondeu que a pouparia por causa desses quarenta e cinco.

Enfim, para quê dizer mais? Insistindo sempre na mesma pergunta e diminuindo aos poucos aquele número, lá acabou por chegar a dez e perguntou ao Senhor: se se encontrassem dez justos na cidade, deitá-los-ia a perder juntamente com os restantes inúmeros maus ou, pelo contrário, pouparia antes a cidade por causa desses dez justos? E Deus respondeu de novo que por causa de dez justos não deitaria a perder a cidade.

⁹ Heb 12, 6.

¹⁰ Gn 18, 23-32.

¹¹ Santo Agostinho recorda o diálogo entre Deus e Abraão quando este intercede pela cidade culpada, lembrando os justos que lá vivem e que poderão sofrer pelos pecadores.

O que havemos de dizer, irmãos? Tremenda e veemente questão nos é aqui lançada, sobretudo por homens que sem piedade alguma assaltam as nossas escrituras (não decerto por aqueles que piamente as perscrutam) e que dizem, sobretudo acerca da recente destruição de tão grande cidade: “Não haveria em Roma cinquenta justos? Em tão grande número de fiéis, de pessoas consagradas, de tantos que vivem em continência, em tão grande número de servos e servas de Deus, não foi possível encontrar cinquenta justos, nem quarenta, nem trinta, nem vinte, nem dez? Se tal hipótese é inverosímil, por que razão Deus por cinquenta ou mesmo por dez [justos] não poupou a cidade?”

A Escritura não engana, se o homem não se engana. Quando nos interrogamos acerca da justiça de Deus e Deus nos responde sobre a justiça, Ele procura os justos segundo a lei divina e não segundo a lei humana.

Então, eu apresso-me a responder: “Ou encontrou aí alguns justos e poupou a cidade ou, se não poupou a cidade, é porque não encontrou nenhum justo”. Dir-me-ão que é evidente que Deus não poupou a cidade. Eu porém respondo: “Para mim, não é de modo nenhum evidente”. A devastação da cidade que então aconteceu não foi como a de Sodoma.¹² Quando Abraão interrogou Deus, a pergunta era acerca de Sodoma. E Deus, então, disse: “Não deitarei a perder a cidade”; não disse: “Não castigarei a cidade”.

Deus não poupou Sodoma, destruiu Sodoma, consumiu-a completamente nas chamas. Não lhe adiou

¹² Gn 18, 24-33.

o Juízo, mas exerceu sobre ela o que tem guardado para os outros perversos no dia do Juízo. De Sodoma não restou absolutamente nada. Não ficou um só animal do rebanho, um só homem, uma só casa. Tudo o fogo consumiu por inteiro. Eis de que modo Deus destruiu a cidade.

Da cidade de Roma, porém, quantos fugiram¹³ e hão-de voltar, quantos ficaram e se salvaram, quantos, nos lugares sagrados, não foram atingidos!¹⁴ “Mas — dir-me-ão — muitos foram levados como cativos”. Também Daniel, não para seu castigo mas para consolação dos outros. “Mas muitos — dirão ainda — foram mortos.” Também muitos justos profetas *desde o sangue do justo Abel até ao de Zacarias*.¹⁵ E também os apóstolos, e o próprio senhor dos profetas e dos apóstolos, Jesus. “Mas muitos — dirão — foram atormentados por toda a sorte de aflições”. Imaginamos porventura que o foram tanto quanto o próprio Job?¹⁶

¹³ Santo Agostinho refere-se a exilados, muitos dos quais se refugiaram no norte de África. Alguns deles estarão entre os seus ouvintes.

¹⁴ Por ordem expressa do invasor bárbaro Alarico, que, embora herege, era cristão, as basílicas de S. Pedro e S. Paulo foram poupadas ao saque e designadas lugar de refúgio. Muitos que se recolheram nestes templos, foram poupados à violência.

¹⁵ Mt 23, 35; Lc 11, 51. Estas palavras de Jesus reflectem um conjunto de tradições segundo as quais Zacarias teria sofrido morte violenta *entre o templo e o altar*. A tradicional veneração judaica pelos justos profetas (por oposição aos falsos profetas), tem continuidade no cristianismo nascente, que vê na sua perseguição e martírio a antecipação do sacrifício que dá origem ao cristianismo (o sacrifício de Cristo) (Dubois 1994 23-28).

¹⁶ O Livro de Job é frequentemente evocado na obra de Santo Agostinho e Job claramente preferido entre as várias prefigurações

2. 3. Ouvimos falar de coisas terríveis: ruínas, incêndios, roubos, matanças, de pessoas submetidas a toda a sorte de violência. É verdade, ouvimos muitas coisas, por todas elas nos lamentámos, muitas vezes chorámos, dificilmente poderemos ser consolados; não contesto, não nego que ouvimos falar de todas as atrocidades que naquela cidade foram cometidas.

A PACIÊNCIA DE JOB, O JUSTO SOFREDOR, E O SOFRIMENTO DE ROMA

3. Porém, caros irmãos, preste atenção a vossa caridade ao que eu digo. Quando ouvimos no livro do santo Job que, perdidos os seus bens, perdidos os seus filhos, nem o próprio corpo, a única coisa que lhe restava, pôde salvar, mas atingido por uma chaga terrível da cabeça aos pés, permanecia na imundície, apodrecendo em ferida, a escorrer pus, coberto de vermes, torturado pelo terrível suplício das dores; se nos dissessem que a cidade inteira estava assim, sem nada de são, numa chaga horrenda, e que os seus homens eram consumidos pelos vermes em vida, como se estivessem mortos, não era isto pior que aquela guerra? Penso que é mais fácil sofrer no corpo o golpe da espada do que os vermes, mais suportável escorrer o sangue das feridas do que o pus da putrefacção.

Se virmos um cadáver em corrupção, horrorizamo-nos, mas então é menor o sofrimento, ou mesmo nenhum, porque a alma está ausente. Em

veterotestamentárias de Cristo, graças à sua extrema *patientia*.

Job, porém, estava presente a alma para que sentisse, amarrada para que não pudesse fugir, submetida para que sofresse, acirrada para que blasfemasse.

Job suportou esta tribulação e tal lhe foi imputado como grande justiça. Ninguém cuide, pois, o que sofrer, mas o que fazer. No que sofres, ó homem, não intervém o teu poder; é, sim, naquilo que fazes, que a tua vontade está ou não inocente.

Padecia Job; a seu lado, restava apenas a mulher, e não para o consolar, senão para o tentar; não para lhe trazer algum alívio, mas para lhe insinuar a blasfêmia: *Diz qualquer coisa contra Deus e morre*.¹⁷

Vede como a morte seria para ele um benefício, e tal benefício ninguém lho oferecia. Mas em tudo aquilo que a sua santa alma suportava, era exercitada a sua paciência, provada a sua fé, confundida a sua mulher e vencido o demónio. Grande maravilha é ver tão preclara beleza da virtude naquela fealdade de podridão.

Um inimigo o destrói em segredo enquanto, abertamente, o arrasta para o mal uma inimiga, auxílio do demónio, não de seu marido. É ela nova Eva, ele, porém, não o velho Adão. “*Diz qualquer coisa contra Deus — diz ela e morre*. Arranca pela blasfêmia o que não consegues alcançar pela oração”. “*Falaste — diz ele — como a mais insensata das mulheres. Se recebemos das mãos do Senhor os bens, porque não havemos então de suportar os males*”¹⁸?

¹⁷ Jb 2, 9. Esta citação, que ocorre também no sermão 81 (2), segue a *Vetus Latina* e difere da versão da Vulgata (*Benedic Deo et morere*).

¹⁸ Jb 2, 10.

Prestai atenção às palavras deste varão forte e fiel. Prestai ouvidos às palavras de um homem que apodrece por fora mas é íntegro no seu íntimo.¹⁹ *“Falaste como a mais insensata das mulheres. Se recebemos das mãos do Senhor os bens, porque não havemos então de suportar os males? Ele é Pai. Porventura deve ser amado quando acarinha e repudiado quando corrige? Não é Ele Pai, tanto quando promete a vida, como quando impõe a disciplina?”*

Esqueces o seguinte: *“Filho, ao aproximares-te do serviço de Deus, permanece na justiça e no temor e prepara a tua alma contra a tentação. Aceita tudo o que te tiver sido dirigido; no sofrimento resiste, e na humilhação tem paciência. Pois no fogo se provam o ouro e a prata, os homens agradáveis [a Deus], porém, nas chamas da humilhação²⁰”*. Esqueces ainda: *“O Senhor repreende aquele a quem ama e castiga todo aquele que acolhe como filho”*.²¹

OS SOFRIMENTOS DESTE MUNDO E O SOFRIMENTO ETERNO

4. 4. Pensa em qualquer tormento que seja, imagina qualquer suplício humano; compara-o à geena e tudo o que possas sofrer é suave. Aqui é temporário, lá, porém, é eterno, tanto o que atormenta como o atormentado.

Sofrerão porventura, ainda, aqueles que sofreram no momento em que Roma foi devastada? O homem

¹⁹ No sermão 81 (2), Santo Agostinho apelará de novo para o contraste interioridade/exterioridade; pureza/corrupção; beleza/fealdade, na figura heróica de Job.

²⁰ Sir 2. 1, 4-5, versão da Vulgata.

²¹ Pr 3.12; Heb 12, 6.

rico,²² porém, ainda sofre no Inferno. Ele ardeu, arde e arderá; há-de chegar ao [dia do] juízo e receberá a sua carne, não para seu benefício, mas para seu suplício.

Estas penas, então, tenhamos, se a Deus tememos. Tudo aquilo que o homem tiver sofrido neste mundo, se ele se corrigir, é para seu remédio; se não se corrigir, será para sua dupla condenação. Pois assim sofrerá neste mundo o castigo temporal e, no outro, o castigo eterno.

Falo agora ao vosso coração²³, irmãos. Com razão louvamos, glorificamos e admiramos os santos mártires; celebramos os seus dias com piedosa solenidade, veneramos os seus méritos e, se possível, até os imitamos.²⁴

²² Lc 16, 19-26. Trata-se do homem rico que se banqueteara todos os dias, enquanto à sua porta o pobre Lázaro mendigava algumas migalhas para saciar a fome e os cães lhe lambiam as feridas. Quando morreu, este mendigo foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico, porém, foi sepultado e, dos tormentos do inferno via, ao longe, Abraão e o mendigo. Por isso pediu a Abraão que mandasse Lázaro saciá-lo com uma gota de água, mas este respondeu-lhe que um grande abismo os separava e tal não seria possível. Além disso, ele já tinha recebido os seus bens em vida, enquanto Lázaro recebera males. O homem rico pediu então que Abraão enviasse alguém ao mundo dos vivos avisar os seus irmãos, para que não procedessem como ele e não fossem parar àquele lugar de tormento. Abraão, porém, disse-lhe: “Que ouçam os profetas. Se não ouvem os profetas, também não acreditarão, ainda que alguém ressuscite de entre os mortos”.

²³ Aqui traduzimos *caritas* por ‘coração’. *Dico caritati uestrae, fratres.*

²⁴ A celebração do *natale* ou *dies natalis* dos mártires (o dia da morte, isto é, do seu nascimento para a vida nova) remonta aos primórdios do cristianismo e está documentada em Tertuliano (*De Corona*, 3). A figura do mártir exerce sobre Santo Agostinho

É grande a glória dos mártires mas não sei se foi menor a glória do santo Job. É verdade que a ele não foi dito: “Oferece incenso aos ídolos, sacrifica aos deuses dos gentios, ou nega Cristo”. Mas foi-lhe dito: “Blasfema contra Deus”. Não lhe foi dito para que entendesse: “Se blasfemares, toda a podridão se afastará de ti e voltarás a ter saúde”, mas sim “se blasfemares” –dizia a louca e insensata sua mulher– “morrerás, e, morrendo, cessará o teu sofrimento”.

Como se, na verdade, àquele que morre na blasfêmia, não sobreviesse o sofrimento eterno! A mulher, na sua loucura, aborrecia o sofrimento da podridão presente, mas não pensava sequer no fogo eterno. Ele, porém, suportava as penas do presente para que não caísse nas futuras. Afastava o coração dos maus pensamentos e a língua da maledicência, guardava a pureza da alma na podridão do corpo. Ele via o que evitava no futuro e por isso suportava o que sofria.

Assim, também, todo o cristão, quando padece algum tormento no seu corpo, pense na geena, e verá quão leve é o seu sofrimento. Não murmure contra Deus, nem diga: “Meu Deus, que vos fiz eu, porque sofro tais tormentos?” Diga antes o que disse Job, posto que santo: “*Vós vistes todos os meus pecados e os selastes como num alforge*”.²⁵ Não ousou dizer-se sem pecado, ele

uma forte atracção, como exemplo privilegiado do ‘corpo de Cristo’ que continua a redenção pelo sofrimento. Veja-se um excerto de um comentário ao salmo 40: *Vt moreretur iterum Christum... occisi sunt et martyres (Enarrationes in psalmos 40.1)*

²⁵ *Exquisisti omnia peccata mea, et ea tamquam in saculo signasti.* Jb 14, 16-17. A versão da Vulgata é diferente: *Tu quidem nunc*

que sofria não para ser punido mas para ser provado. Diga o mesmo todo aquele que sofre.

NÃO HAVERIA EM ROMA UM SÓ JUSTO?

5. 5. Havia em Roma cinquenta justos, ou antes, se pensarmos na medida humana, havia milhares de justos; mas se procurarmos usar a medida da perfeição, não havia em Roma um só justo.²⁶ Aquele que ousar dizer-se justo ouvirá da Verdade: *‘Serás tu mais sábio que Daniel?’*²⁷ Ouvi-lo-ás então confessar os seus pecados.²⁸ Porventura estaria ele a mentir quando os confessava? Então estaria em pecado, pois mentia a Deus sobre os seus próprios pecados.

Por vezes argumentam os homens e dizem: “Também o homem justo deve dizer a Deus ‘sou pecador’, e embora saiba que não tem qualquer pecado, deverá dizer a Deus ‘Pequei’”.

Surpreender-me-ia se isto fosse chamado rectidão de conselho. Quem é que fez com que não tivesses pecado? Se de todo não tens pecado, não foi Deus que salvou a tua alma, se é que realmente não tens pecado? Então, medita e encontrarás, não uma só, mas muitas

gressus meos dinumerares, sed parceres peccatis meis. Signares quasi in sacco delicta mea, sed dealbares iniquitatem meam.

²⁶ De seguida Santo Agostinho desenvolve esta ideia de que não há perfeição na justiça terrena. Cfr.1 Jo 1, 8-10. Se dizemos não ter pecado, enganamo-nos, e não há verdade em nós. Porém, se confessamos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar e para nos purificar de toda a iniquidade. Se dizemos não ter pecado, fazemo-l’O mentiroso, e a Sua palavra não está em nós.

²⁷ Ez 28, 3.

²⁸ Dn 9, 20.

faltas. Porém, se enfim não tiveres pecado, não será por graça daquele a quem disseste: “*Eu disse, Senhor, tende piedade de mim, salvai a minha alma, pois pequei contra vós*”?²⁹

Pois se a tua alma está sem pecado, está inteiramente salva a tua alma, e se está inteiramente salva a tua alma, por que razão és ingrato com o médico a ponto de lhe dizeres que ainda tens a ferida quando ele já te curou completamente? Se mostrares ao médico o teu corpo doente e ferido e lhe pedires que use de algum tratamento para te curar, se ele te alcançar a cura e devolver a saúde, se então disseres que não estás curado, não estarás a ser ingrato e insolente para com o médico? Do mesmo modo também Deus te salvou e tu ousas então dizer “tenho uma ferida” e não temes que Ele te responda: “Não fiz nada, então, ou perdeu-se tudo o que fiz? Não recebo qualquer recompensa nem sou merecedor de louvor?”

Deus nos guarde de tal insensatez e vã argumentação. Diga o homem “Sou pecador”, porque o é; diga “tenho pecado”, porque o tem. Se o não tiver, porém, é porque é mais sábio que Daniel.

Por isso, meus irmãos, e apresso-me a concluir esta questão, se os justos assim se devem chamar, como segundo a medida humana é uso chamarem-se, em razão do trato que têm com os demais homens, de sorte a viverem sem a ninguém ofender, muitos desses haveria decerto em Roma, e por isso Deus os poupou e muitos conseguiram fugir; até mesmo os que morreram, Deus os poupou.

²⁹ Sl 40, 5.

Se eles morreram numa vida de bondade, na verdadeira justiça e na fé, não foram eles libertados das desventuras do infortúnio humano e não alcançaram a consolação divina? Morreram depois da tribulação. E como estava aquele pobre diante da porta do rico? Porventura passaram fome. Também ele passou. Padeceram chagas? Também ele padeceu, e talvez a eles os cães não lhas lambessem. Morreram? Também ele morreu, mas ouvi com que fim: *sucedeu que aquele homem pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão*.³⁰

DEUS NÃO DESTRUIU ROMA

6. 6. Oh! Pudéssemos nós ver as almas dos santos que morreram naquela guerra! Veríeis então como Deus poupou a cidade. Milhares de almas santas estão agora no Céu e jubilosas dizem a Deus: “Graças Vos damos, Senhor, porque nos arrebatastes das aflições e dos terríveis tormentos da carne. Graças, Senhor, porque já não receamos nem os bárbaros nem o demónio, já não tememos na terra a fome, nem o inimigo, nem a perseguição ou o opressor. Morremos na terra, mas junto de vós, Senhor, já não havemos de morrer, não por nossos méritos mas pela vossa Graça”.³¹

³⁰ Lc 16, 22.

³¹ Segundo Santo Agostinho, então, havia em Roma muitos justos, por isso Deus poupou a cidade e não a destruiu como fez com Sodoma. E não é seguramente a primeira vez na história que morrem justos pelos pecadores, como aconteceu com muitos profetas, *desde o justo Abel até Zacarias* (cfr. 2 *supra*). E estes justos dão acções de graças porque prefiguram, como Abel e Zacarias, o sofrimento de Jesus, o justo sofredor, por excelência.

Quão grande é a cidade dos humildes que tais coisas diz! Pois julgais, irmãos, que a cidade se mede pelos seus muros, e não pelos seus cidadãos?³²

Assim, se Deus dissesse aos habitantes de Sodoma: “Ponde-vos em fuga, pois vou lançar fogo a este lugar”, não diríamos que tinham grande benesse se fugissem e se as chamas caídas do céu devastassem as suas casas e os seus muros? Deus não teria poupado a cidade se esta se tivesse mudado, fugindo à destruição do fogo?

O CASO DE CONSTANTINOPLA

7. Não é verdade que há alguns anos,³³ era Arcádio³⁴ imperador de Constantinopla (e o que vou dizer, sabem-no alguns dos que me estão a ouvir; ou melhor, alguns desta assembleia presenciaram-no), querendo Deus intimidar a cidade e, assim, pelo temor, convertê-la, pelo temor purificá-la, pelo temor

³² *An putatis, fratres, ciuitatem in parietibus et non in ciuibus deputandam?* Santo Agostinho distingue a cidade no sentido social e político, o conjunto dos cidadãos, a *ciuitas*, da cidade no sentido do espaço físico e urbano, os edifícios, a *urbs*. A mesma distinção surge no sermão 81 (9) *Roma enim quid est, nisi Romani?*

³³ Os fenómenos a que Santo Agostinho se refere são descritos nos *Chronica Minora* de Marcelino e Próspero (2. 64): *terra motus per dies plurimos fuit caelumque ardere uisum est*. As opiniões quanto à data destes fenómenos dividem-se. Os *Chronica Minora* indicam o ano de 396, data contestada por autores modernos como O'Reilly (1955 89), que propõe o ano de 398. Mais recentemente, porém, Woods (1992: 331-337) sustenta que estes fenómenos se seguiram ao terramoto que abalou Constantinopla em Abril de 396 (Fredouille 2004 123).

³⁴ Filho mais velho de Teodósio, Arcádio foi imperador no Oriente de 395 a 408, enquanto no Ocidente, a Teodósio sucedeu o filho Honório.

transformá-la, apareceu numa revelação a um homem, seu servo fiel, um militar, segundo se conta, e lhe disse que a cidade haveria de sucumbir a um fogo caído do céu, e o incitou ainda a avisar o bispo?³⁵

Assim foi, e o bispo não menosprezou o que ouviu e falou ao povo. A cidade pôs-se de luto e converteu-se à prática da penitência, do mesmo modo que outrora o fizera a antiga Nínive.³⁶

Porém, para que não pensassem os homens que quem o dissera fora enganado ou pelo erro ou pela mentira, chegou o dia que Deus tinha avisado. Quando todos estavam a olhar, à espera do fim, com grande temor, ao início da noite, já o mundo escurecia, foi avistada a Oriente uma nuvem de fogo, a princípio pequena, mas que depois, lentamente, à medida que avançava sobre a urbe, crescia de tal modo que um temor desmedido pairava terrivelmente sobre toda a cidade.

Via-se uma chama horrenda suspensa do céu,³⁷ nem mesmo faltava o cheiro do enxofre. Todos se refugiaram na igreja, que não comportava a multidão. Cada um reclamava a todo o custo o baptismo a quem lho pudesse dar. E não só na igreja, mas também nas casas, nas ruas e nas praças, se suplicava a salvação que

³⁵ Se estes factos se deram em 396, o bispo seria Nectário (bispo de Constantinopla entre 381 e 397). Se, pelo contrário aconteceram em 398, o bispo seria João Crisóstomo, que sucedeu àquele até 404.

³⁶ Cfr. Jn 3, 5-10. Nínive, outra cidade que foi poupada à destruição porque ouviu o profeta, arrependeu-se e fez penitência.

³⁷ Alguns autores vêm neste fenómeno a aurora boreal. É o caso de Demougeot 1955 194.

esse sacramento contém, a fim de evitar a ira [divina], não só a presente, mas também a futura.

Quando, depois desta grande tribulação, Deus confirmou a fidedignidade do seu servo e da sua revelação, aquela nuvem, do mesmo modo que crescera, também começou a diminuir lentamente até se dissipar. O povo, um pouco refeito e mais calmo, ouviu de novo que devia forçosamente partir, pois, no sábado seguinte, a cidade haveria de perecer.

Toda a cidade, então, partiu com o imperador. Ninguém ficou em casa, ninguém fechou a sua casa. Afastando-se para longe das muralhas, voltando o olhar para a doce morada, em pranto, despediram-se do lar querido que tinham deixado.

Percorridas já algumas milhas, aquela grande multidão reuniu-se num mesmo lugar para dirigir ao Senhor as suas preces, quando viu subitamente uma coluna de fumo e soltou a Deus um grande brado. Depois, quando viram que a situação tinha acalmado, mandaram alguém que lhes trouxesse notícias.

Passada a anunciada hora de aflição e chegando a notícia de que as muralhas e as casas estavam completamente ilesas, todos regressaram cheios de gratidão. Ninguém perdeu o que quer que fosse da sua casa e cada um a encontrou aberta, tal como a deixara.

ROMA NÃO FOI DESTRUÍDA, MAS REPREENDIDA

7. 8. Que dizer então? Qual das duas aqui se manifestou, a ira de Deus ou a sua misericórdia? Quem duvida que o Pai é todo misericordioso e que preferiu

corrigir, por meio do terror, a castigar, quando uma tão grande calamidade prestes a precipitar-se não atingiu nenhum homem, nenhuma casa, nem um só muro? Tal como quando a mão que, pronta a castigar, se levanta e se detém por piedade diante daquele que, aterrorizado, estava para ser punido, assim aconteceu com aquela cidade.

Porém, se naquele espaço de tempo em que ela tinha sido abandonada e toda a população tinha saído, se abatesse a destruição sobre aquele lugar e [Deus] tivesse destruído toda a urbe, como em Sodoma, não deixando sequer as ruínas, quem duvidaria, então, que Deus tinha poupado aquela cidade³⁸ – uma vez que advertida e intimada ela tinha partido e emigrado – destruindo tão somente aquele lugar?

Assim, não há qualquer dúvida de que Deus poupou a cidade de Roma, que, antes do terrível incêndio, em muitos lugares, já tinha partido em grande número. Tinham partido os que haviam fugido e tinham partido os que, mais depressa ainda, haviam deixado o corpo. Muitos dos que ficaram esconderam-se conforme puderam, muitos deles nos lugares sagrados, e conservaram-se sãos e salvos.

Pela mão de Deus que corrige, então, a cidade foi mais castigada do que destruída, como o servo que,

³⁸ Neste passo, para se referir a Constantinopla, Santo Agostinho emprega primeiro o termo *urbs* e depois *ciuitas*, continuando a distinção acima referida. Se Deus tivesse destruído aquele lugar (*totam urbem...perdidisset*), quem duvidaria que Deus tinha poupado a cidade (*pepercisset illi ciuitati*)?

mesmo conhecendo a vontade do seu senhor, faz coisas dignas de castigo e recebe muitos açoites.³⁹

A UTILIDADE DO SOFRIMENTO

8. 9. Oxalá isto sirva de exemplo a temer e que o mundo, sedento de perversas concupiscências, ávido de desfrutar perniciosas volúpias, mostrando o Senhor quão instáveis e efêmeras são todas as vaidades do século e loucas as suas mentiras, antes se modere que murmure contra o Senhor perante os merecidos flagelos.

Uma só vez, a grade vai à eira para que a palha seja cortada e o grão dela se liberte; uma só vez, o ouro sofre o fogo na fornalha para que se transforme a palha em cinzas e o ouro fique limpo das impurezas.⁴⁰

Do mesmo modo, Roma sofreu uma só tribulação, na qual o homem piedoso ou se salvou ou se corrigiu e o ímpio, porém, foi condenado. E condenado, dizia eu, quer tenha sido arrebatado desta vida para onde mais possa sofrer as suas justíssimas penas, quer haja permanecido nela, onde de modo ainda mais condenável continue a blasfemar. Ou talvez, na sua infável clemência, Deus tenha reservado a penitência para os que sabe que pode salvar.

Não nos perturbe, pois, o sofrimento dos justos; trata-se de uma provação. A não ser que, porventura,

³⁹ Lc 12, 47.

⁴⁰ Estas são imagens habituais para descrever o modo de separação do bem e do mal, do bom e do fraco. Este mesmo motivo será retomado com maior expressividade no sermão 81 (7). *Tribulatio ignis est: aurum te inuenit? Sordes tollit: paleam te inuenit? In cinerem uertit.*

nos horrorizemos quando vemos algum justo suportar nesta terra pesados e indignos sofrimentos, e esquecemos o que suportou o justo dos justos, o santo dos santos. O que sofreu aquela cidade inteira, sofreu-o um só. E vede quem era ele: *O Rei dos reis, o Senhor dos senhores*,⁴¹ que foi preso, amarrado, flagelado, ofendido com todo o género de ultrajes, que foi suspenso do madeiro e crucificado, que foi morto.

Compara Roma a Cristo, compara a terra inteira a Cristo, compara o céu e a terra a Cristo; nada do que foi criado se pode comparar com o seu Criador; nenhuma obra se pode comparar ao seu artífice. *Ele criou todas as coisas e sem Ele nada foi criado*⁴²; e todavia foi traído pelos que o perseguiram.

Suportemos então o que Deus quiser que nós suportemos; Ele que, para nos curar e para nos salvar, enviou o Seu Filho, também sabe, como o médico,⁴³ que sofrimento nos poderá ser útil.

Com razão está escrito: *Que a Paciência realize com perfeição a sua obra*.⁴⁴ Qual será então a obra da Paciência se não suportarmos nenhuma adversidade? Por que razão recusamos suportar os sofrimentos temporais? Porventura temos medo de sermos aperfeiçoados? Pelo contrário, rezemos e imploremos ao Senhor para que, no que a nós diz respeito, guarde o que diz o apóstolo: *Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados para além das*

⁴¹ Ap 19, 16.

⁴² Jo 1, 3.

⁴³ A designação de Cristo como médico, para além de ser frequente na patrística, é comum na obra de Santo Agostinho.

⁴⁴ Tg 1, 4.

*vossas forças; mas, junto com a tentação, dar-vos-á também os meios para sair dela, para que possais resistir.*⁴⁵

⁴⁵ 1 Cor 10, 13.

SERMÃO 81

Das palavras do Evangelho segundo S. Mateus onde somos advertidos a temer os escândalos do mundo (Mt 18, 7-9)

COMO NOS HAVEMOS DE PROTEGER CONTRA OS ESCÂNDALOS

1. As sagradas leituras que há pouco foram lidas e acabamos de ouvir exortam-nos a revestir-nos da força das virtudes, a munir o nosso peito de cristãos contra os escândalos que se disse que hão de vir, e tudo isto pela misericórdia do Senhor.

Que é o homem – diz [a Sagrada Escritura] – *senão o que dele recordas?*¹ *Ai do mundo, por causa dos escândalos,*² diz o Senhor, diz a Verdade. Ele atemoriza-nos, adverte-nos, não porque nos queira angustiados, mas porque não nos quer desprevenidos.

Contra este *Ai*, isto é, contra este mal que devemos temer, este mal tremendo de que nos devemos precaver, consola-nos, exorta-nos e ensina-nos aquela passagem da Sagrada Escritura onde se diz: *Grande Paz têm os que amam a tua lei, para eles não há escândalo.*³ Mas se nos aponta o inimigo que devemos temer, também não cessa de nos mostrar uma muralha fortificada.

¹ Sl 8, 5.

² Mt 18, 7.

³ Sl 118, 165.

Quando ouvias as palavras ‘*Ai do mundo, por causa dos escândalos!*’ talvez pensasses aonde irias, fora do mundo, para não sofrer o escândalo. E para fugir ao escândalo, para onde poderás ir, fora do mundo, senão para junto daquele que criou o mundo? E como poderemos pois acolher-nos junto daquele que criou o mundo, se não escutarmos a sua lei pregada em toda a parte? Escutá-la é pouco, se não a amarmos. A Sagrada Escritura, quando te defende contra os escândalos não diz: “Grande Paz têm os que ouvem a tua lei”. *Com efeito, não são justos diante de Deus os que ouvem a lei, mas os que observam a lei é que serão justificados,*⁴ e a *fé actua por meio da caridade.*⁵ Grande Paz – diz a Sagrada Escritura– *têm os que amam a tua lei, para eles não há escândalo.*

Com este passo se relaciona aquilo mesmo que ouvimos e respondemos em coro quando cantámos o salmo.⁶ *Os humildes possuirão a terra como herança e hão-de gozar de paz em abundância.*⁷ Pois Grande Paz têm os que amam a tua lei. Então, os humildes são os que amam a lei de Deus. *Bem aventurado o homem que tiveres educado, Senhor, e que na tua lei tiveres instruído, hás-de pacificá-lo nos dias de aflição enquanto para o pecador se afunda uma cova.*⁸

⁴ Rm 2, 13.

⁵ Gl 5, 6.

⁶ Nos sermões, Santo Agostinho também recorre frequentemente aos salmos. Note-se a referência ao modo como os fiéis contactaram com a Escritura, (*audiendo et respondendo cantauimus*). Ciente dos efeitos da oração dos salmos nos fiéis, Agostinho considera-os a *uox totius Christi*, a voz de Cristo inteiro: a cabeça que é Cristo e o corpo místico que é a igreja (McCarthy SJ 2005 23-48).

⁷ Sl 36, 11.

⁸ Sl 93, 12-13.

Como parecem diferentes as palavras da Escritura e, no entanto, de tal modo afluem e concorrem num só mesmo pensamento que, ouças o que ouvires brotando dessa fonte abundante, confias e, fiel, aderês à verdade, cheio de paz, ardendo em caridade e munido contra os escândalos.

A SEGURANÇA DOS HUMILDES CONTRA O ESCÂNDALO NO MEIO DA TRIBULAÇÃO

2. O nosso propósito, pois, será ver, procurar saber ou aprender de que modo devemos ser humildes. E a partir do que ainda agora recordei das Escrituras, somos levados a encontrar o que procuramos.

Atente um pouco no seguinte o vosso coração, pois trata-se de algo deveras importante, de como havemos de ser humildes, algo necessário nas adversidades. Na verdade, não chamamos escândalos às adversidades deste mundo. Procurai ver, então, o que é o escândalo: imaginemos que alguém, por exemplo, colocado em necessidade, é atormentado pelo sofrimento. Não se trata de escândalo, mas da aflição do sofrimento. Também os mártires foram atormentados pelo sofrimento, mas não foram subjugados. Deves evitar o escândalo, mas não o sofrimento⁹. O sofrimento atormenta-te, o escândalo subjuga-te.

Qual então a diferença entre sofrimento e

⁹ *Pressura*: com este termo Santo Agostinho designa o sofrimento, mas também o peso, a carga do mesmo sofrimento. Cfr. Blaise 1993 661. Na distinção que aqui faz, Santo Agostinho associa a *pressura* à virtude da *patientia*, capacidade de resistência, física e moral, ao sofrimento.

escândalo? No sofrimento dispões-te a conservar a paciência, a perseverar na constância, a não abandonar a fé e a não consentir no pecado. Se guardares este proceder, ou se o tiveres guardado, o sofrimento não será para ti causa de ruína, antes te servirá como serve no lagar, não tanto para esmagar a azeitona, mas para produzir o azeite.

Então, se nesse sofrimento entoares louvores a Deus, quão útil não é esse lagar que de ti faz emanar tal licor? Quando os apóstolos jaziam na tribulação, acorrentados, e no seu sofrimento cantavam hinos a Deus, o que é que ali era atormentado? O que é que dali emanava?

Job jazia num grande sofrimento, na imundície, pobre, sem bens, sem sustento, sem filhos; rico, sim, mas de vermes, isto no que respeita ao homem exterior. Mas como por dentro estava cheio de Deus, louvava o Senhor e o sofrimento, para ele, não era motivo de escândalo. Onde estava, então, o escândalo? Foi quando se aproximou dele a mulher e lhe disse: “*Diz qualquer coisa contra Deus e morre*”.¹⁰

Quando tudo lhe tinha sido levado pelo demónio, apenas restou a este homem deveras provado uma Eva, não para consolação mas para tentação do marido. Eis onde reside o escândalo.¹¹ Ela acrescentou as misérias dele juntando-lhe as suas

¹⁰ A citação mostra as afinidades de citações bíblicas entre os cinco sermões. Cfr nota à mesma citação no sermão *De excidio*.

¹¹ *Scandalum* é, então, toda a tentação, enquanto ocasião de pecado.

e tentou persuadi-lo a blasfemar. Ele, porém, que era humilde porque Deus o instruíra na sua lei e o consolara nos dias de aflição, tinha uma grande paz no seu coração, que amava a lei de Deus, e nele não havia escândalo. Ela era escândalo, mas não para ele. Já vês agora, então, quem é o homem humilde, o sábio na lei de Deus, quer dizer, na lei eterna de Deus. Pois aquela lei dada aos judeus nas tábuas não existia ainda no tempo de Job, mas existia então como lei eterna nos corações dos justos, de onde foi tirada a lei que foi entregue ao povo de Israel.

Ora, como aquele homem tinha sido consolado pela lei de Deus nos dias de aflição, e como tinha, ele que amava a lei de Deus, uma grande paz, vê como é humilde e o que lhe responde: *Falaste como a mais insensata das mulheres. Se recebemos os bens das mãos do Senhor, porque não havemos de suportar os males?*¹²

QUEM SÃO OS HUMILDES. O MUNDO BOM E O MUNDO MAU

3. Ouvimos, neste exemplo, quem são os humildes. Tentemos defini-los por palavras, se conseguirmos: humildes são os homens a quem, em todas as boas obras que fazem, em tudo o que fazem bem, nada agrada mais que Deus; e a quem, em todos os males que sofrem, Deus não desagrada. Eis, irmãos, atentai nesta regra, nesta lei; apliquemo-nos a ela, procuremos crescer para a cumprir.

¹² Jb 2, 9-10.

De que vale plantar e regar, se Deus não conceder o crescimento? *Nada são, nem aquele que planta, nem aquele rega, mas Deus, que dá o crescimento.*¹³

Ouve, tu que queres ser humilde, que queres ser consolado nos dias de aflição, tu que amas a lei de Deus, para que não haja em ti escândalo, para que tenhas uma grande paz, para que possuas a terra e rejubiles na abundância da tranquilidade; ouve, tu que queres ser humilde. O que quer que faças de bom, não seja para agradar a ti próprio. É que *Deus resiste aos soberbos, aos humildes porém, concede a sua graça.*¹⁴

Portanto, faças o que fizeres de bem, não seja para te agradar a ti mas a Deus; suportes o que suportares de mal, não te desagrades de Deus. E que mais? Faz isto, e viverás. Os dias de aflição não te hão-de aniquilar e conseguirás evitar o que foi anunciado: *Ai do mundo, por causa dos escândalos!* E a que mundo se diz *Ai do mundo, por causa dos escândalos*, senão àquele do qual se disse: *E o mundo não o conheceu?*¹⁵ Não foi aquele de quem foi dito: *Era Deus que reconciliava consigo o mundo em Cristo.*¹⁶ Há, então, um mundo mau e um mundo bom: o mundo mau são todos os maus no mundo; o mundo bom são todos os bons no mundo.

É como quando olhamos para um campo (o que acontece tantas vezes) e esse campo está cheio. E de que fruto? De trigo, por exemplo. E, no entanto, também podemos dizer, e dizemos a verdade, “este campo está

¹³ 1 Cor 3, 7.

¹⁴ Tg 4, 6; Pr 3, 34.

¹⁵ Jo 1, 10.

¹⁶ 2 Cor 5, 19.

cheio de palha”. Ou imaginemos uma árvore cheia de frutos. Outro dirá que está cheia de folhas. Quem diz que está cheia de frutos diz verdade, mas quem diz que está cheia de folhas também diz verdade. E nem a abundância das folhas retirou lugar aos frutos nem a abundância dos frutos estorvou a quantidade das folhas. A árvore está cheia de ambas as coisas, mas uma, é o vento que a vem buscar, a outra é o lavrador que a vem colher.

Assim, pois, quando ouvires *Ai do mundo, por causa dos escândalos!*, não temas. Ama a lei de Deus e para ti não haverá escândalo.

QUANDO O TEU OLHO, A TUA MÃO OU O TEU PÉ SÃO PARA TI MOTIVO DE ESCÂNDALO

4. Mas, imagina que vem ter contigo a tua mulher, procurando persuadir-te a fazer algo de mal. Tu ama-la, tal como se deve amar uma esposa: é uma parte de ti. *Mas se o teu olho te escandaliza, se a tua mão te escandaliza, se o teu pé te escandaliza*, como há pouco ouviste no Evangelho, *corta-os e lança-os para longe de ti.*¹⁷

Quem quer que seja que tu ames, quem quer que seja que tenhas em grande estima, apenas será grande, apenas será uma parte de ti próprio, querida por ti, enquanto não começar a escandalizar-te, isto é, a persuadir-te de algum mal. Prestai atenção, irmãos, porque é aqui que reside o escândalo.

Apresentámos o exemplo de Job e da sua mulher, e aí não se pronuncia a palavra ‘escândalo’. Mas ouve

¹⁷ Mt 18, 8.

as palavras do Evangelho, quando o Senhor anunciou a sua paixão e Pedro começou a dissuadi-lo de a sofrer: “*Afasta-te, Satanás, pois és para mim motivo de escândalo*”.¹⁸

Em suma, o Senhor que te ofereceu um modelo de vida, ensinou-te o que é o escândalo e como deves evitá-lo. Àquele mesmo discípulo, dissera um pouco antes: “*Bem aventurado és, Simão, filho de João*”,¹⁹ e deste modo mostrava que este era membro do seu corpo. Mas assim que começou a ser escândalo, cortou esse membro. Membro que depois refez e repôs no lugar [...].²⁰ Portanto, será motivo de escândalo para ti, aquele que tentar persuadir-te de algum mal.

Atente nisto o vosso coração.²¹ Muitas vezes isto sucede, não por maldade, mas por uma bondade pervertida. Por exemplo, um amigo teu que te estima e que tu estimas, o teu pai, o teu irmão, o teu filho, a tua mulher, vêm-te na desgraça e querem que tu pratiques o mal. E o que é isso, ver-te na desgraça? É ver-te no meio de algum sofrimento. E até talvez estejas a passar por algum sofrimento por causa da justiça, porque não queres dar um falso testemunho. Vou dar-te um

¹⁸ Mt 16, 23.

¹⁹ Mt 16, 17. Depois da interrogação: “E vós, quem dizeis que Eu sou?”, Simão Pedro responde a Jesus: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.” É então que Jesus lhe diz: “Bem-aventurado és, Simão, filho de João, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou, mas o meu Pai que está no Céu.”

²⁰ A edição de Migne assinala neste passo uma lacuna.

²¹ Fredouille (2004 30) opta por traduzir *caritas uestra* por ‘vous qui m’êtes chers’, tendo em conta que a expressão alterna na homilética de Santo Agostinho com *fratres mei*, *fratres carissimi* ou *fratres dilectissimi*. Optámos por uma versão mais literal.

exemplo, que eles abundam, *Ai do mundo por causa dos escândalos!*

Um homem poderoso, por exemplo, por causa de algum dano ou de algum roubo que cometeu, pede-te que dê um falso testemunho. Tu recusas: recusas a falsidade para não renegar à verdade. Sem me deter em pormenores, ele enche-se de ira, e, como é um homem poderoso, pressiona-te.

Entretanto, aproxima-se de ti um amigo que não te quer ver neste sofrimento, que não te quer em desgraça e diz-te: “Faz o que ele diz, peço-te; é assim tão difícil?” E talvez diga como Satanás disse ao Senhor: “*De ti está escrito: Mandou os seus Anjos ao teu encontro para que não firas o teu pé nalguma pedra*”.²²

Talvez este teu amigo, como vê que és cristão, procure persuadir-te, por meio da Lei, daquilo que pensa que deves fazer. “Faz o que ele diz”, insiste ele. “O quê? — dizes tu — isso que ele quer é uma mentira, é falso”. E ele então: “E tu não leste já que *todo o homem é mentiroso*?”²³

É este homem que é escândalo! E é teu amigo! O que hás de fazer? É o teu olho, é a tua mão. *Arranca-o e lança-o para longe de ti*.²⁴ E o que é que significa, *arranca-o e lança-o para longe de ti*? Não consintas!, eis o que significa *arranca-o e lança-o para longe de ti*.

Os nossos membros, no nosso corpo, formam uma unidade na sua harmonia, vivem em harmonia e permanecem unidos em harmonia. Quando há

²² Mt 4, 6.

²³ Sl 115, 11.

²⁴ Mt 5, 29-30.

desarmonia, então é porque há qualquer doença ou ferida. Assim, se esse amigo é um membro teu, deves amá-lo, mas se te escandaliza, *arranca-o e lança-o para longe de ti*. Não consintas no que ele diz, afasta-o dos teus ouvidos, talvez ele volte corrigido.

A MENTIRA, PROIBIDA PELA LEI DIVINA

5. Mas de que modo haverás tu de fazer o que digo, de que modo hás-de arrancá-lo, lançá-lo para longe de ti e eventualmente corrigi-lo? Como hás-de proceder? Responde! Ele procurou persuadir-te da mentira através da Lei, dizendo-te: “Anda, diz!”. Talvez não tenha ousado dizer: “Diz uma mentira”, e disse antes: “Diz o que ele quer [que tu digas]”. E tu respondes-lhe: “Mas é mentira!” E ele, para te desculpar diz: “*Todo o homem é mentiroso*”. E tu, irmão, contra isto, responderás: “*A boca que mente mata a alma*”.²⁵

Presta atenção, não é de somenos o que ouviste: *A boca que mente mata a alma*. O que pode contra mim esse inimigo poderoso que me oprime? Porque é que te compadeces de mim e da situação em que me encontro? Porque é que não queres que eu esteja mal, embora queiras que pratique o mal? O que me pode fazer esse homem poderoso? O que é que ele oprime? A minha carne. O corpo, dizes tu, é o que ele oprime. Eu diria mesmo que mata. Não é ele mais suave comigo do que seria eu próprio se mentisse? Ele mata o meu corpo, eu mato a minha alma.²⁶ O homem poderoso,

²⁵ Sb 1, 11.

²⁶ Argumentação com base no dualismo platónico corpo-

levado pela ira, mata o corpo, mas a *boca que mente mata a alma*.

Ele poderá matar o corpo, mas o corpo haveria de morrer, mesmo que não fosse morto [por ele]. Quanto à alma, a que não for morta pela maldade, será recebida na verdade para sempre.

Conserva, pois, o que podes conservar e morra o que um dia há-de morrer. Respondeste-lhe, contudo não resolveste a questão: *Todo o homem é mentiroso*. Responde-lhe também a isso, para que não pense que, para te persuadir da mentira, usou algum argumento válido invocando o testemunho da Lei, colocando-te contra a Lei, por meio da mesma Lei. Na Lei está escrito: *Não darás falso testemunho*²⁷; e na Lei também está escrito: *Todo o homem é mentiroso*.

Olha de novo para aquilo de que há pouco te adverti quando defini, nas palavras que pude, o homem humilde. Humilde é o homem que em tudo o que faz de bem não quer agradar senão a Deus e que em tudo o que sofre de mal não se desagrada de Deus. Eis, então, o que hás-de responder àquele que te disser “Mente, porque está escrito: *Todo o homem é mentiroso*.” Dirás: “Não minto, porque está escrito: *A boca que mente mata a alma*; Não minto, porque está escrito: *Destruirás todos os que falam mentira*²⁸; Não minto, porque está escrito: *Não darás falso testemunho*. Ainda que me oprima com tormentos aquele a quem

espírito, muito frequente na literatura martirial quer cristã quer estritamente estoíca.

²⁷ Dt 5, 20.

²⁸ Sl 5, 7.

desagrado na verdade, eu ouço o meu Senhor: *Não temais os que matam o corpo*”.²⁹

PROCEDAM OS HOMENS NÃO COMO HOMENS MAS COMO FILHOS DE DEUS

6. Mas como é que, então, todo o homem é mentiroso? Porventura não és tu homem? Responde-lhe depressa e com verdade: “Antes não seja homem, para não ser mentiroso”. Ora vede: *Deus olhou do céu os filhos dos homens, para ver se algum conhecia ou procurava a Deus. Mas todos se desviaram, todos se perderam, não há quem faça o bem, não há um sequer*.³⁰ E por que razão? Porque quiseram ser filhos dos homens.

Mas para os livrar destas iniquidades, para os redimir, para deles cuidar, para os salvar, para transformar os filhos dos homens, *deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*.³¹ Porque vos admirais, então? Se fôsseis filhos dos homens, sériéis homens; todos homens e todos mentirosos, pois *todo o homem é mentiroso*. Mas sois tocados pela Graça de Deus, que vos deu o poder de vos tornardes filhos de Deus. Escutai a voz do meu Pai quando diz: “*Eu disse: vós sois deuses, pois sois todos filhos do Altíssimo*”.³²

Assim, os homens filhos dos homens, se não são filhos de Deus, são mentirosos, pois *todo o homem é mentiroso*. Porém, se são filhos de Deus, redimidos pela

²⁹ Mt 10, 28.

³⁰ Sl 13, 2-3.

³¹ Jo 1, 12.

³² Sl 81, 6. Jesus cita estas palavras quando se defende da acusação de blasfêmia. Cfr . Jo 10, 31-38.

graça do Salvador, resgatados pelo seu sangue precioso, renascidos na água e no espírito, predestinados para receber a herança dos céus, então, são também filhos de Deus. Portanto, são deuses.³³

Que tem a mentira que ver contigo? Adão foi apenas homem; Cristo foi homem Deus, Deus criador de toda a criatura. Adão foi homem, Cristo foi homem mediador de Deus, Filho único do Pai, Deus homem. Eis então como tu, homem, estás longe de Deus e como Deus, lá no alto, está longe do homem. No meio colocou-se Deus-homem. Reconhece Cristo, e por meio do homem sobe até Deus.

O ESCÂNDALO DOS PAGÃOS E OS SOFRIMENTOS DESTES MUNDO

7. Corrigidos, então, e, se o conseguirmos, humildes, sustentamos inabalável a nossa fé. Amemos a Lei de Deus de modo a evitar o que foi dito: *Ai do mundo por causa dos escândalos!*

Falemos agora dos escândalos de que está cheio o mundo, da maneira como se propagam os escândalos e abunda o sofrimento. O mundo está devastado, esmagado como que num lagar. Vamos, cristãos, raça celestial, peregrinos nesta terra que procurais a vossa cidade no céu, que ansiais por vos juntardes aos santos

³³ Esta afirmação é melhor compreendida se tivermos em conta que Santo Agostinho considera que tornar-se divino é a essência da redenção cristã. Ultimamente, esta questão da participação humana na vida divina tem merecido uma atenção mais sistemática (Meconi SJ 2008 61-74).

anjos, compreendei que vós viestes a este mundo para partir.

Vós passais pelo mundo, lutando por aquele que criou o mundo. Não vos deixeis perturbar pelos que amam o mundo, os que querem ficar no mundo mas, queiram ou não queiram, são forçados a deixá-lo; que eles não vos iludam, não vos seduzam. Estes sofrimentos não são escândalos. Sede justos, e eles serão antes provações.

A tribulação chega, sim, e será o que quiseres, provação ou condenação. Será conforme te encontrar. A tribulação é fogo. Se te encontrar ouro, leva as impurezas, se te encontrar palha, desfaz-te em cinzas. Eis porque os sofrimentos que abundam não são escândalos. Então o que são os escândalos? São aqueles acusações e aquelas palavras com que nos dizem: “Vejam no que resultam os tempos cristãos!” Isto é que é o escândalo. Na verdade dizem-te estas coisas para que tu, se amas o mundo, blasfemes contra Cristo. E diz-te isto o teu amigo, o teu confidente: o teu olho, pois. Diz isto o teu criado, ou aquele com quem trabalhas: a tua mão, pois. Diz isto talvez o que te sustenta, o que te levanta da tua humilde condição: o teu pé, pois.

Arranca-o, corta-o, lança-o para longe de ti, não cedas. A tais palavras responde como respondia aquele a quem queriam persuadir a dar um falso testemunho. Responde também tu e, àquele que te disser: “Vejam como, por serem os tempos cristãos, são tamanhos os sofrimentos e o mundo se arruína”, diz-lhe tu: “antes mesmo que tal acontecesse já Cristo mo tinha dito”.

O ANÚNCIO DOS SOFRIMENTOS DESTE MUNDO JÁ CANSADO

8. Porque te deixas, então, perturbar? O teu coração perturbado pelos sofrimentos do mundo é como aquela barca onde Cristo ia a dormir.³⁴ É esta a razão, homem prudente, por que se perturba o teu coração. É esta a razão. Esta barca em que Cristo dorme é o coração em que a fé está adormecida. E o que é que te dizem de novo, cristão? O que te dizem de novo? “Nestes tempos que são cristãos, arruína-se o mundo, acaba o mundo”. Não te disse já o teu Senhor: “O mundo será destruído”? Não te disse o teu Senhor: “O mundo acabará”? Por que razão acreditavas quando prometia e te perturbas quando cumpre? É que a tempestade abate-se sobre o teu coração. Tem cuidado com o naufrágio, chama por Cristo!

“*Que Cristo habite pela fé nos vossos corações*”³⁵, diz o apóstolo. Pela fé, Cristo habita em ti. Se a fé está presente, Cristo está presente; se a fé é vigilante, Cristo está vigilante. Se a fé está esquecida, Cristo dorme. Acorda-o, chama-o e diz-lhe: “*Senhor, morremos!*”³⁶ Olha o que nos dizem os pagãos; o que nos dizem, e é bem mais

³⁴ Referência à passagem Mt 8, 23-27: a barca em que seguia Jesus com os discípulos é assolada por uma tempestade. Jesus ia a dormir, por isso os discípulos acordaram-no e pediram-lhe que os salvasse. Jesus repreendeu-os por terem pouca fé, depois ordenou ao mar que acalmasse e seguiu-se a bonança. Os tempos que Santo Agostinho atravessa são implicitamente comparados à tempestade; a barca são os fiéis, a igreja.

³⁵ Ef 3, 17.

³⁶ Mt 8, 26.

grave, os maus cristãos. Acorda, *Senhor, que morremos!*” Se a tua fé for vigilante, Cristo começa a falar contigo. “Porque te perturbas? Não te predisse antes tudo isto? Predisse-o para que, quando sobreviessem os males, esperasses pelos bens, e para que nesses males não te deixasses abater”.

Admiras-te porque o mundo se arruína? Admira-te antes porque o mundo envelheceu. Também o homem nasce, cresce e envelhece. Muitos são os males na velhice: a tosse, a lentidão, a falta de vista, o mal-estar, o cansaço. Envelhece o homem e fica cheio de doenças, envelhece o mundo e fica cheio de sofrimentos.

Porventura parece-te a ti pouco que Deus, na velhice do mundo, te tenha mandado Cristo para te salvar quando tudo se arruína? Não sabes que foi isto que ele quis significar com *a descendência de Abraão*?³⁷ Pois o apóstolo afirma: “*à descendência de Abraão, que é Cristo. Não diz: ‘às descendências’, como se de muitas se tratasse, trata-se, sim, de uma só: e à tua descendência, que é Cristo*”.³⁸ Assim, nasceu um filho ao velho Abraão, tal como Cristo havia de nascer na velhice do próprio mundo.

Ele veio quando tudo envelhecia e criou-te de novo. As coisas que tinham sido criadas, que tinham sido fundadas e que hão-de perecer, aproximavam-se do ocaso. Por isso, necessariamente abundavam os sofrimentos. Ele veio consolar-te no meio desses sofrimentos e prometer-te o repouso eterno.

³⁷ Gn 12, 7

³⁸ Gl 3, 16.

Não queiras pois ficar preso a este mundo velho, não te recuses a rejuvenescer em Cristo, que te diz: “O mundo perece, o mundo envelhece, o mundo finda e padece nos estertores da velhice, mas não temas, *a tua juventude renovar-se-á como a da águia.*”³⁹

ACUSAÇÕES DOS PAGÃOS CONTRA A RELIGIÃO CRISTÃ POR CAUSA DA DEVASTAÇÃO DE ROMA

9. Ora, dizem por aí que foi nestes tempos cristãos que Roma caiu. Mas talvez Roma não tenha caído. Talvez tenha sido castigada em vez de aniquilada, talvez emendada em vez de destruída.⁴⁰ Talvez Roma não morra, se os romanos não morrerem. E na verdade não morrerão, se louvarem a Deus. Morrerão, sim, se O blasfemarem. Pois que é Roma senão os Romanos? Não se trata aqui de pedras, ou de traves, de grandes edifícios ou de extensas muralhas. Tudo isto fora construído de modo que um dia haveria de ruir. Quando o homem construiu, colocou pedra sobre pedra, quando destruiu, derrubou pedra após pedra. O homem fez, o homem desfez.

É um insulto para Roma dizer-se que cai em ruína? Para Roma não, mas talvez para o seu fundador. E fazemos uma injúria ao fundador porque dizemos que a Roma que Rómulo fundou, caiu? Ora se até o mundo que Deus criou há-de ter um fim!

Mas nem mesmo o que o homem fez caiu, senão quando Deus quis, nem o que Deus criou acabou, senão

³⁹ Sl 102, 5.

⁴⁰ É esta a ‘tese’ que Santo Agostinho sustenta no *De excidio* 8.

quando Deus quis. Se a obra humana não cai senão por vontade de Deus, quando poderá cair a obra de Deus por vontade do homem?

Pois tanto o mundo, que Deus criou para ti, há-de findar um dia, como a ti próprio, Deus te criou para um dia morreres. Até mesmo o homem, ornamento da cidade, o próprio homem que nela habita, que a rege e governa, veio para partir, nasceu para morrer, entrou para por ela passar. *O Céu e a Terra passarão*.⁴¹ Porque nos havemos de admirar se a cidade um dia chega ao fim? Talvez não seja agora o fim da cidade, mas ele virá um dia, seguramente.

Mas porque é que Roma perece entre os sacrifícios dos cristãos? E por que razão, entre os sacrifícios dos pagãos, ardeu Tróia, sua mãe? Os deuses em que os Romanos puseram a sua esperança, precisamente os deuses romanos, em que os pagãos romanos puseram a sua esperança, vieram de Tróia, que se consumia em chamas, para fundar Roma.⁴² Os deuses romanos foram primeiro deuses troianos. Ardeu Tróia e Eneias levou consigo os deuses fugitivos. Ou melhor, fugindo, levou consigo as imagens inertes dos seus deuses. Estes apenas puderam ser levados, pois, por um fugitivo, que por si só não teriam podido fugir. E como ele veio para Itália com esses mesmos deuses, foi com deuses falsos que fundou Roma.

⁴¹ Mt 24, 35.

⁴² Com esta alusão à filiação de Roma na figura de Eneias e dos Troianos que fugiram de Tróia em chamas, Santo Agostinho alarga a sua leitura da história romana aos tempos míticos da fundação. O objectivo é fazer perceber ao ouvinte que, afinal, os deuses pagãos também não protegem a cidade onde são adorados, e isso é visível na história da própria Roma, desde logo nas origens.

Seria muito demorado prosseguir com o restante, por isso exporei brevemente o que consta nos escritos dos romanos. Um dos seus autores, de todos conhecido, diz assim: *A cidade de Roma, assim o ouvi, a fundaram e habitaram desde o início os troianos que, exilados, sob o comando de Eneias, vagueavam sem morada certa.*⁴³

Traziam então consigo os deuses, fundaram Roma no Lácio e aí estabeleceram, para que fossem adorados, os deuses que tinham sido adorados em Tróia.

Pela letra de um poeta romano, Juno, ardendo em ira, diz de Eneias e dos troianos fugitivos:

*Uma raça minha inimiga navega pelo mar tirreno, trazendo consigo para Itália Tróia e os Penates vencidos.*⁴⁴

Quer dizer, trazendo consigo para Itália os deuses vencidos. Ora, quando os deuses vencidos eram trazidos para Itália, isso seria sinal do poder divino ou presságio?⁴⁵

Amai pois a Lei de Deus, e não seja para vós escândalo. Rogamo-vos, pois, suplicamo-vos e exortamo-vos: sede humildes, sofri com os que sofrem, acolhei os mais fracos e nesta ocasião em que há tantos desalojados, tantas necessidades e sofrimentos, abunde a vossa hospitalidade e abundem as vossas boas obras.⁴⁶

⁴³ Salústio, *De Coniuratione Catilinae*, 6.

⁴⁴ Virgílio, *Eneida*, 1.67-68.

⁴⁵ Santo Agostinho pretende concluir que, afinal, Roma se fundou na veneração de deuses vencidos e derrotados em Tróia, para colocar o ouvinte diante do paradoxo que seria adorar deuses vencidos como protectores e defensores da cidade.

⁴⁶ O apelo final do pregador resume a intenção do sermão: que

Façam os cristãos o que Cristo manda e sejam apenas os pagãos, para sua infelicidade, a blasfemar.

a recente catástrofe do saque de Roma não seja motivo de escândalo para o cristão, isto é, causa de tentação. Para isso é necessário que o cristão seja humilde na aceitação do sofrimento e que exercite a virtude da caridade para com os que mais directamente sofreram a catástrofe, certamente os refugiados que tinham chegado ao norte de África, alguns dos quais se podiam encontrar naquela assembleia.

SERMÃO 105

Das palavras do Evangelho segundo S. Lucas 11, 5-13: “Aquele de entre vós que tiver um amigo e for ter com ele à meia noite...”, etc...

CRISTO, POR MEIO DE PARÁBOLAS, EXORTA-NOS A PEDIR A DEUS

1.1. Acabamos de ouvir nosso Senhor que nos exorta, o nosso divino mestre e fidelíssimo conselheiro, que exorta a que peçamos e que nos dá quando pedimos. Ouvimo-lo no Evangelho exortando-nos a pedir com afínco e a bater à porta até parecermos impertinentes.¹

E apresentou-nos, até, um exemplo: Se alguém de entre vós tivesse um amigo que de noite lhe fosse pedir três pães porque um amigo seu chegara de viagem e não tinha nada que lhe servir; se, então, aquele lhe respondesse que já estava a descansar, ele e os seus servos, e que não deviam ser incomodados pelos seus pedidos; se ele continuasse a bater e a insistir, a teimar, sem arredar pé, nem mesmo por medo da vergonha mas, antes, forçado pela necessidade continuasse a insistir; então aquele haveria de acabar por se levantar, ainda que não fosse pela amizade, pelo menos pela

¹ Neste sermão Santo Agostinho reporta-se apenas à leitura do Evangelho. Na primeira parte, dedicada ao comentário deste passo do evangelho, a sua pregação resume-se a uma exortação à oração, para pedir a compreensão do mistério divino, a Trindade.

insistência deste, e dar-lhe-ia quantos pães ele quisesse. E quantos queria ele? Não mais que três.²

A esta parábola acrescentou o Senhor uma exortação e de todos os modos nos estimulou a pedir, a rogar, a bater até alcançarmos o que desejamos, o que procuramos, aquilo por que batemos, fazendo uso de um exemplo *a contrario* como aquele de certo juiz que não temia a Deus, nem respeitava os homens mas que, interpelado todos os dias por uma viúva, vencido pelo cansaço, lhe concedeu, contrafeito, o que não pôde pela boa vontade ceder.³

Nosso Senhor Jesus Cristo, porém, pede connosco e com o Pai concede, e não nos exortaria a pedir se não quisesse conceder.⁴ Envergonhe-se, pois, a preguiça humana; pois o Senhor quer mais dar do que nós receber; o Senhor quer mais usar de misericórdia do que nós libertarmo-nos da miséria; e de qualquer modo, se não formos libertados, permaneceremos na miséria, pois quando Ele nos exorta, é no nosso interesse que o faz.

² Como veremos, Santo Agostinho irá desenvolver uma leitura simbólica do passo. Estes três pães são a Trindade, isto é, Deus, o verdadeiro pão para a alma, ou as três virtudes da fé, esperança e caridade.

³ Cfr Lc 18, 1-8, em que Jesus conta a parábola do juiz e da viúva. Um certo juiz que não temia Deus, atendeu e fez justiça a uma viúva que o importunava continuamente clamando justiça, não por respeito a Deus ou aos homens, mas simplesmente para que ela deixasse de o importunar.

⁴ Para Santo Agostinho, Deus exorta-nos a pedir porque sabe já do que precisamos e quer concedê-lo. Este sentido, repetido insistentemente na primeira parte do sermão, aprofunda-se, lido à luz da questão agostiniana da cooperação humana com a graça divina. Deus quer que o homem peça de modo a exercitar o desejo e assim melhor receber o que Ele lhe quer dar.

UM AMIGO QUE VEM DE VIAGEM E A QUEM É PRECISO RESTABELECEER AS FORÇAS

2.2 Vigiem, pois, e confiemos naquele que exorta, obedeçamos àquele que promete, alegremo-nos com aquele que dá. Talvez já nos tenha sucedido ter chegado um amigo de viagem e não termos encontrado nada para lhe servir e, forçados por esta necessidade, aceitámos este constrangimento, para nós e para ele. Não é possível que a algum de vós nunca tenha acontecido que um amigo lhe tenha feito algum pedido ao qual não pôde dar resposta, achando-se então sem nada para dar quando se via na obrigação de o fazer.⁵

Imagina que vem ter contigo um amigo que regressa de viagem, quer dizer, da vida deste mundo, por onde todos passam como peregrinos e nem um só permanece como se fosse seu possuidor, mas onde a cada homem é dito: *Já repousaste, segue caminho, vamos, cede o lugar ao que vem a seguir.*⁶ Imagina que, porventura, um qualquer amigo teu vem cansado de uma viagem má, isto é, de uma vida má, não encontrando a verdade que o tornaria feliz se a ouvisse e acolhesse, mas antes

⁵ Proposto este exemplo concreto, Santo Agostinho parte para a abstracção através da leitura simbólica e alegórica (Rodomonti 1992 18-28). Aquilo que o homem procura no cristão e que o próprio cristão procura na *peregrinatio* que é a vida, são os dons da fé, da esperança e da caridade que só Deus pode conceder mas só concede a quem os procura e deseja. Daí o apelo inicial à oração. O desenvolvimento deste tema reflecte certamente a preocupação do bispo com a falta de esperança e as dúvidas que perturbam os seus fiéis.

⁶ Sir 29, 33 (versão da Vulgata).

arrostado por toda a ambição e pobreza deste mundo, vem ter contigo porque és cristão, e te diz: “Ensina-me a tua doutrina, faz de mim cristão”. Pede-te aquilo que, talvez pela simplicidade da tua fé, não conhecias e, então, tu não tens como saciar esse amigo que tem fome; solicitado, descobres que tu próprio és pobre, e ao queres ensinar, vês-te forçado a aprender; e envergonhado diante daquele que te questionou não encontrando em ti a resposta que ele procurava, és levado tu próprio a procurar para que a mereças encontrar.⁷

OUTRO AMIGO, INTERPELADO A MEIO DA NOITE PARA DAR TRÊS PÃES

2.3 E onde irás tu procurar? Onde, senão nos Livros do Senhor? Provavelmente aquilo que ele te perguntou encontra-se nas escrituras, mas permanece obscuro.⁸ Provavelmente o apóstolo disse-o numa das suas epístolas. Disse-o de modo que o possas ler mas não o consigas compreender, não podendo tu, pois, transmiti-lo. Contudo, aquele que te interroga continua a pressionar-te. Não podes interrogar S. Paulo, ou S.

⁷ O apelo inicial do sermão ganha sentido à medida que o discurso avança: ‘pede, insiste, procura e pede, que Deus quer dar-te’. Quem tem fé, então, ainda não encontrou plenamente (Pede-te aquilo que, talvez pela simplicidade da tua fé, não conhecias: *et interrogat quod forte tu per simplicitatem fidem nesciebas*). No entanto, para Santo Agostinho, procurar insistentemente a resposta da fé é garantia de que a encontrará.

⁸ Para Santo Agostinho a Bíblia é um livro difícil, carregado de mistério só compreensível com a procura do seu sentido místico e espiritual. A imagem é expressiva: a noite vai a meio e é grande a ignorância deste mundo (*saeculi huius ignorantia ualida est, hoc est, nox media*).

Pedro, nem profeta algum, pois, na verdade todos estes servos⁹ já repousam com o seu Senhor e grande é a ignorância deste mundo, quer dizer, a noite vai a meio, e o teu amigo com fome pede-te ajuda. Para ti talvez bastasse uma fé simples, para ele não. Ora, deves abandoná-lo ou mandá-lo afastar-se de tua casa?

3. O que deves fazer então é bater à porta do próprio Senhor, daquele com quem descansa a sua família. Bate-lhe à porta, suplica, insiste. Ele não será como aquele amigo que, no mesmo lugar, só vencido pelo cansaço se levantou para dar. O Senhor quer dar. Se bateste à porta e ainda não recebeste, continua a bater, que Ele quer dar. E se tarda em dá-lo é para que mais desejes o que tardas em alcançar, para que não perca valor se for concedido rapidamente.

O QUE SÃO ESSES TRÊS PÃES CONCEDIDOS¹⁰

3.4 Quando finalmente conseguires os três pães, isto é, o alimento e o entendimento¹¹ da [Santíssima] Trindade, terás então com que viver e com que te

⁹ *Iam enim requiescit familia ista cum Domino suo.* Traduzimos *familia* por ‘servos’ por ser mais fiel, no contexto, ao seu sentido.

¹⁰ Embora reconhecendo o valor fundamental do sentido literal da Bíblia, Santo Agostinho compraz-se em desenvolver, como é mais visível a partir deste ponto, uma exegese alegórica que lhe permite revelar ao ouvinte o sentido místico dos textos.

¹¹ *perueneris... ad cibum et intelligentiam Trinitatis.* Como observa Rodomonti (1992, 21), apontando para um passo do *De Trinitate*, 15, 2, 2 (*fides quaerit, intellectus inuenit*), para Santo Agostinho, a Fé procura e a inteligência, ou entendimento, encontra. Em certo sentido a *intelligentia* recompensa a procura da *fides*.

alimentares. Não temas pois o peregrino que vem de viagem mas, recebendo-o, faz desse cidadão um familiar teu; não receies ficar na penúria. Este pão não acabará, antes porá fim à tua indigência. Há um pão, e outro pão, e outro pão ainda: Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. O Pai Eterno, o Filho co-eterno e o Espírito Santo co-eterno. O Pai imutável, o Filho imutável, o Espírito Santo imutável. O Criador, que é Pai, Filho e Espírito Santo; o Pastor que dá a vida e que é Pai, e Filho e Espírito Santo; o pão e o alimento eterno, e que são o Pai, e o Filho e o Espírito Santo. Aprende e ensina; vive e faz viver. Deus, que é quem te dá, não te dá nada melhor que Ele próprio. Avaro, que outra coisa buscavas tu? E se buscasses outra coisa, o que é que seria bastante para ti, se Deus não te basta?

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE, DONS DE DEUS

4.5 Mas é preciso que tenhas caridade, que tenhas fé, que tenhas esperança, para poderes saborear o que te é dado. E estas três coisas são precisamente a fé, a esperança e a caridade. São precisamente estes os dons de Deus. Pois dele mesmo recebemos a fé, conforme diz [a Sagrada Escritura] *segundo a medida da fé, distribuída por Deus a cada um*.¹² E dele recebemos também a esperança, dele a quem se diz: *Nele me deste a esperança*.¹³ E dele mesmo recebemos a caridade, dele de quem se diz: *A caridade de Deus derramou-se em nossos corações*

¹² Rm 12, 3.

¹³ Sl 119, 49.

*pelo Espírito Santo, que nos foi dado.*¹⁴ É certo que estas três coisas são um tanto diferentes entre si, mas todas são um dom de Deus. *Estas três permanecem: a fé, a esperança e a caridade, mas a maior delas é a caridade.*¹⁵ Quanto àqueles três pães, não se diz que um deles é maior que os outros. Simplesmente que são pedidos e concedidos os três.

AS MESMAS TRÊS VIRTUDES REPRESENTADAS DE OUTRO MODO

4.6 Eis outras três coisas: *Porventura se a algum de vós o filho pedir pão, dar-lhe-á uma pedra? Ou se a algum de vós o filho pedir peixe, dar-lhe-á uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á um escorpião? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus vos dará os bens que lhe pedirdes.*¹⁶

Consideremos de novo estas três coisas e vejamos se elas não são aquelas três virtudes da fé, esperança e caridade. A maior destas, porém, é a caridade. Ora, põe diante de ti estoutras três: um pão, um peixe e um ovo. A maior destas três é o pão. Certamente percebemos que, entre estas três, o pão é a caridade. Por isso ao pão se opõe a pedra, porque a dureza contraria a caridade. Compreendemos que o peixe é a fé. Disse-o um santo e a nós agrada-nos repeti-lo: “o bom peixe é a fé piedosa”. O peixe vive no meio das ondas e não se deixa quebrar nem desfazer por elas; a fé vive no meio das tentações

¹⁴ Rm 5, 5.

¹⁵ 1 Cor 13, 13.

¹⁶ Lc 11, 11-13.

e das tempestades do século; o mundo é cruel, mas ela permanece íntegra.¹⁷ Olha agora apenas para a serpente, o contrário da fé. Na fé desposou aquela a quem se diz no Cântico dos Cânticos: *Vem do Libano, minha esposa, tu que vens fazendo caminho desde o início da fé.*¹⁸ Assim, ela ficou noiva porque o princípio do noivado é a fé. Na verdade, o esposo faz uma promessa e fica cativo da fé prometida.¹⁹

O Senhor opôs então a serpente ao peixe e o diabo à fé. Por isso diz o apóstolo à sua esposa:²⁰ “*Desposei-vos*

¹⁷ Na epístola 130 (8, 16) Santo Agostinho faz a mesma leitura simbólica: *fides significetur in pisce, uel propter aquam Baptismi*. Mas, neste passo, provavelmente Santo Agostinho alude à comparação desenvolvida por Santo Ambrósio, segundo a qual o cristão deve ser como o peixe no mar do mundo. O mundo/século, como o mar, oferece correntes contrárias, tempestades violentas e vagas ameaçadoras, mas o cristão, tal como o peixe, nada e sobrevive às vagas do mundo (*Sobre os Sacramentos* III, 3, 1 SC 25). A figura do peixe surge no cristianismo como símbolo de Cristo, associando as letras que compõem a palavra grega ICHTHUS ao monograma *Iesus Chreistos theou huio soter* (Jesus Cristo filho de Deus Salvador). A figura do peixe, abundante na iconografia cristã primitiva, por vezes acompanhada de uma taça ou de um cesto de pão, representava Jesus Cristo e a Eucaristia.

¹⁸ Ct 4, 8. *Veni de Libano, sponsa mea, ueniens et pertransiens ab initio fidei*. Versão segundo a tradução dos Setenta e não segundo a Vulgata. A noiva do Cântico dos Cânticos é Israel, a humanidade, ou, numa leitura pós neotestamentária, a igreja. A relação amorosa celebrada neste livro bíblico exprime uma antiga concepção bíblica da experiência religiosa como relação de amor.

¹⁹ Note-se aqui o cruzamento do conceito cristão com o estritamente clássico de *fides*.

²⁰ *Propterea desponsatae huic dicit Apostolus*. Os autores do Novo Testamento transpuseram a metáfora do esposo/esposa, para Cristo/ igreja. Assim, a relação sponsal entre Cristo e a igreja estende-se ao apóstolo S. Paulo, que fala da comunidade de Corinto, a quem se dirige nesta epístola como a uma esposa: *Desponsauit uos*.

*para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, a Cristo, mas temo que, tal como a serpente com a sua astúcia seduziu Eva, também os vossos pensamentos se afastem da pureza que há em Cristo*²¹, isto é, que há na fé em Cristo. “*Cristo, diz ele ainda, habite pela fé nos vossos corações*”.²² Que o Demónio, pois, não destrua a fé, que o demónio não devore o peixe.

O OVO SIGNIFICA A ESPERANÇA

5.7 Resta então a esperança que, ao que me parece, é comparada ao ovo. A esperança, de facto, não chega a ser uma realidade, tal como o ovo é alguma coisa, mas ainda não o pintainho. Os quadrúpedes, com efeito, parem os seus filhos; as aves, porém, geram apenas a esperança dos seus filhos. Eis ao que nos exorta a esperança: a desprezar o presente e esperar no futuro, esquecendo o que fica para trás e voltando-nos para o que está à nossa frente, como o apóstolo, quando diz: “*um único objectivo persigo esquecido das coisas que ficam para trás e voltando-me para as coisas que estão para diante, no intento de alcançar o prémio do chamamento celestial de Deus em Cristo Jesus.*”²³ Nada, pois, mais contrário à esperança do que olhar para trás, ou seja, pôr a esperança nas coisas passageiras e efémeras, em vez das coisas que ainda não nos foram dadas, mas que hão-de ser e que, quando o forem, jamais passarão.

²¹ 2 Cor 11, 2-3.

²² Ef 3, 17.

²³ Fl 3, 13-14.

Ora, como o mundo abunda em tentações, qual chuva de enxofre de Sodoma, devemos temer o exemplo da mulher de Lot, pois ela olhou para trás e, quando olhou, ali mesmo ficou imobilizada. Ficou transformada em sal para com o seu exemplo dar tempero aos prudentes.²⁴

Desta esperança nos fala assim o apóstolo S. Paulo: *Com efeito, na esperança fomos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; pode alguém ver o que espera? Se, contudo, esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos.*²⁵ Quem poderá ver o que espera? É um ovo. E o ovo não é ainda o pintainho. Está coberto por uma casca; não se vê porque está escondido. É preciso rodeá-lo de calor, para que desenvolva, e esperar com paciência.

Presta atenção, volta-te para o que está adiante de ti e esquece o que está para trás. As coisas visíveis são passageiras. *Não olhemos*, continua o apóstolo, *para as coisas visíveis mas para as invisíveis; as visíveis são passageiras, as invisíveis, porém, são eternas.*²⁶ Volta então a tua esperança para as coisas invisíveis: espera, resiste. Não voltes para trás o olhar. Teme o escorpião, pelo teu ovo. Vê como é a partir da cauda, que tem atrás, que ele fere. Não mate, pois, o escorpião o teu ovo, como não mate o mundo a tua esperança com um veneno que eu chamaria traiçoeiro, porque lançado por trás.

²⁴ A mulher de Lot, transformada em estátua de sal por se ter voltado para trás na fuga de Sodoma (Gn 19, 26) surge como um *exemplum* negativo ou um contra-exemplo.

²⁵ Rm 8, 24-25.

²⁶ 2 Cor 4, 18.

Que coisas te dirá o mundo, que ruídos fará nas tuas costas para te fazer olhar para trás? Quer dizer, para te fazer pôr a confiança nas coisas presentes (ou que nem presentes são, pois não deve ser assim chamado o que jamais permanece); para que afastes o teu espírito daquilo que Cristo prometeu e ainda não concedeu, mas que concederá porque é fiel; para que queiras confiar neste mundo mortal.²⁷

COMO SÃO ÚTEIS PARA OS CRISTÃOS OS FLAGELOS E AS CALAMIDADES

6.8. Deus, na verdade, junta à felicidade terrena as amarguras, para que se procure uma outra felicidade, cuja doçura não engana; e por meio destas mesmas amarguras se esforça o mundo por te afastar daquilo para que te diriges e tens à frente, e por te fazer voltar para trás. Destas mesmas amarguras e tribulações, dizes tu, murmurando: “Eis que tudo está à morte, nestes tempos cristãos”.

Porque protestas? Deus não me prometeu que estas coisas não morreriam, não foi isto que Cristo me prometeu. O Eterno prometeu bens eternos²⁸ e, se eu acreditar, de mortal tornar-me-ei eterno. Porque protestas, mundo imundo? Porque fazes tamanho alarido? Porque te esforças por me desencaminhar? Se tu, sendo mortal, queres deter-me, que farias se fosses

²⁷ *in mundo pereunte*: concluindo a primeira parte com a afirmação do valor e do sentido da esperança verdadeira (nas coisas eternas), dá-se início à segunda parte do sermão, dedicada à refutação das acusações pagãs relativas ao saque de Roma.

²⁸ *Aeterna promisit Aeternus*.

eterno? Quem não enganarias se fosses doce, tu que, amargo, nos dás falso alimento?

Quanto a mim, se tenho esperança e a mantenho, é porque o meu ovo não foi ferido pelo escorpião. *Bendirei ao Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre na minha boca.*²⁹ Quer o mundo prospere quer o mundo se arruíne, *bendirei ao Senhor* que criou o mundo. Simplesmente *bendirei*. Quer ele esteja bem segundo a carne, quer esteja mal segundo a carne, *bendirei ao Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre na minha boca*. Pois se bendigo quando ele está bem e blasfemo quando está mal, é porque fui atingido pelo aguilhão do escorpião e, ferido, voltei para trás o olhar. Longe de nós tal coisa! *O Senhor deu, o Senhor levou; assim agradou ao Senhor, assim foi; bendito seja o nome do Senhor.*³⁰

A CIDADE E O REINO ETERNOS AGUARDAM NOS CÉUS OS CRISTÃOS

7.9. Permanece, ainda, a cidade que nos gerou segundo a carne. Graças a Deus. Oxalá ela pudesse ser gerada também segundo o espírito e connosco passar à eternidade.³¹ Mas se não permanece a cidade que nos gerou segundo a carne, permanece a que nos gerou

²⁹ Sl 33, 2.

³⁰ Jb 1, 2.

³¹ Estas palavras revelam uma humana afeição de Santo Agostinho pela realidade terrena da pátria, que no seu caso é, em relação a Roma, uma pátria cultural e religiosa.

espiritualmente.³² *É o Senhor quem edifica Jerusalém.*³³ Porventura, durante o sono, Ele destruiu o seu edifício? Ou não vigiando, deixou entrar o inimigo? *Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.*³⁴ E que cidade? *Não dorme nem dormirá aquele que guarda Israel.*³⁵ E que é Israel, senão a descendência de Abraão? Que é a descendência de Abraão, senão Cristo? *E à tua descendência*, diz [S. Paulo], *que é Cristo.*³⁶ E então nós? Ora, *vós sois de Cristo; sois, então, a descendência de Abraão, os herdeiros segundo a promessa*³⁷. *Na tua descendência*, diz [S. Paulo], *serão abençoadas todas as nações.*³⁸

A cidade santa, a cidade fiel, a cidade que peregrina na terra, foi fundada no céu.³⁹ Cristão, não destruas a esperança, não percas a caridade, cinge os teus rins,⁴⁰ ergue e faz avançar as tuas candeias, *espera o Senhor, quando Ele voltar das núpcias.*⁴¹ Porque temes ao

³² A ideia desenvolvida neste parágrafo está na gênese da reflexão agostiniana sobre as duas cidades, terrestre e celestial, que encontramos amplamente desenvolvida na *Cidade de Deus*.

³³ Sl 146, 2.

³⁴ Sl 126, 1.

³⁵ Sl 120, 4.

³⁶ Gl 3 16-17: ora, as promessas foram feitas a Abraão e “à sua descendência”. Não se diz: “E às descendências”, como se de muitas se tratasse; trata-se, sim, de uma só: “e à tua descendência”, que é Cristo.

³⁷ Gl 3, 29.

³⁸ Gn 22, 18.

³⁹ *ciuitas in terra peregrina, in coelo fundata est*. As duas cidades cruzam-se fisicamente mas distinguem-se pela gênese espiritual da segunda.

⁴⁰ O costume de cingir os rins antes de começar uma viagem para caminhar mais facilmente é aqui metáfora da vigilância do cristão.

⁴¹ Lc 12, 36. Uma outra parábola da vigilância do cristão é a

ver perecer os reinos da terra?⁴² Para isto te foi prometido um reino celeste: para que não pereças com os da terra. A estes, foi anunciado, e com toda a clareza, que haviam de morrer. Não podemos negar o que foi anunciado. O teu Senhor, em quem que esperas, te disse: *Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino.*⁴³ Os reinos da terra sofrem mudanças, mas virá aquele de quem se diz: *E o seu reino não terá fim.*⁴⁴

POR ADULAÇÃO, VIRGÍLIO PREDISSE A ETERNIDADE A UM IMPÉRIO TERRENO

7.10 Os que fizeram esta promessa aos reinos da terra não foram guiados pela verdade, mas mentiram por adulação. Um desses poetas pôs na boca de Júpiter estas palavras acerca dos romanos:

*A estes não dou limites de espaço nem de tempo,
dei-lhes um império sem fim.*⁴⁵

Mas esta resposta não era, de modo algum, verdadeira.⁴⁶ Este reino sem fim que lhes deste, tu que

imagem dos servos que esperam o noivo quando este regressa das núpcias. A referência às candeias poderá resultar de uma outra parábola da vigiância, a das dez virgens que saíram ao encontro do noivo com as suas candeias mas nem todas tinham levado o azeite necessário (Mt 25, 1-13).

⁴² Santo Agostinho dirige-se agora à consternação geral, também partilhada pelos seus fiéis, provocada pela invasão e saque de Roma.

⁴³ Mc 13, 8.

⁴⁴ Lc 1, 33.

⁴⁵ *Eneida* I, 278-279.

⁴⁶ As palavras de Júpiter pertencem à resposta a Vénus suplicante (I, 209-253). A referência a esta 'falsa profecia' do deus

nada deste, é na terra ou no céu? Certamente que é na terra. E se fosse no céu? *Céus e terra passarão!*⁴⁷ Se aquilo que o próprio Deus criou há-de passar, quanto mais depressa não passará o que Rómulo fundou? Se quiséssemos censurar Virgílio a partir daqui e reprová-lo por ter dito isto, ele chamava-nos à parte e dizia-nos:

“Eu próprio sei disso, mas que havia de fazer eu, que vendia os meus versos aos romanos, senão, por meio desta adulação, prometer-lhes algo que era falso? E ainda assim fui prudente, pois quando disse: *Dei-lhes um império sem fim*, pus estas palavras na boca do Júpiter deles, para que as dissesse. Eu, pessoalmente, nada disse de falso, antes entreguei a Júpiter o papel de falsidade. Ora, tal como era falso o deus, assim era mentiroso o profeta. E quereis saber como sabia estas coisas? Num outro passo, em que não ponho Júpiter (uma pedra) a falar, mas falo por mim próprio, eu disse:

*Nem os bens de Roma nem o reinos que hão-de perecer.*⁴⁸

Vede como eu disse: *os reinos que hão-de perecer*. Repito: *os reinos que hão-de perecer*. Não me calei.⁴⁹ *Que hão-de perecer.*”

falso ‘Júpiter’, torna mais poderosa a refutação.

⁴⁷ Lc 21, 33.

⁴⁸ *Geórgicas* 2, 498.

⁴⁹ Com esta pequena dramatização, os argumentos de Santo Agostinho tornam-se perfeitamente inteligíveis para o seu auditório: Roma não é eterna e terá um fim, como o reconhece Virgílio nas *Geórgicas*. Se na *Eneida* podemos ler que Roma terá um império sem fim, é Júpiter, um deus falso (*louem lapidem induxi loquentem*), quem o afirma.

Não se calou quanto à verdade. Quando disse: “*Permanecerão para sempre*”, nessa altura fez promessas adulatórias.

CONSTÂNCIA PARA SUPORTAR AS ADVERSIDADES

8.11 Não desanimemos, pois, irmãos. Todos os reinos da terra terão um fim. Se chegou agora o fim, Deus é que sabe. Talvez não seja ainda e, por uma certa fraqueza, por compaixão ou por miséria, desejamos que não venha já.⁵⁰ Mas porventura será por isso que ele não vem? Ponde a vossa esperança em Deus, desejai os bens eternos, nos bens eternos esperai.⁵¹ Sois cristãos, irmãos, somos cristãos. Cristo não assumiu a carne em razão das suas delícias. Devemos mais suportar o presente do que deleitarmo-nos com ele. O tormento das adversidades é evidente, mas é falsa a sedução da prosperidade.

Deves temer o mar, mesmo quando está calmo. Não devemos ouvir em vão, de modo algum [a oração] ‘*Corações ao alto*’.⁵² Por que razão pomos na terra o nosso

⁵⁰ Santo Agostinho confessa o seu desejo humano e a sua esperança de que o império romano não tenha próximo o seu fim. Outros passos reforçam esta ideia de que Agostinho acreditava na possibilidade de o mundo romano se salvar.

⁵¹ Reconhecida a falibilidade dos bens terrenos e, sobretudo, a derrocada do mito da *Roma aeterna*, Santo Agostinho faz desta circunstância a oportunidade para a abertura ao eterno e à esperança nos bens eternos. Se os reinos terrenos têm, pela natural caducidade das coisas humanas, um fim, o homem deve esperar na salvação e confiar no bem eterno.

⁵² *Sursum cor: coração ao alto!* Traduzimos pelo plural por reproduzir para o leitor contemporâneo a fórmula litúrgica que introduz a oração eucarística evocada várias vezes nos sermões, de um

coração quando vemos como a terra se arruína? Não podemos senão exortar-vos a que tenhais o que dizer e a responder em defesa da vossa própria esperança aos que insultam e blasfemam o nome dos cristãos.⁵³

Que ninguém, murmurando, vos afaste da esperança dos bens futuros. Todos aqueles que por causa das adversidades destes tempos blasfemam contra Cristo nosso [Senhor] são a cauda do escorpião. Quanto a nós, guardemos o ovo da nossa esperança sob as asas daquela galinha do evangelho que clama a essa falsa e perdida [cidade]: “*Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes quis juntar os teus filhos, como a galinha os seus pintainhos, e tu não quiseste?*”⁵⁴ Que ninguém nos diga: “*quantas vezes eu quis e tu não quiseste!*” Aquela galinha é a divina Sabedoria, mas assumiu a carne para se reunir com os seus filhos. Olhai para esta galinha, com as penas eriçadas, as asas derreadas, a voz alquebrada, trémula, esgotada e abatida,

modo geral para significar que o homem cristão deve depositar a sua confiança em Deus. Vd. Pellegrino 1965 181-187. A concisão desta fórmula litúrgica insiste na orientação vertical do cristão, reforça a oposição entre a terra e o céu, entre o mundo decadente, em ruína, e o mundo eterno em que o cristão deve pôr a esperança.

⁵³ É evidente a preocupação de Santo Agostinho com a capacidade de reacção dos cristãos, que não ficariam indiferentes, nem à catástrofe que assolara Roma, nem às acusações dos pagãos. Ele procura não só encorajar os seus fiéis a exercitar a esperança e a *patientia* mas também prepará-los para dar resposta a essas acusações.

⁵⁴ Mt 23, 37. Estes palavras de Jesus concluem um discurso que condena Jerusalém por não receber os profetas do Senhor, mas antes os perseguir, matar e crucificar, fazendo derramar sangue inocente. A galinha que protege os pintainhos debaixo das suas asas simboliza Cristo. Santo Agostinho refere-se aqui à Jerusalém terrestre, a quem se dirige S. Mateus, que ele cita, e não à Jerusalém celeste, a que se referiu antes, em 7.9

a reunir as suas pequenas crias. Ponhamos então o nosso ovo, isto é, a nossa esperança, debaixo das asas desta galinha.

**A DESTRUIÇÃO DE ROMA, ERRADAMENTE ATRIBUÍDA
À RELIGIÃO CRISTÁ E AO ABANDONO DA IDOLATRIA**

9.12 Certamente vos interrogastes sobre como a galinha aniquilará o escorpião. Oxalá ela matasse e devorasse, oxalá lançasse para dentro do seu próprio corpo e transformasse em ovo esses blasfemos que rastejam na terra, que saem das cavernas prontos a morder com violência!

Porém, não nos devemos deixar tomar pela cólera. Parecemos perturbados, sim, mas não respondemos às maldições com a maldição. *Amaldiçoam-nos e bendizemos, somos insultados e pedimos por quem nos insulta.*⁵⁵

“Ele que não fale de Roma!”, disseram acerca de mim. “Se ao menos ele estivesse calado no que a Roma diz respeito!”⁵⁶ Como se eu estivesse a caluniar e não a pedir por ela, ou como se não fosse antes um de entre vós que vos exorta. Longe de mim maldizer! Que Deus afaste tal coisa do meu coração e da dor da minha consciência. Não tínhamos lá muitos irmãos nossos? Não temos ainda? Uma grande parte da cidade

⁵⁵ 1 Cor 4, 12.

⁵⁶ Aparentemente, a leitura agostiniana do saque de Roma à luz da fé cristá, vendo nela uma repreensão divina e não necessariamente o fim do mundo romano, é mal aceite pelos seus adversários pagãos, em cuja boca ele põe estas palavras. Temos aqui outra ocasião em que o bispo africano mostra a sua romanidade e o seu sentido de pertença ao mundo romano.

peregrina de Jerusalém não vivia lá? Não perdeu aí os seus bens temporais? Os bens eternos, porém, não os perdeu.

Ora o que eu digo, quando não me calo no que respeita a Roma, não é nada mais senão que é falso o que dizem de nosso Senhor Jesus Cristo: que ele próprio deitara Roma a perder, porque os deuses de pedra e de madeira é que velavam por Roma. Aumenta-lhes o preço: os deuses de bronze. Aumenta ainda mais: os deuses de prata e os de ouro. *Os ídolos dos gentios são prata e ouro.*⁵⁷ Não se diz de pedra. Não se diz de madeira. Não se diz de barro, mas daquilo a que se dá mais valor: prata e ouro. E diz-se também que a prata e o ouro *têm olhos mas não vêem.*⁵⁸ Os deuses de ouro e os deuses de madeira são diferentes quanto ao valor, mas quanto a ter olhos e não verem, são iguais.

Eis a que guardiões, homens doutos confiaram Roma, àqueles que, tendo olhos, não vêem. Ora se eles pudessem guardar Roma, porque morreriam antes dela? “Foi então que Roma morreu”, dizem. E eles também morreram. “Não –dizem– não foram eles que morreram mas apenas as suas imagens”. Como poderiam então guardar as vossas casas aqueles que não puderam sequer guardar as suas imagens?

Ora, também Alexandria outrora destruiu esses deuses. E Constantinopla, criada para vir a ser uma grande cidade, ao ser fundada por um imperador cristão, destruiu também os falsos deuses. E, no entanto,

⁵⁷ Sl 113, 4.

⁵⁸ Sl 113, 5.

creceu, prospera e permanece. E há-de permanecer enquanto Deus quiser. E, ao afirmá-lo, não lhe estamos a prometer a eternidade. Cartago permanece, em nome de Cristo, e não foi há muito tempo que derrubaram a deusa Celeste,⁵⁹ porque não era celeste mas terrestre.⁶⁰

A QUEDA DE ROMA NÃO FOI CONSEQUÊNCIA DA DESTRUIÇÃO DOS ÍDOLOS

10.13. Isto que dizem, não é verdade: que Roma foi tomada e humilhada assim que os deuses foram destruídos. De todo, não é verdade. Não tinham sido já destruídas essas imagens quando Radagásio e os godos foram vencidos?⁶¹ Lembrai-vos, meus irmãos, recordai. Não foi há muito, foi até há poucos anos,⁶² ora lembrai-vos: todas as imagens já tinham sido destruídas na cidade de Roma e Radagásio, rei dos godos, com um exército muito mais numeroso⁶³ que o de Alarico, avançou sobre

⁵⁹ Celeste ou Tanit, deusa púnica venerada no Norte de África, tinha um templo em Cartago. Em 399 passou a ser usado como templo cristão, mas foi depois demolido entre 407-408, provavelmente por risco de sincretismo. No *De ciuitate Dei* (2, 4) Santo Agostinho recorda que na sua infância participou em festas em honra desta deusa.

⁶⁰ Estas três cidades cristãs, que, como Roma, abandonaram e proibiram os cultos pagãos, oferecem, com a sua prosperidade, um argumento contra aquelas acusações.

⁶¹ A derrota de Radagásio, um pagão, que avançava sobre Roma, oferece outro argumento a Santo Agostinho.

⁶² A ameaça de Radagásio, vencido por Estilício, ocorreu entre 405-406.

⁶³ Os números fornecidos pelos historiadores da altura (o exército de Radagásio, segundo Orósio, teria cerca de 200 000 homens; segundo Zósimo, 400 000) provavelmente foram inflacionados (Burns 1994 197-199).

a cidade. Radagásio era um homem pagão que sacrificava a Júpiter todos os dias. Dizia-se em todo o lado que Radagásio não tinha deixado de oferecer sacrifícios. Nessa altura todos diziam: “Nós não sacrificamos, mas ele sacrifica. Seremos vencidos por aquele que sacrifica, porque a nós não nos é permitido sacrificar”. E Deus mostrou que a salvação temporal e os próprios reinos da terra não dependem destes sacrifícios. Com a ajuda do Senhor, Radagásio foi vencido de maneira admirável.

Depois vieram godos, que não sacrificam e que, embora não sejam católicos, professam a fé cristã, logo, são inimigos dos ídolos.⁶⁴ Vieram então, adversários dos ídolos e foram eles que tomaram a cidade: venceram os que confiavam nos ídolos, os que queriam recuperar os ídolos perdidos, os que desejavam oferecer-lhes sacrifícios.

Ora, nessa altura também lá estavam os nossos, no meio da aflição; mas souberam dizer: “*A toda a hora bendirei o Senhor*”.⁶⁵ Passaram pela aflição no reino terrestre, porém não perderam o reino dos céus. Mais ainda, por meio do exercício das tribulações, ficaram mais preparados para o alcançar. E se no meio da tribulação não blasfemaram, saíram da fornalha como vasos íntegros e foram cumulados das bênçãos do Senhor.

Esses que blasfemam, que correm atrás dos bens terrenos, que desejam os bens mundanos, que põem

⁶⁴ O cristianismo de Alarico como que atenua o seu ‘barbarismo’. Veja-se neste mesmo sermão (10.13) o passo em que Santo Agostinho opõe o Godo pagão Radagásio ao Godo cristão, embora ariano, Alarico.

⁶⁵ Sl 34.

a sua esperança nos bens da terra, quando, querendo ou não querendo, os perderem, o que lhes resta? Para onde irão eles? Não terão nada por fora nem nada por dentro. Vazio estará o seu cofre, mais vazia ainda a sua consciência. Onde [encontrarão] o descanso? Onde a salvação? Onde a esperança? Que venham, que desistam de blasfemar e aprendam a adorar. Que os escorpiões com as suas ferroadas sejam comidos pela galinha, que se convertam no corpo daquela que os engole. Que na terra sejam provados e no céu coroados.⁶⁶

⁶⁶ Santo Agostinho termina o sermão distinguindo os cristãos que durante o saque não deixaram de louvar a Deus, dos que blasfemaram, perdendo duas vezes, os bens terrenos e os eternos. Conclui propondo de novo a imagem do escorpião que, através da galinha, se transforma em ovo, para significar a conversão. Cfr supra 9.12.

SERMÃO 113/A

*Proferido em Hipona Diarrito¹
Na basílica do Santo mártir Quadrato
No Domingo, sétimo dia das calendas de Outubro*

(25 de Setembro)²

*Sobre o Evangelho que se refere ao homem rico
e ao pobre Lázaro*

**OS JUDEUS AINDA NÃO ACREDITAM NOS ORÁCULOS
DOS PROFETAS SOBRE CRISTO E A SUA IGREJA**

1. A fé dos cristãos, motivo de riso para os ímpios e para os infiéis, é esta: nós dizemos que há uma outra vida depois desta vida, que existe ressurreição para os mortos e que, depois deste mundo, haverá um juízo final. Como entre os homens não se acreditava nisto, embora tivesse sido predito e anunciado pelos servos de Deus, os profetas, e pela lei que nos foi entregue por Moisés, como ainda assim isto era inverosímil para os homens, Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador veio [ao mundo] para disto os persuadir.

Ele, apesar de Filho de Deus, nascido do Pai de modo invisível e inefável, co-eterno ao Pai e igual ao Pai, e com o Pai um só Deus; Ele, que é a Palavra do Pai,

¹ Actual Bizerta, na Tunísia, cidade perto de Cartago, que recebeu como colónia romana o nome Hippo Diarritus.

² Este terá sido, pois, o primeiro sermão de Santo Agostinho após o saque de Roma, um mês depois. Aceitamos com Fredouille esta datação do sermão. Vd. Introdução.

por meio da qual todas as coisas foram feitas, conselho do Pai, por meio do qual todas as coisas se governam, assumindo a carne [humana] e revelando-se aos olhos dos homens, fez descer à terra a sua imensa grandeza, infinita majestade e poder que os homens não podiam alcançar.

E como os homens não reconheciam Deus, isto é, a própria Divindade em Cristo, desprezavam a carne que nele viam. Ele, porém, manifestava a sua divindade interior por meio dos milagres, e como aparecia de modo a poder ser desprezado pelos olhos humanos, agia de maneira que nas suas obras se revelasse o Filho de Deus. Fazia então grandes coisas, dava bons preceitos, corrigia e emendava os vícios, ensinava as virtudes, realizava até curas no corpo, para salvar as almas dos infieis. E o povo em que nascera e se criara e onde fizera tais maravilhas, dominado pela ira, matou-o.

Porém, Ele que tinha vindo ao mundo para nascer, também tinha vindo para morrer, e não quis que fosse em vão a morte da sua carne, que assumira para servir de exemplo da ressurreição. Antes a entregou às mãos dos ímpios para que, não querendo eles fazer o que lhes mandava, sofresse ele o que queria. E assim se cumpriu. Cristo foi morto, sepultado e ressuscitou, como sabemos, como testemunha o Evangelho, e como já se anuncia em todo o mundo. E, como vedes, até hoje os judeus ainda não querem acreditar em Cristo que já ressuscitou dos mortos e, glorioso, aos olhos dos seus discípulos, subiu aos céus, embora já encham todo o mundo os anúncios dos profetas.

Na verdade, todos os profetas que anunciaram que Cristo havia de nascer, morrer e ressuscitar e subir aos céus, anunciaram também que a sua igreja se estenderia a todos os povos. Os judeus, porém, se não viram Cristo ressuscitado e a subir ao Céu, viram pelo menos a igreja espalhada por todo o mundo. Ora, se isto se cumpria, cumpriam-se então as profecias ditas pelos profetas.

A INCREULIDADE DOS JUDEUS É REFUTADA PELO EXEMPLO DAQUELE RICO DO BANQUETE

2. Acontece com eles o que há pouco ouvimos no Evangelho; eles não ouvem Cristo, que ressuscitou dos mortos, porque também não ouviram Cristo vindo à terra. Isto disse Abraão àquele homem rico³ que era atormentado nos Infernos e que queria que alguém fosse enviado ao mundo dos vivos para dizer aos seus irmãos o que se passava nos Infernos, para que, antes que viessem parar àquele lugar de sofrimento, vivessem segundo a Lei, fazendo penitência pelos seus pecados, a fim de merecerem ir para o seio de Abraão, e não para aquele suplício a que ele, o rico, chegara.

Quando fazia este pedido, aquele rico que tarde demais se tornara misericordioso, que desprezara o pobre que jazia à sua porta e usara de soberba para com ele, tinha a língua a arder de sede e ansiava por uma gota de água. Como não tinha feito no mundo dos vivos o que devia, de modo a não ir ter àquele lugar, tarde demais começou a usar de misericórdia em favor dos outros.

³ Veja-se no *De excidio* o tema do homem rico e do pobre Lázaro que jazia à sua porta, também desenvolvido naquele sermão.

E o que lhe disse Abraão? *“Se não ouvem Moisés nem os profetas, também não acreditarão mesmo que alguém ressuscite dos mortos”*⁴.

É inteiramente verdade, irmãos. Por esta razão os judeus hoje não se deixam persuadir a acreditar naquele que ressuscitou dos mortos, porque não ouviram Moisés e o profetas, pois se os quisessem ouvir, então encontrariam o que foi anunciado, que já foi cumprido e em que ainda agora eles não querem acreditar.

E aquilo que dizemos dos judeus, tomemo-lo para nós, a fim de que, ao olharmos para os outros, não caíamos nós na mesma impiedade. E não é o Evangelho, caríssimos, que os judeus lêem. Lêem Moisés e os Profetas que eles não querem ouvir, porque se quisessem ouvir, acreditariam em Cristo, cuja vinda os profetas anunciaram. Não sejamos nós, quando nos lêem o Evangelho, como eles são quando lhes lêem os profetas. Não é entre eles, como disse, mas entre nós que se lê o Evangelho.

O RICO DO BANQUETE É PARA NÓS UM EXEMPLO SALUTAR

3. Eis que ouvistes ainda há pouco no Evangelho que há duas vidas, uma presente e outra futura; temos a presente, acreditamos na futura; estamos na presente, ainda não alcançamos a futura. Enquanto vivemos na presente, preparemos o prémio da futura, pois ainda não morremos. Porventura nos Infernos lê-se o Evangelho? Mesmo que fosse lido, em vão o rico o ouviria, pois a sua penitência já de nada lhe aproveitaria.

⁴ Lc 16, 31.

É aqui que nos é lido, é aqui que o ouvimos, aqui, onde, enquanto vivemos, nos podemos corrigir, a fim de não irmos parar àquele lugar de tormento. Acreditamos no que nos é lido ou não acreditamos? Longe de nós conjecturar sobre a vossa caridade porque não acreditais! Sois cristãos, e de modo nenhum seríeis cristãos se não acreditásseis no Evangelho de Deus. Porque, pois, sois cristãos, é evidente que acreditais no Evangelho.

Ouvimos há pouco o que nos foi lido: *Havia um homem rico*, naturalmente soberbo, gabando-se das suas riquezas, *que se vestia de púrpura e linho e se banqueteara todos os dias esplendidamente.*⁵ À sua porta jazia um pobre leproso, chamado Lázaro, a quem os cães lambiam as feridas, *que desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico* e não podia.

Eis a falta do rico: *desejava matar a fome ao menos com as migalhas e não podia*, aquele com quem a sua humanidade devia partilhar. Pois se o rico se compadecesse do pobre que jazia à sua porta e quisesse ter sido misericordioso para com ele, usando a sua riqueza, teria ido também para onde foi o pobre. Não foi a pobreza, mais que a humildade, quem conduziu Lázaro ao descanso [eterno], nem foram as grandes riquezas, mais que a soberba e a infidelidade, que do mesmo descanso [eterno] afastaram o rico.

Para que saibais, irmãos, como este rico foi infiel no mundo dos vivos e o provemos com as suas próprias palavras que disse nos infernos, prestai atenção: quis ele que alguém de entre os mortos fosse dizer aos seus

⁵ Lc 16, 19.

irmãos o que se passava nos infernos, e como tal não lhe fosse concedido por Abraão — que lhe disse: “*têm Moisés e os profetas, ouçam-nos*” —, replicou-lhe: “*não, pai Abraão, mas se alguém daqui dos infernos lá for, ouvi-lo-ão*”. Aqui demonstra que ele próprio, quando vivia ainda neste mundo, não acreditava em Moisés e nos profetas, mas queria que alguém lhe aparecesse de entre os mortos.

Olhai para os homens deste género e vede onde estarão [um dia]; deixemo-nos mover pelo exemplo deste rico, se tiverdes fé. Quantos não há que dizem: “Que tudo nos corra bem enquanto vivermos: comamos e bebamos, gozemos as delícias desta vida. O que é isso que nos dizem que haverá depois? Já alguém voltou desse lugar? Já alguém ressuscitou?” É isto o que eles dizem. Isto mesmo dizia o rico, que não acreditava em vida mas experienciou depois de morto. Melhor é emendar-se em vida e com proveito, do que ser atormentado morto, em vão.

**SUFICIENTEMENTE PREVENIDOS ACERCA DOS
ACONTECIMENTOS FUTUROS, NÃO TEMOS DESCULPA**

4. Digamo-lo por outras palavras, que talvez possa haver entre nós alguém que costume dizer estas coisas. Na verdade, Deus não nos mostra de imediato aquilo em nos quer fazer acreditar. E não o mostra precisamente para que a fé tenha mérito. Pois se to mostra, que mérito tens em acreditar? Já não se trataria de acreditar, mas de ver; por isso mesmo não to mostra, para que creias. Ele

manda que acredites e guarda-te o que há-de ver.⁶ Mas, se não acreditas quando te manda ter fé, não guarda para ti a sua contemplação, antes te está reservado o mesmo que para o homem rico que nos infernos sofria o tormento.

E quando vier o Senhor, nosso Salvador Jesus Cristo, de quem se anuncia que já veio e se espera que há-de voltar, virá com a retribuição dos fiéis e dos infiéis. Aos fiéis dará a recompensa, aos infiéis mandará para o fogo eterno. Ele disse-o no Evangelho, disse como há-de julgar no fim [dos tempos]. Colocará uns à sua direita, outros à sua esquerda, e há-de separar todos os povos, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; à direita ficarão os justos; os ímpios à sua esquerda. Aos justos dirá: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino que vos foi preparado desde o início do mundo.*⁷ Aos ímpios, porém, e aos infiéis, dirá: *Ide para o fogo eterno que foi preparado para o demónio e para os seus anjos.*⁸

O que é que de mais útil te poderia fazer o juiz, que anunciar-te a sua sentença final, para que nela não venhas a incorrer? Meus irmãos, todo aquele que ameaça, não quer castigar, pois, se viesse sem aviso, também podia castigar. Aquele que diz: “toma cuidado!”, não quer certamente encontrar a quem castigar. Os homens vão somando para si a sua desgraça, os homens vão

⁶ Santo Agostinho desenvolve o tema da fé associando o seu conceito ao invisível, a fé mais como esperança do que como certeza, de modo que a dúvida faz parte integrante da fé. Sem dúvida, tema adequado ao seu objectivo de consolar e guiar os seus fiéis, de responder às suas inquietações.

⁷ Mt 25, 34.

⁸ Mt 25, 41.

juntando sobre si as suas penas, quando Deus lhes diz “Vigiai”, e mesmo assim não querem acreditar. E qual é aqui o castigo do que erra? Talvez seja alguma aflição ou flagelo para o emendar e pôr à prova.

Ou cada um é corrigido por causa dos seus pecados, para que não incorra em maiores penas se não se emendar, ou então é posta à prova a fé de cada um na constância ou na paciência com que suporta o castigo do Pai, não murmurando contra o Pai quando este o castiga, e alegrando-se quando Ele o acaricia, e de tal modo se alegrando com o Pai quando o acaricia, que lhe dá graças mesmo quando Ele o castiga, porque Ele castiga *todo o que reconhece como filho*.⁹

Quantos tormentos padeceram os mártires, quanto suportaram! Que cadeias, que dores, que cárceres, que torturas, que chamas, que feras, que géneros de morte. Tudo calcaram a seus pés.¹⁰ Era tão grande o que viam com o espírito que não cuidavam do que viam com o corpo. Havia neles o olhar da fé, por isso punham os olhos no futuro e desprezavam as coisas presentes. Aquele cuja visão das coisas futuras se apagou, porém, receia pelas presentes e não chega a alcançar as futuras.

⁹ Heb 12, 6. Note-se a afinidade bíblica com o sermão *De excidio*.

¹⁰ Os mártires são, por excelência, o modelo de *patientia*, mas também da fé e da esperança. Eles assumem um lugar no topo da hierarquia do ‘heroísmo cristão’ e exercem em Santo Agostinho um fascínio especial. O exemplo dos mártires é, por isso, recorrente e confere vigor à sua pregação.

A NOSSA FÉ DEVE SER CONFIRMADA POR AQUILO QUE JÁ FOI CUMPRIDO E POR AQUILO QUE FOI PROMETIDO POR DEUS

5. A fé, pois, edifica-se em nós mesmos. Aquele que não quer acreditar que Cristo nasceu da Virgem Maria, que sofreu e foi crucificado, acredite por meio dos judeus que ele existiu e foi morto, e acredite por meio do Evangelho que nasceu de uma virgem e que ressuscitou. Tem aqui por onde acreditar. Pois os judeus, nossos inimigos, não ousam dizer: “Não existiu nenhum Cristo no nosso povo” ou “Não existiu esse não sei quem a que os cristãos prestam culto”. “Existiu”, dizem eles, “e os nossos pais mataram-no e ele morreu como homem que era”. Se encontramos as coisas que aconteceram depois da sua morte referidas nos profetas, a saber, que o seu nome chegaria ao mundo inteiro, que todos os povos *e todas as famílias das nações*¹¹ o haveriam de adorar, que todos os reis se colocariam sob o seu jugo, e se vemos cumpridas depois da morte de Cristo as profecias anunciadas antes do seu nascimento, como nos enganamos a nós próprios, se não queremos acreditar nas restantes profecias, quando vemos que tantas já se cumpriram entre nós?

Na verdade, irmãos, nós não somos apenas os cristãos que estamos aqui, nós somos, neste momento, o mundo inteiro. Até há poucos anos não existíamos, e é admirável como tudo isto aconteceu, como durante tantos séculos não existiu o que de há pouco existe. E isso, nós lemo-lo nos Profetas. Não pensemos que aconteceu por acaso, encontramo-lo

¹¹ Sl 21, 28.

anunciado. Nisto cresce a nossa fé, nisto ela se edifica e conforta.¹²

Ninguém poderá dizer: “aconteceu inesperadamente”. E porquê? É que jamais aconteceu algo semelhante na terra. Por vezes, nas Escrituras, Deus era tido como devedor daquelas [profecias], mas a seu tempo as cumpriria. E o que é que Deus devia? Acaso recebeu de alguém um empréstimo, ele que tudo dá a todos abundantemente, que criou aqueles a quem havia de dar? Pois se nem os próprios homens, a quem pudessem ser dados alguns bens, existiam.

Pode alguém dizer: “Pelos meus méritos, Deus concedeu-me estes bens”? Imagina que sim, que Deus te concedeu estes bens pelos teus méritos. E tu existires, a quem o concedeu? A ti que não existias, o que te deu? O facto de existires, gratuitamente, pois não o mereceras antes de existir.

Acredita nele, que se dignou conceder-te de graça os restantes bens. Temos então a graça de Deus e o mundo inteiro tinha Deus como que por devedor, ou melhor, não tinha, porque ignorava a promessa que ele fizera. Ele tornou-se devedor por ter prometido, não por ter recebido nada em troca. Pois há dois modos de ser chamado ‘devedor’. Uma é ‘dá o que recebeste’, outra é ‘dá o que prometeste’. Pois, daquilo que Deus prometeu, não se pode dizer: ‘restitui’ (é que nada recebeu do homem aquele que tudo deu ao homem), de onde resulta que Ele não é devedor, senão do que se dignou prometer.

¹² Santo Agostinho insiste na leitura dos acontecimentos como cumprimento de profecias divinas. Se estas se cumpriram, deverá o cristão acreditar também nas promessas divinas dos bens eternos.

AS PROMESSAS DE DEUS EM FAVOR DO POVO DOS JUDEUS, DESDE ABRAÃO, CUJA FÉ SE LOUVA

6. Esta promessa encontrava-se nas Escrituras, e estas Escrituras encontravam-se apenas entre o povo dos judeus, que [Deus] escolheu para nascer da carne do seu servo, do seu fiel, que acreditou nele. E como nasceu este povo? Do velho Abraão e da estéril Sara: o modo como foi gerado e como nasceu o próprio Isaac, de onde vem a raça dos Judeus, é um milagre. O velho Abraão já nada esperava dos seus membros, nem ousava esperar nada da esterilidade da sua mulher. E o que de modo algum já não esperava, Deus alcançou-lho, e ele acreditou em Deus que lho oferecia, quando já não ousava pedi-lo.

E como confiou e lhe nasceu um filho, do qual acreditava que nasceria uma grande descendência, Deus pediu-lhe que lhe imolasse esse mesmo filho. Abraão foi um homem de tamanha fé que não duvidou imolar-lhe o seu filho único, objecto da promessa que recebera.

Porventura hesitou e disse a Deus: “Senhor, por tua grandeza concedeste-me um filho na velhice; respondendo às minhas preces, para minha grande alegria, nasceu-me contra todas as expectativas um filho, e é este que pedes que eu mate? Não teria sido melhor não mo teres dado em vez de agora lewares o que me deste”?

Não, estas palavras não as disse, antes acreditou que era útil aquilo que via ser vontade de Deus. É isto a fé, meus irmãos. Aquele pobre foi seguramente levado para o seio de Abraão e aquele rico para o tormento

dos Infernos. E para que saibais que a riqueza não tem culpa, Abraão, em cujo seio Lázaro repousava, era rico. E era rico aqui, na terra, como nos diz a Escritura; tinha muito ouro, prata, gado, escravos; era rico, mas não era soberbo.

Sabei que, naquele outro rico, apenas a soberba era atormentada, apenas os vícios eram punidos. Foram eles que mereceram a pena, não os bens de Deus. O que Deus providencia é bom, seja dado a quem quer que seja, mas, para quem o usa bem, há uma recompensa; e para quem o usa mal, haverá a retribuição de uma pena. Vede como Abraão possuía as suas riquezas. Porventura guardava-as para os seus descendentes? Se até o próprio filho ele o ofereceu a Deus que lho pedia, como não terá desprezado as riquezas?

A FIDELIDADE DE DEUS NO CUMPRIMENTO DAS SUAS PROMESSAS E A LOUCURA DOS IDÓLATRAS

7. Esta passagem da Escritura em que Deus, prometendo, se torna devedor, passava despercebida aos judeus. Veio então ao mundo nosso Senhor Jesus Cristo, que nasceu conforme a Escritura, porque nos foi dado conforme a mesma Escritura; sofreu conforme a Escritura porque na mesma Escritura fora anunciado que sofreria; ressuscitou conforme a Escritura, porque na mesma Escritura fora anunciado que ressuscitaria; subiu aos céus, conforme a mesma Escritura, porque na mesma Escritura fora anunciado que subiria aos céus.

Depois que subiu aos céus, ignorado pelos judeus, começou a enviar os seus apóstolos às nações

e a dizer-lhes, como que fazendo-os despertar do sono: “Erguei-vos, recebei o que vos é devido e que há muito vos foi prometido”. Quem é que acorda o seu credor e lhe oferece o que lhe deve? Na verdade, as nações não despertaram porque tinham Deus por devedor, mas porque foram chamadas e começaram a olhar com atenção para a Escritura e aí a descobrir que aquilo que recebiam, há muito lhes tinha sido prometido.

Receberam Cristo, prometido e revelado; receberam a graça de Deus, o Espírito Santo, prometido e revelado; receberam a própria igreja dispersa por todas as nações, prometida e revelada. Deus prometera que abateria os ídolos que os gentios adoravam; isso se lê nas Escrituras, e aí o encontrarás. Vós vedes de que modo Deus cumpriu nos tempos que são os nossos, o que há tantos milhares de anos prometera.

Na verdade, os homens tinham-se voltado daquele por quem tinham sido criados, para aquilo que eles próprios criaram. E se, como aquele que cria é sempre superior à coisa criada, Deus é realmente superior, não só ao homem, mas também a todos os anjos, virtudes, poderes, sedes, tronos e domínios, porque ele próprio tudo criou, do mesmo modo, aquilo que é criado pelo homem é inferior ao próprio homem.

Os homens tinham sido levados a tamanha loucura, que adoravam o ídolo! Eles, que deveriam ser condenados, se adorassem o artífice que fizera o ídolo! É evidente, irmãos, que o artífice é superior ao ídolo que ele próprio fez. E os homens, posto que devessem ser repudiados se adorassem o artífice, adoram o próprio

ídolo, que foi feito por ele. Deviam ser repudiados, por adorar o artífice, mas ainda assim seriam melhores que os que adoram o ídolo. Se, pois, os melhores são condenáveis, como hei-de censurar os piores? Se, na verdade, disse que deve ser condenado o que adora o artífice, como não deverá ser condenado aquele que renuncia ao artífice e adora o ídolo, que renuncia ao superior e se entrega ao inferior? E quem é esse ser superior a que ele primeiro renunciou? É Deus, por quem ele próprio foi criado. Ele procura a imagem de Deus? Em si mesmo a tem.

O artífice não pôde fazer a imagem de Deus, mas Deus pôde fazer a sua própria imagem. Não fez outra coisa para ti, mas criou-te a ti próprio à sua imagem. Adorando a imagem do homem que o artífice fez, apagas a imagem de Deus que Deus imprimiu em ti. Por isso, quando Ele te chama para que te voltes [para Ele], quer devolver-te aquela imagem que tu próprio, por causa da paixão terrena, como que desgastando-a, dissipaste e enfraqueceste.

**DEUS PROCURA A SUA IMAGEM NA NOSSA ALMA,
COMO CÉSAR PROCURA A SUA NUMA MOEDA**

8. Por isso, meus irmãos, Deus procura em nós a sua imagem, o que faz lembrar aqueles judeus que uma vez lhe apresentaram uma moeda.¹³ Primeiro quiseram pô-lo à prova perguntando-lhe: “Senhor, é lícito dar o tributo

¹³ Este episódio é referido várias vezes na obra de Santo Agostinho. Na carta 127, datada de 410, é feita a mesma exegese do passo: *ut hinc intellexerent, quod Deus exigeret ab homine imaginem suam in homine ipso, sicut Caesar suam exigebat in nummo* (Epistola 127, 6).

a César?”¹⁴ Se ele respondesse: “É lícito”, caluniavam-no por querer que Israel caísse em maldição, aceitando que este fosse tributário e submetido ao imperador, a ponto de lhe pagar tributo. Se, pelo contrário, dissesse que não era lícito pagar o tributo, caluniavam-no por estar contra César e por ser ele o causador de não lhe pagarem o tributo devido, uma vez que lhe estavam sujeitos.

Ele, porém, tal como a verdade vê a falsidade, viu que o tentavam e depressa desmontou a mentira com as próprias palavras dos que mentiam. Na verdade, ele não lhes deu a resposta da sua própria boca, mas fez com que eles a dissessem contra si mesmos, pois está escrito: *Pela tua boca te justificarás, pela tua boca te condenarás*¹⁵. “*Porque me tentais, hipócritas? Mostrai-me uma moeda*”, disse-lhes. Eles mostraram-lha. “*De quem é esta imagem e inscrição?*”, perguntou. E eles responderam: “*De César*”. Ele disse então: “*Dai pois a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus*”.¹⁶

Assim como César procura a sua imagem na tua moeda, assim Deus procura a sua imagem na tua alma. Dá a César, diz [o Senhor], as coisas que são de César. O que é que César procura em ti? A sua imagem. E o que é que Deus procura em ti? A sua imagem. Mas a de César encontra-se na moeda e a de Deus encontra-se em ti. Se quando perdes uma moeda te lamentas porque perdeste a imagem de César, quando adoras o ídolo não te lamentas porque fazes uma injúria à imagem de Deus que se encontra em ti próprio?

¹⁴ Mt 22, 17.

¹⁵ Mt 12, 37.

¹⁶ Mt 22, 18-21.

QUANTAS PROMESSAS DE DEUS JÁ FORAM CUMPRIDAS

9. Detende-vos pois, irmãos, na promessa de Deus nosso Senhor e ponderai quantas de todas as suas promessas já cumpriu.

Ainda Cristo não era nascido e já estava prometido nas Escrituras; e cumpriu-se, nasceu. Ainda não tinha sofrido nem ressuscitado; e isso cumpriu-se, sofreu, foi crucificado e ressuscitou. A sua paixão é o nosso prémio, o seu próprio sangue a nossa redenção. Subiu ao Céu, como prometera, e isso cumpriu-se. Enviou o Evangelho por todas as terras, e quis que fossem quatro os evangelhos para desse modo significar a terra inteira dividida em quatro, do Oriente ao Ocidente, do Aquilão ao Meridiano. Também quis ter doze discípulos, para que em número de três se distribuíssem pelas quatro partes do mundo, porque o mundo foi chamado à vida¹⁷ pela Trindade, no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Assim se cumpriu; e enviou o Evangelho conforme anunciara: *“Como são belos os pés dos que evangelizam, dos que anunciam a paz e pregam o bem!”*¹⁸; assim como também anunciara: *“Não são discursos nem palavras de que não se ouça a voz; por toda a terra caminha o seu eco, e até aos confins do universo a sua palavra”*.¹⁹ Tal como tinha dito, assim o enviou, e o Evangelho está escrito por toda a terra.

A Igreja, no princípio, também passou pela perseguição, cumprindo-se assim o que Ele prometera

¹⁷ *Voco* ‘chamar à vida, chamar à fé’. Cfr Blaise 1993.

¹⁸ Rm 10, 15; Is 52, 7.

¹⁹ Sl 19, 4-5.

quanto aos mártires. Ora lê a sua promessa: “*É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis*”²⁰. Deu-nos os mártires porque prometera que os haveria. O que faltava então cumprir? *Todos os reis da terra se hão-de prostrar diante dele.*²¹ E acreditaram, mesmo os reis que, no início, perseguindo, fizeram mártires. Nós vemos, agora, como os reis acreditaram.

Cumpriu também o que prometera quando os ídolos foram destruídos a mando dos reis que primeiro tinham mandado matar os cristãos. Acabou com os ídolos, como prometera: “*Serão julgados os ídolos das nações*”.²²

Se, pois, cumpriu tantas promessas, irmãos, como não acreditaremos nele? Será Deus um devedor menos capaz de cumprir? Mesmo que não tivesse cumprido nenhuma destas promessas, tê-lo-íamos por devedor que cumpre, ele que fez o céu e a terra. Na verdade, Ele não haveria de vir a ser pobre, a ponto de não ter como cumprir. Poderá Ele enganar, quando Ele próprio é a verdade? Ou será que é tamanho o poder de Deus que lhe possa suceder não ter tempo para cumprir as suas promessas?

A FÉ DE ABRAÃO SERVE-NOS DE EXEMPLO

10. É justo, irmãos, que se acredite em Deus, antes de ele cumprir o que quer que seja pois, seja como for, não pode mentir, nem enganar, uma vez que é Deus. Assim

²⁰ Ps 115, 15.

²¹ Sl 71, 11.

²² Sb 14, 11.

acreditaram nele os nossos pais. E assim acreditou nele Abraão.²³ É esta, em verdade, a fé que deve ser louvada e exaltada. Abraão nada tinha recebido do Senhor e acreditou no que Ele prometia. E nós, que já recebemos tantos bens, ainda não acreditamos? Abraão podia dizer: “Acreditarei porque me prometeste isto e cumpriste”. Desde o primeiro mandado de Deus, acreditou, e nada tinha ainda recebido. Foi-lhe dito: *Deixa a tua terra e a tua família e vai para a terra que eu te vou dar.*²⁴ E de imediato ele confiou, e Deus não lhe deu aquela terra mas guardou-a para a sua descendência. E também à sua descendência fez uma promessa. Sabeis qual? *Na tua descendência serão abençoadas todas as nações.*²⁵ A sua descendência é o próprio Cristo, pois de Abraão [vem] Isaac, de Isaac Jacob, de Jacob os doze, dos doze o povo dos judeus, do povo dos judeus a Virgem Maria, da Virgem Maria nosso Senhor Jesus Cristo. A descendência de Abraão é nosso Senhor Jesus Cristo,²⁶ e o que tinha sido prometido a Abraão, vemo-lo realizado em nós. *Na tua descendência, diz a Escritura, serão abençoadas todas as nações.* Acreditou antes de ter visto o que era, acreditou sem ver o que lhe era prometido. Nós, porém, vemos o que lhe foi prometido, e vemos que o que quer que fosse que lhe era prometido, viria a acontecer.

²³ A figura de Abraão serve para insistir no tema: a fé do cristão espera nas coisas invisíveis, no que foi prometido e ainda não foi dado. A esperança no que não se vê, no que ainda não se completou, no que não foi inteiramente revelado, é intrínseca à natureza da fé.

²⁴ Gn 12, 1.

²⁵ Gn 22, 18.

²⁶ Ver afinidades com o sermão 81, 8.

Na verdade, que promessas é que ainda não foram cumpridas? Ele anunciou os sofrimentos que teriam lugar no tempo presente; que os seus santos e os seus fiéis alcançariam bons frutos, no meio dos sofrimentos, graças à sua constância. Ele o anunciou e nós o vemos. Nós somos atormentados por estes males. De que sofrimentos ainda não ouvimos nós falar?

Não cuideis, irmãos, que o modo como vedes o género humano ser atormentado, não está escrito na Sagrada Escritura.²⁷ Tudo isso está escrito e aos cristãos foi lembrada não só a coragem no sofrimento, mas mais ainda os bens futuros, uma vez que já chegaram os males que foi anunciado que viriam. Pois se não tivessem acontecido as coisas que estavam anunciadas, levar-nos-iam a fé que temos a respeito dos bens [prometidos]. Por isso mesmo vieram primeiro os males: para que acreditemos nos bens futuros.

OS DOIS MODOS DE SUPORTAR AS ADVERSIDADES

11. Neste momento o mundo enfrenta o sofrimento, como que num lagar.²⁸ Se fores baganha²⁹,

²⁷ Santo Agostinho insiste na leitura dos acontecimentos contemporâneos à luz das profecias bíblicas. Assim, o cristão não se deverá surpreender.

²⁸ Esta mesma imagem do lagar para exprimir a ideia do mundo como lugar de sofrimento e o sofrimento como lugar de purificação surge noutros sermões. No sermão 81, como vimos, mas também no sermão 19: *Auari, quid uobis sufficit, si Deus ipse non uobis sufficit? Mundus est torcular; abundant nunc pressurae ciuis. Oleum estote.* No comentário ao Salmo 83 (5), o lagar é símbolo do sofrimento humano: *omnes in hac uita in torcularibus sumus.*

²⁹ *Si amurca es...* A baganha é o bagaço da azeitona.

vais para o esgoto, se fores azeite, ficas na talha. Forçoso é que haja aflições. Olhai para a baganha e olhai para o azeite. Por vezes surgem no mundo sofrimentos, como a fome, a guerra, a penúria, a carestia, a escassez de bens, a mortandade, os roubos, a avareza. São estes os sofrimentos dos pobres, as tribulações das cidades; e nós vemos estas coisas. Foi anunciado que elas sucederiam e nós vemo-las suceder.

No meio destes sofrimentos, encontramos homens que murmuram dizendo: “Vejam como nos dias do cristianismo há tantos males! Como eram abundantes os bens, antes dos cristãos, como não havia então tantas desgraças!”³⁰ Esta é a baganha da azeitona que, depois desta espremida, escorre pelo esgoto; por isso a sua boca é negra de blasfémia e não brilha. O azeite, porém, brilha.

Mas, por outro lado, encontras um outro homem esmagado pelo sofrimento, pela mesma tribulação que esmagou aquele. Porventura não foi esta mesma tribulação que esmagou o outro? Ouvistes as palavras da baganha da azeitona, ouvi agora as do azeite: “Demos graças a Deus, bendito seja o vosso nome! Todos estes males com que nos consumis foram anunciados. Estamos certos que virão igualmente os bens. Quando nós e os males a um só tempo nos emendarmos, cumpre-se a vossa vontade.”³¹ Nós reconhecemo-vos como Pai que

³⁰ Em todos os outros sermões seleccionados encontramos a refutação desta acusação.

³¹ Santo Agostinho apresenta, o que no *De excidio* retomaria, distinguindo de forma mais estruturada e desenvolvida duas reacções opostas perante o sofrimento e as tribulações: uma

promete e reconhecemo-vos como Pai que castiga;³² ensinai-nos e concedei-nos, ao fim, a herança que prometestes. Bendizemos o vosso nome santo porque em caso algum mentistes e, da mesma maneira, tudo o que anunciastes, assim se cumpriu”.

E, libertando-se tais louvores deste sofrimento, o azeite escorre para a talha. Mas se este mundo é como que um lagar, dele se pode tirar outra imagem. *Tal como na fornalha se prova a prata e o ouro, também o justo, na provação do sofrimento*³³. Também da fornalha do ourives se tira outra semelhança. Numa pequena panela encontram-se três coisas: o fogo, o ouro e a palha. E aí vê-se a imagem do mundo inteiro, aí está a palha, aí está o ouro, aí está o fogo. A palha faz-se em cinzas, o fogo arde e o ouro sai purificado. Do mesmo modo, no mundo inteiro há justos, há ímpios e há tribulação. O mundo é como que a fornalha do ourives, os justos são como que o ouro, os ímpios como que a palha e a tribulação é como que o fogo.³⁴

Poderá purificar-se o ouro se a palha não arder? Acontece que os ímpios são reduzidos a cinza, pois quando blasfemam e murmuram contra Deus transformam-se em cinzas. Aí, então, se purifica o ouro, isto é, os justos que carregam com paciência todas as

resumida na blasfêmia, a outra no louvor de Deus.

³² Recorre a afinidade deste passo com uma citação bíblica no *De excidio*.

³³ Pr 17, 3. Esta é mais uma afinidade bíblica deste sermão com os restantes sermões que referem o saque de Roma.

³⁴ Note-se o valor purificador espiritual do fogo/sofrimento, elemento fundamental na redenção humana. Só pelo fogo, o ouro (os justos) se purifica.

moléstias deste mundo e que nas suas tribulações louvam a Deus; o ouro purificado vai para onde estão os tesouros de Deus.

Pois Deus tem realmente tesouros para onde mandar o ouro purificado; e tem também o monturo, para onde mandar a cinza da palha. Tudo sairá deste mundo. Vê tu o que hás-de ser. Forçoso é que venha o fogo; se te encontrar ouro, leva-te a sujidade; se te encontrar palha, faz-te arder e reduz-te a cinzas.³⁵ Escolhe tu o que hás-de ser. É que não podes dizer: “passarei sem o fogo”; pois já estás na fornalha do ourives e forçoso é que venha o fogo. E mais, é também forçoso que aí estejas, porque de modo nenhum poderás escapar ao fogo.

DEVEMOS USAR DA MESMA PACIÊNCIA DE DEUS E IMITÁ-LA

12. Porque não havemos pois de acreditar, irmãos, que chegará o fim dos tempos e o dia do juízo, em que cada um de nós receberá o que fez de bom ou de mal em vida³⁶, uma vez que vemos já tantas promessas reveladas e cumpridas? Porque não havemos de escolher para nós, enquanto vivemos, aquilo em que havemos de viver para sempre? Por exemplo, se temos sido negligentes, sejamos hoje diligentes.

Não devemos ser negligentes, pois ninguém sabe o dia de amanhã. A isto nos move a paciência de Deus, a que nos corrijamos, a nós e à nossa vida, se ela tiver sido

³⁵ Continuam as ressonâncias, neste caso com o sermão 81.

³⁶ *In corpore*: no seu corpo, quando ainda estava no seu corpo.

má, e que escolhamos a melhor enquanto é tempo.³⁷ Ou pensais que Deus dorme e não nos vê quando fazemos o mal? Talvez Ele nos ensine a paciência e seja Ele o primeiro a mostrá-la.

Imagina que Ele encontra um homem que tenha melhorado [de vida], que não faça já o que fazia, isto é, o mal. Este homem é atormentado por outro homem, malicioso, e quer que Deus o livre dele. Então murmura contra Deus, porque mantém vivo o seu inimigo, talvez mesmo fazendo-lhe mal, e porque não o livra dele. Esquece-se que, com ele próprio, Deus agiu pacientemente, e que se Deus antes tivesse querido usar de severidade, ele mesmo já não estaria cá para falar.

Reclamas severidade da parte de Deus? Já que tu passaste, que possa igualmente passar outro. Lá porque tu conseguiste passar, não quebraste a ponte da misericórdia divina; ainda há mais quem possa passar. Deus fez-te bom, embora fosses mau, e quer que outro passe também de mau a bom, tal como tu de mau passaste a bom. E todos passarão, cada um na sua vez. Porém, enquanto uns não querem passar, outros passam.

Pois, como diz a estes o Apóstolo: *“Tu, porém, com a tua dureza de coração e um coração impenitente acumulas para ti um tesouro de ira para o dia da ira e da manifestação do justo juízo de Deus, que há-de dar a cada um segundo as suas obras.”*³⁸ Assim, se o mau

³⁷ Não só neste passo, mas de um modo geral, neste sermão respira-se um ambiente apocalíptico, favorecido pela catástrofe de Roma e pelas demais investidas dos bárbaros, geradoras de instabilidade e inquietação.

³⁸ Rm 2, 5.

quiser perseverar no mal, não é teu companheiro, mas sim aquele que te porá à prova; pois se ele é mau e tu bom, suportando o mau, és provado na tua bondade. Tu receberás a coroa da tua provação; ele, porém, sofrerá a pena da sua insistência no mal. E Deus, o que há-de fazer? Esperemos pacientemente a sua boa paciência e a sua paternal disciplina. Ele é Pai, é bom, é misericordioso. Se nos deixar enfraquecer, então é porque infelizmente está irado contra nós.

NAS ADVERSIDADES DEVEMOS CONFIAR-NOS A DEUS SEM LAMENTOS

13. Prestai pois atenção, irmãos, e ponde os olhos nesses anfiteatros que estão em ruína. A luxúria os construiu; julgais que foi a piedade que os ergueu? Não, não foi ela que os edificou, foi sim a luxúria dos homens ímpios.³⁹ E vós não quereis que um dia caia o que a luxúria construiu e se erga o que a piedade edifica?

³⁹ Os espectáculos pagãos assumiam no cristianismo a representação da cultura pagã, do mundo velho, dominado pelos demónios, falsos deuses que iludiam e subjugavam o homem. Para compreender como para o cristianismo antigo estes espectáculos eram formas de idolatria, leia-se o *Apologético* de Tertuliano (p. ex. capítulos 15 e 38), para quem o arquétipo de todo o pecado reside na idolatria: a adoração do mundo que foi criado para ser dominado. Para compreender toda a carga negativa que Santo Agostinho atribui aos espectáculos pagãos será muito útil a leitura de *Confessiones*, 3, 2 e 6, 7-9. No primeiro passo Agostinho recorda a sua própria paixão pelo teatro, que o dominou na juventude, e no segundo descreve o poder que exerce sobre o homem a visão da violência como espectáculo, quando relata a paixão pelos jogos e pelos espectáculos de gladiadores, que arrebatara o jovem Alípio.

Ora, quando eles foram construídos, Deus o permitiu para que os homens conhecessem os males que eles faziam. Mas como os homens não o quiseram reconhecer, veio ao mundo o Senhor, Jesus Cristo, e começou a falar-lhes dos seus males, começou a arrasar aquilo que eles tinham por grande. E agora o que é que eles dizem? “Os tempos cristãos são terríveis!” E porquê? Porque te destruíram o lugar onde haverias de morrer.⁴⁰ “Mas – dizem – nesse tempo abundavam todos os bens!”. De acordo, e suponhamos que era daí que vinham esses bens. Se porventura souberes porque é que um dia Deus te deu a abundância e a usas mal, a usas para a perdição, verás como essa mesma abundância te fez enfraquecer e perder a tua alma. Desta vez não terá vindo um pai severo que começou a dizer: “É um indisciplinado, este filho! Entreguei-lhe isto, ou aquilo, como foi ele perder isto e aquilo?”⁴¹

Se nós próprios, se a terra não for boa, não lançamos a semente à terra, para que ela não morra, como quereis que Deus, a nós, indisciplinados e negligentes com a nossa vida, nos confie a sua abundância para a usarmos mal? Como não quereis que Deus dê um golpe na lassidão dos homens?

Meus irmãos, Ele é médico⁴² e sabe amputar

⁴⁰ Entenda-se ‘morrer espiritualmente’. Para Santo Agostinho, os anfiteatros, lugar das práticas idólatras porque nascidas e impregnadas de idolatria (vd supra), eram lugar de morte espiritual para o homem, subjugado aos falsos deuses.

⁴¹ A catástrofe recente será então um sinal de Deus, a repreender os homens, ‘filhos indisciplinados’.

⁴² De novo o tema de Cristo como médico. A ruína de Roma é

o membro que está em putrefacção, para que não apodreçam também os outros membros. “Corta-se um só dedo”, diz Ele, “pois é preferível que haja um só dedo a menos do que o corpo, por inteiro, apodreça”. Se um homem, médico, na sua arte, é isto que faz, se a arte da medicina arranca uma qualquer parte do corpo para que não apodreça o corpo por inteiro, como não há-de Deus cortar nos homens o que quer que seja que ele saiba que está podre, para que se alcance a salvação?

EXORTAÇÃO À PACIÊNCIA

14. Não vos enfadeis, pois, irmãos, com Deus que castiga, para que Ele não vos abandone e não venhais vós a perecer para sempre. Roguemos-lhe antes que modere as suas penas e as tempere de modo a que não desfaleçamos sob elas; roguemos-lhe que nos cure com a salvação, que nos julgue e nos conceda depois o que prometeu aos seus santos.

Vede o que disse na Escritura: *O pecador irritou o Senhor; Ele não o julgará conforme a grandeza da sua ira.*⁴³ E o que quer dizer: *não o julgará conforme a grandeza da sua ira?* Porque a sua ira foi grande, não o julgará, isto é, deixá-lo-á perecer. Se, pois, quando é grande a sua ira, não julga, é muito mais misericordioso quando põe à prova. Então, põe à prova quando castiga, quando atrai a si o nosso coração.

vista, à luz desta leitura de Santo Agostinho, como uma purga para sanar um mundo doente. Veja-se a mesma leitura no *De excidio* 5 e 9 e sermão 296, 3.

⁴³ Sl 10, 4. Mais uma vez Santo Agostinho não cita a versão da Vulgata.

Aceitemos então sua salvação e não fuçamos ao castigo; é isto que Ele nos ensina, isto que nos aconselha, em virtude disto nos edifica. O seu próprio Filho, que veio [ao mundo] para nos consolar, o que é que passou de bem aqui? Dizei-me. É seguramente o Filho de Deus, o Verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas; e o que é que ele usufruiu de bom? Não foi ele que, quando expulsava os demónios ouvia injúrias tais como dizerem-lhe: “*Estás possesso de um demónio!*”⁴⁴. Ao Filho de Deus, que expulsava os demónios, os judeus diziam: “*Estás possesso de um demónio!*”. Eram melhores do que eles, os demónios, que reconheciam o Filho de Deus. Pois estes reconheciam-no e aqueles não.

Tal era o seu poder, a sua grandeza e a sua paciência, que tudo suportava. Foi flagelado, ouviu insultos, recebeu bofetadas, cuspiram-lhe no rosto, foi coroadado de espinhos, por fim foi crucificado e suspenso no lenho; foi objecto de riso e de escárnio, foi morto e sepultado. Sofreu tudo isto, o Filho de Deus. Se o sofreu o Senhor, quanto mais o servo? Se o sofreu o Mestre, quanto mais o discípulo?⁴⁵ Se assim foi com aquele que nos criou, quanto mais nós, que somos sua criatura?

Ele, para nos dar o exemplo, deixou-nos a paciência.⁴⁶ Por que razão, pois, desanimamos nós

⁴⁴ Jo 7, 20.

⁴⁵ Cfr Jo 15, 20. “Lembraí-vos da palavra que vos disse: o servo não é mais que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós”.

⁴⁶ Glosado em todos os sermões deste grupo, o tema da *patientia*, para além de oportuno, é muito caro a Santo Agostinho e mereceu-lhe o pequeno tratado *De patientia liber unus* (PL 40). Jesus Cristo é o protótipo desta virtude, seguido dos mártires cristãos, que

precisamente na paciência, como se tivéssemos perdido aquele que é a nossa cabeça e que nos precedeu no céu? Foi por este motivo que Ele, que é a nossa cabeça, nos precedeu no céu, foi para nos dizer: “Vinde, e eis por que meio: por meio das dificuldades, por meio da paciência; é este o caminho que vos deixei. E onde leva o caminho pelo qual me vistes subir? Para o céu. Aquele que não quer seguir por ele, não quer lá chegar; aquele que quer vir até mim, virá pelo caminho que eu mostrei. E não podeis vir senão pelo caminho do sofrimento, das dores, da tribulação e da angústia”.

Assim alcançaráis o repouso que não mais te será tirado. Queres então um repouso momentâneo e abandonar o caminho de Cristo? Olha para os tormentos daquele homem rico que penava nos Infernos; porque desejou o repouso do tempo presente, foi ao encontro das penas eternas.

Irmãos caríssimos, dai a preferência às coisas difíceis, que vos alcançarão o descanso eterno que não tem fim. Voltai-vos para o Senhor.

integram seu corpo místico. Os cristãos, diante do sofrimento e da tribulação, devem viver esse sofrimento à luz da *patientia* de Cristo, que, insiste-se, como cabeça que é, precedeu os cristãos (seu corpo). Estes devem seguir o mesmo caminho.

SERMÃO 296

Do dia dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo

(29 de Junho)

*Do Evangelho em que o Senhor pergunta:
“Simão, filho de João, tu amas-me?”*

PEDRO, NA SUA FRAQUEZA, PROMETE MAIS DO QUE PODE

1.1 Esta leitura do Evangelho, própria para a solenidade do dia, leitura que ainda há pouco soou aos nossos ouvidos, se desceu dos ouvidos ao nosso coração e nele encontrou lugar de repouso – pois repousa em nós a palavra de Deus quando nós repousamos na palavra de Deus – exorta-nos a todos nós que vos ministramos a palavra e o sacramento do Senhor, a que apascentemos as suas ovelhas.

O Bem-aventurado Pedro, o primeiro dos apóstolos, que tanto amou o Senhor como o negou, como nos diz o Evangelho, seguiu o Senhor que havia de sofrer a paixão; mas não pôde então segui-lo de modo a ele próprio a sofrer. Seguiu-o com os pés, mas não foi capaz de o seguir com seus gestos. Prometeu que haveria de morrer por ele e não foi capaz de morrer com ele; ousou para além do que podia a sua força. Prometera mais do que podia, por isso era indigno de fazer o que prometera. *Darei a minha vida por ti*,¹ disse

¹ Cfr Jo 13, 37: “Disse-lhe Pedro: «Senhor, porque não posso seguir-te agora? Eu daria a vida por ti!»”. O sermão comentará

ele. Isto era o que haveria de fazer o Senhor pelo servo, não o servo pelo Senhor. E assim, porque ousou em excesso, amou desordenadamente; por isso, teve medo e negou-o.

Mais tarde, o Senhor, depois de ter ressuscitado, ensinou Pedro a amar. Quando este amou desordenadamente, soçobrou sob o peso da paixão; quando, porém, amou ordenadamente, recebeu a promessa da paixão.

A FRAQUEZA DE PEDRO QUANDO TEME PELA MORTE DO SENHOR

2. Lembrámos a fraqueza de Pedro quando ele se affige porque o Senhor vai morrer: é isto que agora vos recordo. Recordemos, então: os que se lembrarem, murmurem-no no seu coração comigo; os que o tiverem esquecido, recordem-no enquanto eu o evoco. O próprio Senhor Jesus Cristo anunciou de antemão a iminência da sua paixão aos discípulos. E então, Pedro, que o amava, mas ainda apenas segundo a carne, temendo que morresse o aniquilador da morte, disse-lhe: “*Deus*

momentos fundamentais na vida de Pedro, relatados nos Evangelhos. Primeiro, esta afirmação de Pedro a Jesus: “Porque não posso seguir-te? Darei a minha vida por ti”, que é seguida da profecia da sua negação. Depois, a tripla negação de Pedro na noite que precedeu a morte de Jesus, em que negou conhecê-lo (p. ex. Jo 18, 15-27). E ainda, a passagem em que, interrogado por Jesus, confessa que ele é o filho de Deus e recebe o primado (és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja: Mt 16, 18-19). Finalmente, o momento em que, também interrogado por Jesus, Pedro confessa por três vezes que ama Jesus e recebe a missão: ‘apascenta as minhas ovelhas’ (Jo 21, 15-17).

*te livre Senhor! Tal coisa não há-de acontecer, salva-te a ti mesmo!*²

Ele não diria *salva-te a ti mesmo*, se não reconhecesse Deus. Então, Pedro, se reconheces Deus, porque receias que Deus morra? Tu és homem e Ele é Deus; e foi pelo homem que Deus se fez homem, assumindo o que não era e nada perdendo do que era. Nele estava o Senhor que havia de morrer e também o que havia de ressuscitar.

Pedro temeu a morte humana e não queria que ela atingisse o Senhor, não sabendo que desse modo estava a fechar a bolsa de onde viria o nosso resgate. Por isso ouviu do Senhor: *Afasta-te, Satanás, pois não tens a sabedoria das coisas que são de Deus, mas das que são dos homens.*³

Àquele que antes dissera “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*”,⁴ Jesus tinha dito: “*Bem-aventurado és, Simão filho de João, porque não foram a carne nem o sangue que to revelaram mas o meu Pai que está nos céus.*”⁵ Ainda há pouco bem-aventurado, agora Satanás. E porque razão era bem-aventurado? Não por mérito próprio: *Não foram a carne nem o sangue que to revelaram, mas o meu Pai.* E por que razão Satanás? Em virtude de ser homem, pela sua condição humana: *pois não tens a sabedoria das coisas que são de Deus, mas das que são dos homens.*⁶

E assim foi Pedro que, amando o Senhor, e querendo morrer pelo Senhor, seguiu-o, mas revelou-se

² Mt 16, 22.

³ Mt 16, 23.

⁴ Mt 16, 16.

⁵ Mt 16, 17.

⁶ Mt 16, 23.

como o médico predissera, e não como o doente presumira.⁷ Interrogado pela serva⁸, nega uma vez, uma segunda e ainda uma terceira vez. A um olhar do Senhor⁹, chora amargamente e lava com lágrimas de piedade a impureza da negação.

É A PEDRO, QUE O AMA, QUE CRISTO CONFIA AS SUAS OVELHAS

2. 3. O Senhor ressuscita, aparece aos discípulos; então Pedro vê que vive aquele cuja morte temera; vê, não o Senhor morto, mas a morte vencida no Senhor. E então, confirmado pelo exemplo do próprio corpo do Senhor, de como a morte não deve ser temida, Pedro é ensinado a amar. Apenas é necessário que ame, que, vendo o Senhor vivo depois da morte, simplesmente ame, que firmemente ame; firme, para o seguir. E o Senhor, então, pergunta-lhe: “*Pedro, tu amas-me?*” Ao que ele responde: “*Amo, Senhor.*” E o Senhor diz-lhe: “Porque me amas, não quero que morras por mim, isso já eu fiz por ti. Mas então, *tu amas-me?* E o que me haverás de dar porque me amas? *Amas-me?*”. “*Amo*” — responde Pedro. E o Senhor, então: “*Apascenta as minhas ovelhas.*”¹⁰

⁷ De novo o topo de Cristo como médico e o homem como doente.

⁸ No relato joanino (mas também em Lc 22, 56, Mc 14, 66 e Mt 26, 69) a primeira pessoa a interrogar Pedro é uma criada da casa do Sumo Sacerdote.

⁹ Nos vários relatos, o ‘olhar do Senhor’ é o canto do galo que lhe recorda as palavras de Jesus: “Antes de cantar o galo, três vezes me negarás” (p. ex. Mt 26, 75).

¹⁰ Jo 21, 15-17.

E faz a mesma pergunta de novo, e uma terceira vez, para que o amor confesse três vezes, porque o temor negou três vezes. Vede, compreendei e aprendei. Nada mais se pergunta, senão: *Amas?*; e nada mais há a responder senão: *Amo*. E àquele que responde, diz-se: “*Apascenta as minhas ovelhas*. Então, confiando as suas ovelhas a Pedro e confiando a si mesmo Pedro com as suas ovelhas, o Senhor anuncia-lhe a sua paixão, dizendo: “*Quando eras mais novo, tu próprio te cingias e ias para onde querias; quando porém te tiveres tornado mais velho, outro te cingirá e te levará para onde tu não queres*.¹¹ *E assim falava*, diz o Evangelista, *para significar com que morte haveria de glorificar a Deus*. Vedes agora como isto se relaciona com o apascentar das ovelhas do Senhor: que não se recuse a morte pelas ovelhas do Senhor.

O BOM PASTOR É AQUELE QUE É CAPAZ DE ENTREGAR A VIDA PELAS OVELHAS

3.4. *Apascenta as minhas ovelhas*. O Senhor confia as ovelhas ao mais digno ou ao menos digno? Antes de mais, que ovelhas confia ele? Não as ovelhas compradas com o dinheiro, o ouro ou a prata, mas com o seu sangue. Se um homem, um senhor, confiasse as suas ovelhas a um servo seu, sem dúvida procuraria

¹¹ Jo 21, 18-19. A versão da Vulgata: *Cum esses iunior, cingebas te, et ibas quo uelles; cum autem senior factus fueris, [extendes manus tuas,] alter te cinget, et feret quo tu non uis*. Santo Agostinho omite *extendes manus tuas*, que facilitaria a ideia de profecia do martírio de Pedro. Esta leitura pode ter origem numa referência de Tertuliano ao martírio do primeiro Papa: *Tunc Petrus ab altero cingitur, cum cruci adstringitur*. Cfr *Scorpiace* 15, 3.

inteirar-se sobre se a fazenda desse servo seria digna do valor das suas ovelhas, e pensaria: “Se as perder, dissipar ou comer, tem por onde me compensar”. Confiava então a um servo idóneo as suas ovelhas e informava-se das disponibilidades do servo, em dinheiro, na proporção das ovelhas que comprara com o seu dinheiro.

Mas o Senhor Jesus Cristo, que confia ao servo as ovelhas que comprou com o seu sangue, interrogasse sobre a capacidade do servo para sofrer até ao derramamento do sangue, como que significando, ao dizer “*apascenta as minhas ovelhas*”, confio-te as minhas ovelhas. E que ovelhas? “As que comprei com o meu sangue. Eu morri por elas. *E tu, amas-me?* Morre por elas”.

Aquele homem, servo de outro homem, daria dinheiro pelas ovelhas que tivesse consumido; Pedro, porém, deu o seu sangue pelas ovelhas que conservou.

OS RESTANTES PASTORES DA IGREJA TÊM O MESMO MANDATO QUE PEDRO. O DESEJO DO MARTÍRIO FAZ O MÁRTIR

4.5. Ora, irmãos, há uma coisa que quero dizer-vos em relação a este tempo. O que foi confiado a Pedro, o mandato que lhe foi dado, não foi apenas Pedro que o ouviu. Ouviram-no também outros apóstolos que o guardaram e conservaram, sobretudo o apóstolo Paulo, que com ele partilhou no mesmo dia a paixão. Ouviram o mandato e transmitiram-no para que nós o ouvíssemos. “Guardamo-vos e convosco somos guardados, assim o Senhor nos conceda a força necessária para vos amarmos

a ponto de sermos capazes de morrer por vós, quer na realidade, quer apenas na vontade”.

Na verdade, não foi porque faltou o martírio ao apóstolo João que lhe faltou uma vontade preparada para o martírio. Não sofreu o martírio, mas podê-lo-ia ter sofrido. E Deus conhecia a sua disposição. Do mesmo modo que os três jovens¹² foram lançados na fogueira para serem queimados, e não para viver. Negaremos que foram mártires porque as chamas não os conseguiram consumir? Pergunte-se ao fogo e ele responde que não sofreram o martírio, pergunte-se à sua vontade e ela dirá que foram coroados¹³. “*Deus pode arrancar-nos das tuas mãos*”, disseram, “*e se assim não for*” — e aqui reside a firmeza dos seus corações, aqui uma fé constante, aqui uma virtude inabalável, aqui uma vitória tranquila — “*se assim não for que fique claro para ti, ó rei, que não adoramos a estátua que construístes.*”¹⁴ E então aprovou a Deus que não ardessem, mas que antes extinguissem o fogo da idolatria no coração do rei.

**AS TRIBULAÇÕES TEMPORAIS DEVEM SER SUPOSTADAS
EM RAZÃO DA GLÓRIA FUTURA. A DEVASTAÇÃO DE
ROMA EM TEMPOS CRISTÃOS**

5. 6. Vedes então, caríssimos, o que se propõe aos servos de Deus neste momento por mor da glória futura que nos será revelada, glória em comparação com

¹² Sidrac, Misac e Abed-Nego, os três jovens hebreus que Nabucodonosor lançou ao fogo por recusarem adorar uma estátua de ouro, mas que as chamas não queimaram. Cfr Dn 3, 1-50.

¹³ Com a coroa (ícone do triunfo) do martírio.

¹⁴ Dn 3, 17-18.

a qual não tem peso seja qual for, ou quão grande for, a tribulação do momento. *São indignos os sofrimentos deste mundo*, diz o apóstolo, *em comparação com a glória futura que nos será revelada*.¹⁵

Se assim é, ninguém pense segundo a carne, não é o momento; o mundo está arruinado, o homem velho está vencido, a carne é oprimida, brilhe então o espírito. Dizem os homens que o corpo de Pedro está em Roma, e o corpo de Paulo jaz em Roma, em Roma o corpo de Lourenço, os corpos de outros mártires e santos jazem em Roma; e no entanto, Roma está na miséria, Roma está devastada, cai por terra, está destruída, reduzida a cinzas, de tão grande que foi a matança, pela fome, pela peste, pela espada. E onde estão os sepulcros dos apóstolos? O que dizes a isto? Foi isto o que eu disse: “Roma sofre tantas calamidades! Onde estão os sepulcros¹⁶ dos apóstolos!?”¹⁷

Estão lá, sim, estão lá mas não estão em ti.¹⁸ Oxalá estivessem em ti, que dizes isso, que lanças tais desvarios, tu que, chamado a viver pelo espírito, só conheces a carne, tu, sejas quem fores: oxalá estivessem em ti os sepulcros dos apóstolos, oxalá pensasses nos apóstolos! Compreenderias que felicidade lhe foi prometida, se a terrena se a eterna.

¹⁵ Rm 8, 18.

¹⁶ *Vbi sunt memoriae.*

¹⁷ Santo Agostinho, no dia da festa de S. Pedro e S. Paulo, uma celebração cristã e romana por excelência (lá se veneravam as relíquias destes mártires), vê-se na necessidade de responder à inquietação dos féis. Os grandes mártires, poderosos intercessores junto de Deus, os patronos cristãos da cidade, não puderam salvar Roma da destruição?

¹⁸ Note-se como Santo Agostinho valoriza a dimensão da interioridade na veneração dos mártires.

PARA QUE SERVEM AS MEMÓRIAS DOS APÓSTOLOS. É SOBERBO O SERVO QUE, QUANDO O SENHOR LHE DÁ UMA ORDEM, LHE PERGUNTA: “PORQUÊ?”

6. 7. Se em ti vive a memória do apóstolo, presta-lhe atenção: *O que para nós é uma tribulação leve e momentânea prepara-nos para além de toda a medida um peso eterno de glória, a quantos não olhamos às coisas visíveis mas sim às invisíveis; pois, na verdade, as coisas visíveis são momentâneas e as invisíveis são eternas.*¹⁹

Se no próprio Pedro a carne foi efémera, não querias que fossem efémeros os muros de Roma? Pedro, o apóstolo, reina agora com o Senhor; naquele lugar está apenas o corpo do apóstolo Pedro. O seu sepulcro serve para te elevar o amor às coisas eternas, não para que te prendas às da terra, mas para que com o apóstolo medites no céu. Mostra-me: se és fiel, guarda as memórias dos apóstolos, bem como a memória do Senhor teu Deus que seguramente já está no céu. Ouve para onde te manda o apóstolo: *Se ressuscitastes com Cristo, conhecei as coisas do alto, onde está Cristo sentado à direita de Deus; procurai as coisas do alto, não as coisas terrenas. Vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, se manifestar, então com eles aparecereis na glória.*²⁰ É isto mesmo o que ouves numa só expressão: corações ao alto.²¹

Então lamentas-te e choras porque ruíram as traves e as pedras, porque morreram os que haveriam

¹⁹ 2 Cor 4, 17-18.

²⁰ Col 3, 1-4.

²¹ Vd nota 141.

de morrer?²² Nós mostramos como alguém de entre os mortos viverá para sempre; tu lamentas-te porque ruíram as traves e as pedras e porque morreram aqueles que são mortais? Se tens o coração no alto, onde tens o teu coração? O que é que morreu então? O que é que ruiu? Se tens o coração no alto, *onde está o teu tesouro, aí está o teu coração.*²³ Aqui em baixo está a tua carne, e se a tua carne treme de pavor, não se perturbe o teu coração.

“Porém – dizes-me – eu não queria”. E o que é que tu não querias? “Não queria que Roma sofresse tamanha calamidade”. Não querias, compreendemos, mas não te revoltas contra Deus porque Ele o queria. Tu és homem, Ele Deus. Tu dizes “não quero” quando Ele diz “quero”? Ele não te condena pelo teu “não quero” e tu blasfemas contra o seu “quero”? Mas por que razão quis Deus? Porque é que Deus quis tal? De momento obedece à vontade do Senhor teu Deus, tornando-te seu amigo e conhecedor dos seus conselhos. Que servo haverá tão soberbo que, recebendo do Senhor uma ordem, lhe pergunta: “Porquê?” O Senhor guarda consigo os seus desígnios. O servo mostra obediência se tiver agido em perfeição, se tiver procedido bem, se de servo se tiver feito amigo como disse o Senhor ele mesmo: *Já não vos chamo servos, mas amigos.*²⁴ Talvez venha a conhecer os desígnios do Senhor mas, entretanto, antes de os conhecer, aceite de bom grado a sua vontade.

²² A mesma ideia já vimos glosada no *De excidio* e no sermão 81.

²³ Mt 6, 21.

²⁴ Jo 15, 15.

ACEITA O QUE DEUS QUER E ELE DAR-TE-Á O QUE QUERES

8. Em suma, até agora tenho-te exercitado na paciência, não ainda na sabedoria. Sê paciente, o Senhor assim quer. Perguntas, porque razão o quer? Deixa para mais tarde o teu empenho, o teu zelo por saber, e esforça-te por obedecer. Ele quer que aceites o que quer. Aceita o que Ele quer e dar-te-á o que queres.

E no entanto, meus irmãos, ousa dizer: vós haveis de ouvir de bom grado se tiverdes já dado os primeiros passos da obediência, se já habita em vós a suave e doce paciência de aceitar a vontade do Senhor, que não é apenas suave. Na verdade, quando é suave não só a aceitamos, mas também a amamos; suportamo-la quando é dura, alegramo-nos com ela quando é suave.

Põe os olhos no teu Senhor, olha para aquele que te guia, olha para o modelo da tua vida, vê o teu redentor, contempla o teu pastor: “*Pai, se é possível, afasta de mim este cálice*”. Vês como, do mesmo modo que manifesta a sua vontade humana, de imediato converte a resistência em obediência? “*Porém, não se faça como eu quero mas como tu queres*”.²⁵ E eis o que disse a Pedro: “*Quando fores mais velho, outro te cingirá e levará onde não queres*”.²⁶ Também nele, pois, revelou a vontade humana diante do tremor da morte. Porventura porque Pedro morreu, não querendo

²⁵ Mt 26, 39. Santo Agostinho recorda que o próprio Cristo, antes de se submeter inteiramente à vontade do Pai, teve, nos momentos da agonia no Horto, o pavor da morte. Procura mostrar, assim, que o temor da morte é natural ao homem, mesmo a Pedro, o primeiro entre os apóstolos a quem Jesus confiaria a sua igreja.

²⁶ Jo 21, 18.

morrer, foi coroado não querendo ser coroado?²⁷ E tu, o que não querias? Talvez perder os teus bens, que um dia haverias de cá deixar? Zela por não ficares agarrado ao que tens de deixar. Acaso não querias que morresse antes de ti o teu filho, ou não querias que morresse antes de ti a tua mulher? Porventura, se Roma não tivesse sido tomada, um de vós não haveria de morrer em primeiro? Não querias que a tua mulher morresse antes de ti, e a tua mulher não queria que o marido morresse antes dela. Deus haveria de atender a ambos? Fique a ordem nas mãos daquele que sabe ordenar o que criou: quanto a ti, obedece à sua vontade.

O QUE RESPONDER AO PAGÃO QUE CULPA OS TEMPOS CRISTÃOS DO INCÊNDIO DE ROMA

9. Já estou a ver o que dirás no teu coração: “eis que é em tempos cristãos que Roma é destruída, ou antes, que foi destruída, que foi queimada. Por que razão em tempos cristãos?”

Quem és tu, que dizes isto? Um cristão? Então responde a ti próprio, se és cristão: “Porque Deus assim quis.” “E o que digo a um pagão que me insulta?”, perguntas. O que te diz ele? Como te insulta? “É que quando sacrificávamos aos nossos deuses, Roma permanecia de pé; agora que se tornou mais importante e se multiplicou o sacrifício ao vosso Deus, agora que são impedidos e proibidos os sacrifícios aos nossos deuses, eis como Roma está a sofrer”.

²⁷ *Numquid, quia nolens mortuus est, nolens coronatus est?* Note-se o valor estilístico da antítese enriquecida pelo paralelismo.

Responde-lhe logo e em poucas palavras, para te veres livre dele; o teu pensamento deve ser diferente dos restantes, pois não és chamado a abraçar a terra, mas a conquistar o céu, não és chamado à felicidade terrena, mas à felicidade celeste; não aos sucessos do mundo, a uma prosperidade efémera e passageira, mas à vida eterna com os anjos.

Então, a este homem que deseja a felicidade segundo a carne, que murmura contra o Deus vivo, que quer servir os demónios de madeira e de pedra, responde-lhe de imediato. Conforme reza a sua história, este incêndio da cidade de Roma é o terceiro; como reza a sua história, como rezam os seus escritos, o incêndio da cidade de Roma que recentemente a atingiu, é já o terceiro. Aquela que acaba de arder uma só vez quando se fazem os sacrifícios dos cristãos, já tinha ardido por duas vezes quando se faziam os sacrifícios dos pagãos.

Uma primeira vez foi incendiada pelos gauleses, de tal maneira que só escapou a colina do Capitólio; e depois numa segunda vez por Nero, que não sei se hei-de chamar cruel se devasso, pela segunda vez Roma foi abrasada por um incêndio. Nero o ordenou, o próprio imperador de Roma, o servo dos ídolos, carrasco dos apóstolos, o ordenou, e Roma foi incendiada. Porquê, interrogais-vos, por que razão? Porque este homem orgulhoso, soberbo e devasso se deleitou com o incêndio de Roma. “Quero ver — disse — como ardeu Tróia”. Roma ardeu, então, uma primeira vez, depois uma segunda e, agora há pouco, uma terceira vez. Porque te

comprazes em murmurar contra Deus por uma cidade que já se acostumou a arder?²⁸

É PRÓPRIO DO CRISTÃO SUPORTAR OS MALES DESTES MUNDO E PÔR A ESPERANÇA NOS BENS ETERNOS

10. Mas neste último incêndio, dirão, muitos cristãos padeceram numerosos e grandes sofrimentos. Esqueces que é próprio dos cristãos suportar os sofrimentos temporais e colocar a esperança nos bens eternos? Tu, pagão, quem quer que sejas, tens motivo para chorar, pois não só perdeste os bens temporais como ainda não encontraste os bens eternos. O cristão, porém, tem motivos para reflectir: *Irmãos, considerai como suprema alegria toda a espécie de provações por que passardes.*²⁹

Quando no templo te repetem coisas como –“Os deuses que presidem a Roma não a guardaram, porque já não estão presentes”– responde-lhes: “Guardassem-na, então, quando cá estavam”. Nós mostramos que o nosso Deus é verdadeiro, pois Ele predisse tudo isto, vós o lestes e ouvistes, mas não sei se o recordais ainda, porque vos deixais perturbar por essas palavras. Não ouvistes os profetas, não ouvistes os apóstolos, não ouvistes o próprio Senhor Jesus Cristo anunciar os sofrimentos

²⁸ Depois de recorrer a um argumento fundamental para os seus fiéis (a aceitação da vontade divina), Santo Agostinho escolhe um novo percurso, talvez mais eficaz para os não cristãos: relativizar a catástrofe vivida pela cidade, recordando outras catástrofes registadas pela história, precisamente sofridas antes dos *tempora christiana*: O incêndio e a tomada de Roma pelos gauleses em 390 a.C. e o incêndio de Roma atribuído a Nero, em 64 d.C.

²⁹ Tg 1, 2.

futuros? Quando ao mundo sobrevier a velhice, quando se aproximar o seu fim, — ouvistes irmãos, também nós ouvimos, *haverá guerras, tumultos, — haverá fome e aflições*.³⁰ Por que razão, então, nos contradizemos a tal ponto que acreditamos nestas coisas quando as lemos e murmuramos quando elas acontecem?

POR QUE RAZÃO SÃO MAIORES AS TRIBULAÇÕES DESTE MUNDO, NESTES TEMPOS CRISTÃOS

11. Mas agora, dizem, a humanidade sofre muito mais. Considerando a história passada, e mantendo a questão, não sei se será mesmo muito mais; mas admitamos que sim. Creio que a humanidade padece mais. O próprio Senhor resolveu a questão. O mundo sofre, sofre mais o mundo agora, diz-nos Ele. E porque razão agora sofre mais, quando o Evangelho é anunciado por toda a parte? Notas com quanta celebridade o Evangelho é pregado e não notas com quanta impiedade ele é desprezado!

Mas deixemos agora de lado por um momento os pagãos e voltemos o olhar para nós mesmos. Pregasse o Evangelho e ele já encheu o mundo inteiro. Antes que o Evangelho fosse pregado, a vontade de Deus estava oculta. Na pregação do Evangelho revelou-se, então, a vontade de Deus. Na pregação do Evangelho foi-nos dito o que devemos amar, o que desprezar, o que fazer, o que evitar, o que esperar; ouvimos tudo isto e a vontade de Deus no mundo inteiro já não é segredo.

³⁰ Cfr Lc 21, 11, Mt 24, 7 e Mc 13, 8.

Imagina agora que o mundo é um servo e presta atenção ao Evangelho. Escuta a palavra do Senhor. Este servo é o mundo: *o servo que não conhece a vontade do seu senhor e faz coisas dignas de castigo levará poucos açoites.*³¹ O servo é o mundo. ‘Servo’ porque *o mundo foi feito por ele mas o mundo não o conheceu.*³² *O servo que não conhece a vontade do seu senhor — eis o que era anteriormente o mundo—, o servo que não conhece a vontade do seu senhor e faz coisas dignas de castigo, receberá pouco açoites. Porém, o servo que conhece a vontade do seu senhor — eis o que é o mundo de hoje —... o que se segue, dissei-o vós, ou antes digamo-lo para nós: O servo que conhece a vontade do seu senhor e faz coisas dignas de castigo, levará muitos açoites.*³³ E oxalá leve muitos e não seja condenado apenas uma vez.

Porque não queres levar muitos açoites, tu, servo que conheces a vontade do teu senhor e fazes coisas dignas de castigo? A ti se diz (e eis uma vontade do teu Senhor): *Arrecadai para vós um tesouro no céu, onde nem a traça nem a ferrugem nem outro desgaste o podem consumir, onde os ladrões não assaltam nem furtam.*³⁴ Tu na terra e Ele no céu, e Ele diz-te: “Entrega-me e conserva o teu tesouro onde eu próprio sou o guarda, manda-o à tua frente”.

E que espécie de tesouro é o que arrecadas? O que Cristo guarda, acaso o godo pode levar-to? Mas tu, como se fosses mais prudente e mais sábio que o

³¹ Lc 12, 48.

³² Jo 1, 10.

³³ Lc 11, 47.

³⁴ Mt 6, 20.

teu Senhor, não queres arrecadar senão na terra. No entanto, conheces a vontade do teu Senhor, que quis que tu o guardasses lá no alto. Então, se o guardaste na terra, deves estar preparado para receber o castigo. Pois se conheces a vontade do teu Senhor, que quer que acumules no céu o teu tesouro, e tu o acumulas na terra, fazes coisas dignas de castigo. E depois, quando és castigado, ainda blasfemas e murmuras e dizes porque é que o teu Senhor te faz o que não devia fazer? E então tu, mau servo, fazes o que devias ter feito?

NA ADVERSIDADE, NÃO MURMURES CONTRA DEUS

12. Ao menos guarda este princípio: não murmures, não blasfemes, antes louva o teu Deus porque te repreende; louva-o porque te corrige, para te reconfortar. *O Senhor repreende aquele que ama e castiga todo aquele que aceita como filho.*³⁵ Tu, um filho delicado do Senhor, queres ser acolhido mas não queres ser castigado? Para tu viveres como um dissoluto, ele passaria por mentiroso! A memória dos apóstolos, por meio da qual se prepara para ti o céu, deveria então servir para te conservar na terra os teatros dos insensatos para sempre? Porventura Pedro morreu e foi sepultado para que não caísse uma só pedra do teatro? Deus faz cair das mãos dos meninos indisciplinados os seus caprichos.³⁶

³⁵ Heb 12, 6. Nova afinidade de citações bíblicas entre os vários sermões.

³⁶ Este passo distingue com clareza duas ordens de valores. O martírio de Pedro não aconteceu para que o mundo romano não ruísse, mas para que o cristianismo se edificasse sobre ele.

Irmãos, acabemos com os pecados e com os murmúrios. Sejamos inimigos das nossas próprias fraquezas e do nosso murmúrio. Contra nós, nos indignemos, não contra Deus. *Indignai-vos*, sim, indignai-vos mas com que fim?! E *não pequeis*.³⁷ Com esse fim vos haveis de indignar, para que não pequeis. Pois todo aquele que se arrepende, contra si próprio se indigna: penitenciando-se, usa da ira para consigo.

Queres então que Deus te poupe? Não te poupes tu. Pois se tu te poupas, não te poupará Ele, porque se Ele te poupar, estás perdido. Não sabes o que queres, infeliz, e estás perdido. Pois na verdade, assim está escrito: *Ele castiga todo aquele que acolhe como filho*, por isso teme também o seguinte: *O pecador irritou o Senhor*.³⁸ Mas como sabes, como se há-de dizer, como sabes que o *pecador irritou o Senhor*? Eu vi o pecador feliz, vi que pratica o mal continuamente, não suportando sofrimento algum, blasfemando contra o Espírito Santo: por isso me horrorizei e sofri. *O pecador irritou o Senhor*; esse pecador que fez tanta iniquidade e nada de mal sofreu, irritou o Senhor, provocou o Senhor: *Em razão da grandeza da sua ira, nem sequer lhe pedirá contas*. Eis o resultado: *o pecador irritou o Senhor e em razão da grandeza da sua ira Ele nem sequer lhe pedirá contas*.³⁹

Não lhe pedirá contas porque está muito irado, e aquele que se livra da correcção, prepara a condenação. *Não lhe pedirá contas*: mas se pedisse, castigava; e se castigasse, emendava. Porém Ele está muito irado, irado

³⁷ Sl 4, 5, numa versão diferente da versão da Vulgata.

³⁸ Sl 9-10, 13.

³⁹ Sl 9-10, 13.

com os que praticam a iniquidade e são felizes. Não os invejes, não queiras ser como eles. Pois é melhor ser castigado que condenado.

O AMOR DE DEUS MANIFESTA-SE QUANDO SE AMA OS INTERESSES DE DEUS

13. Ora, o Senhor confiou-nos as suas ovelhas porque as confiou a Pedro. O Senhor confiou-nos o seu rebanho, se de alguma maneira, ainda que remota, somos dignos de pisar o pó das passadas de Pedro, se porventura isso é possível. Vós sois o seu rebanho, e nós convosco somos o rebanho, porque somos cristãos. Como disse atrás, somos guardados e guardamos. Amai a Deus, para que Deus vos ame, e não podeis mostrar o quanto amais a Deus a não ser mostrando que amais os seus benefícios.

Que tens tu para oferecer a Deus, homem sensato? O que hás-de oferecer a Deus? O que também lhe oferecia Pedro e se resume nestas palavras: “*Apascenta as minhas ovelhas*”. O que hás-de oferecer a Deus, para que Ele seja maior, melhor, mais rico, mais digno de honra? Sejas tu quem fores, ele continuará a ser o que já era. Então olha à tua volta, pois talvez devas oferecer ao próximo o que caberia dar a Deus. *Quando o fizestes a um só dos meus mais pequeninos, foi a mim que o fizestes.*⁴⁰ Se pois te mandam partir o pão e dar ao que tem fome, deverás fechar a igreja ao que bate à sua porta?

⁴⁰ Mt 25, 40.

**DEVEM SER BEM RECEBIDOS AQUELES QUE,
ARREPENDIDOS, QUEREM REGRESSAR DA HERESIA**

14. Quereis saber porque disse isto agora? Contristou-nos ter ouvido que, quando não estávamos presente, alguém quis voltar dos donatistas⁴¹ para a igreja, um homem que confessara o seu pecado de se ter feito baptizar de novo, e que, quando o bispo o exortava à penitência, se levantaram protestos da parte de alguns dos irmãos e ele foi recusado.

É à vossa caridade que falo: isto revolveu-nos as entranhas. Confessamo-vos que não nos agradou tal procedimento. Sei que o fizeram por zelo divino, não duvido que o tenham feito por zelo de Deus, mas deviam também ouvir do apóstolo Paulo como ele se lamenta por aqueles que *têm o zelo de Deus mas mal esclarecido*.⁴²

Suponhamos que hoje não foi admitido e amanhã morre. A quem seriam pedidas contas? Tu poderás dizer: “Ele está a fingir!” E eu respondo-te: “Mas também está a pedir”. Eu mostro-te o que ele pede, mostra-me tu o que ele finge. Então, cristão, quero que me expliques: como sabes que está a fingir? Porque teme pelos seus

⁴¹ Um grupo cismático da igreja africana que se separou da igreja católica por se recusar a aceitar Ceciliano como bispo de Cartago em 311 (sob a acusação de que aquele tinha traído a igreja durante a perseguição de Diocleciano). Ao bispo consagrado para rivalizar com Ceciliano sucedeu rapidamente Donato, daí o nome *donatistas*. Os donatistas concebiam a igreja composta apenas de santos e puros, não aceitavam o arrependimento de *traditores*, e quando os católicos se convertiam ao donatismo, eram baptizados de novo.

⁴² Rm 10, 2.

bens! Sabemos que muitos temiam pelos seus bens e se fizeram católicos. Alguns, assim que se viram livres,⁴³ voltaram para [os donatistas], outros, porém, permaneceram entre nós.

Enquanto não entraram, temeram pelos seus bens; e quando entraram, porque tomaram conhecimento, ficaram. Como sabes então se este que teme pelos seus bens está entre aqueles que nós encontramos a fingir, sobretudo quando se manifesta tamanha luz da verdade, tamanha evidência do erro? Como queres julgar um coração, tu que és homem?

Foi para isso que nos esforçámos, foi para isso que trabalhámos, foi para isso que a verdade se revelou invencível para se tornar inimiga dos que a procuram?⁴⁴ Esforçámo-nos para mostrar a verdade, para tornar evidente o erro. Com o auxílio do Senhor, assim aconteceu. Talvez ele tenha mudado em razão do que se fez e de alguma reflexão. Por que razão queres julgar um coração? Eu vejo alguém a pedir, tu acusa-lo de fingir. Tu, que és cristão, aceita o que vês e o que não vês entrega a Deus.

De novo dirijo curtas palavras à vossa caridade. Do próprio Senhor nós ouvimos que devemos apascentar as suas ovelhas, e sabemos o que nos diz das suas ovelhas

⁴³ Na primavera de 410 Honório promulgara um édito de tolerância para heréticos e pagãos. No mesmo ano, porém, foi revogado (Fredouille 2004 88).

⁴⁴ Santo Agostinho gastou anos da sua vida no debate contra os donatistas, não poupando esforços para recuperar a unidade da igreja, incluindo vários textos em torno desta polémica. Em 411 chegou a participar num encontro entre católicos e donatistas em Cartago.

por meio de Ezequiel. Que uma ovelha não fira outra ovelha, que uma ovelha não se lance contra outra ovelha, que a forte não enjeite a mais fraca. Ouve o que diz o apóstolo: *Corrigi os indisciplinados, confortai os pusilânimes, suportai os fracos. Corrigi os indisciplinados: faça-se. Consolai os pusilânimes: faça-se. Suportai os fracos: faça-se. Sede pacientes para com todos: faça-se. Que ninguém retribua a alguém o mal com o mal:*⁴⁵ *faça-se.*

Ele diz-nos muitas coisas, mas nós só prestamos atenção a uma: *Corrigi os indisciplinados.* Olhai: *Corrigi os indisciplinados.* Mas continuai a enumeração: *Confortai os pusilânimes, suportai os fracos, sede pacientes para com todos, vede que ninguém retribua a alguém o mal com o mal.* Tu, porém, não ouves senão: *Corrigi os indisciplinados.* Vela, pois, por que não sejas tu mesmo indisciplinado ou, o que é ainda pior, por que não queiras ser indisciplinado, recusando ser corrigido.

Nós vos rogamos, por Cristo, nós vos suplicamos que não deiteis por terra o nosso esforço. Pois julgais que é com nós próprios que nos havemos de alegrar porque vencemos o erro? A vitória é sempre a da verdade. O que somos nós? O erro foi vencido, mas há muito foi vencido e, graças a Deus, foi manifestamente vencido e revelado aos homens. Se o trabalho abundou, por que razão se hão de impedir os frutos?

15. Quanto ao mais, irmãos, que isto não volte a suceder: que ninguém ame tanto a igreja que prejudique os interesses da própria igreja. Isto de que vos falo

⁴⁵ 1 Ts 5, 14-16.

sucedeu há três ou quatro dias. Não foi coisa leve ter soado aos ouvidos de todos que alguns donatistas que querem voltar para a igreja não são admitidos. Acaso julgais que não há nada de mal no facto de isto ter chegado aos ouvidos de todos? Pois eu rogo-vos que esta notícia hoje ressoe de modo a que aquilo que se faz ouvir pelo bem possa apagar o que se fez ouvir pelo mal. Empenhai-vos!

Foi isto que dissemos, é isto que pregamos: que venham e sejam recebidos como era hábito, os que até agora não eram católicos. Aqueles que em tempo foram católicos e que se revelaram vacilantes, que se revelaram inconstantes e fracos, que se revelaram infieis – porventura estou a poupá-los? –, em suma, são infieis – e talvez venham a ser fieis os que já foram infieis –, que venham e que sejam admitidos à penitência.

Não sejam condescendentes consigo pensando que, quando se acrescentaram à seita de Donato, já fizeram, então, penitência. Essa penitência foi relativa a uma matéria boa; agora deve ser uma verdadeira penitência por causa do mal praticado. Quando fizeram penitência na seita de Donato, foi porque se arreponderam do bem que tinham feito; agora façam-na de modo a arreponder-se do mal que fizeram.

Receais que, por se terem revelado infieis, venham a calcar a seus pés as coisas sagradas? Também este vosso receio poderá ser tomado em consideração. Serão entregues à penitência mas só serão admitidos a ela quando quiserem reconciliar-se sem que alguém os tenha pressionado, sem que alguém os tenha feito temer.

Porque o penitente católico já não sofre as ameaças da lei e começa por querer reconciliar-se quando ninguém o amedronta. Então, confia pelo menos nessa vontade. Imagina que foi coagido a fazer-se católico. Fará penitência. Mas quem é que o força a procurar o ensejo da reconciliação a não ser a sua própria vontade? De momento, então, acolhamos a sua fraqueza e ponhamos à prova depois a sua vontade.

BIBLIOGRAFIA

- ARBESMANN, R. (1954), "The idea of Rome in the sermons of St. Augustine", *Augustiniana* 4 305-324.
- BLAISE, A. (1954) *Dictionnaire Latin-Français des auteurs chrétiens*, Brepols (repr.1993).
- BURGESS, R. W. (1993), *The chronicle of Hydatius and the Consularia constantinopolitan, Two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire*. Edited with an English translation, Oxford, Clarendon Press.
- BURNS, Th. S. (1994), *Barbarians within the gates of Rome*. Bloomington-Indianapolis, Indiana University Press.
- CASAMASSA, A.; e MORIN, G. (1930-1931) *Miscellanea agostiniana* 2 vol. testi e studi pubblicati a cura del-l'ordine eremitano dei S. Agostino nem XV centenario dalla morte de santo dottore (1930-1931) Roma, Tipografia poliglota vaticana.
- CERCHIAI, C.; Di BENEDETTO, V. et alii (1998), *Storia di Roma. Dalla fondazione all'inizio del terzo Millenio*. Roma, Newton & Compton, Roma.²2004.
- CITRONI, M.; COSOLINO, F .E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. (2006), *Literatura de Roma Antiga*. Tradução do original italiano *Letteratura di Roma Antica*

por M. Miranda e I. Hipólito. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

COURCELLE, P. (1948), *Histoire littéraire des grandes invasions germaniques*. Paris, Hachette.

CURRAN, J. (2000), *Pagan city and Christian capital. Rome in the fourth century*. Oxford, Clarendon Press.

DEMOUGEOT, E. (1951), *De l'unité à la division de l'empire romain 395-410*. Paris.

DUBOIS, J.-D. (1994), “La mort de Zacharie. Mémoire juive et mémoire chrétienne”, *Revue des Études Augustiniennes* 40.1 23-38.

ESPÍRITO SANTO, A.; PIMENTEL, M. C. (2001) *Santo Agostinho, Confissões*. Intr. de M. B. Costa Freitas., Lisboa IN – CM.

FREDOUILLE, J.-C. (2004) *Saint Augustin. Sur la chute de Rome*. Trad. Int. et notes. Paris, Brepols, Institut d'Études Augustiniennes.

—— (2006) ,“Le sermon Denis 24 d'Augustin et la chute de Rome”, *Aere perennis: en hommage à Hubert Zehnacker*. Paris, 455-464.

FUEYO, A. del OSA ed. (1965) *Obras de San Agustin, Homilias, Biblioteca de autores cristianos*, 95, X. Madrid.

INGLEBERT, H. (1996), *Les romains chrétiens face à l'histoire de Rome. Histoire, christianisme et romanités en*

Occident dans l'Antiquité tardive (III-V siècles).
Paris, Institut d'Études Augustiniennes.

KUNZELMANN, A. (1931) *Die Chronologie der Sermones des hl. Augustinus, Miscellanea Agostiniana II*, 1931.

LAMOTTE, J. (1961), “Le mythe de Rome «ville éternelle» et saint Augustin”, *Augustiniana*, 11 225-260.

—— (1962), “Saint Augustin et la fin du monde” *Augustiniana* 12 5-26.

MARTIMORT, A. G. (1992), *Les lectures liturgiques et leurs livres*. Turnhout, Brepols.

MATYSZAK, Ph. (2005), *Los enemigos de Roma*. Trad. orig. de Javier Alonso López. Madrid.

MECONISJ, D. V. (2008), “Becoming Gods by becoming God's: Augustine's mystagogy of identification”, *Augustinian Studies* 39.1, 61-74.

MIRANDA, J. C. (2002) *Tertuliano, Apologético*. Ed. bilingue Intr., notas e comentários, Lisboa, Alcalá.

O'REILLY, M. V. (1955) *Sancti Aurelii Augustini De excidio Urbis Romae*. A critical text and translation with introduction and commentary. Washington, The Catholic University of America Press.

—— ed. (1969) “*De excidio Urbis Romae Sermo*”, *Corpus christianorum*. Series Latina XLVI, Turnholt, Brepols, 243-262.

- PELLEGRINO, M., (1965) “*Sursum cor* nelle opere di Sant’Agostino” *Recherches Augustiniennes*, 3, 181-187.
- PERLER, O. (1969) “Les voyages de Saint Augustin”, *Études Augustiniennes*, Paris.
- HOMBERT (2000) *Nouvelles Recherches de chronologie augustinienne*, Paris.
- RODOMONTI, A. (1992), *Il discorso 105 di S. Agostino e il mito di Roma eterna*. Génova, Quadrivium.
- URBANO, C. M. (2008), “Santo Agostinho e o *De excidio urbis Romae sermo*”, *Theologica* 43.1, 215-225.

INDEX NOMINUM RERUMQUE

- ABED-NEGO 145
ABEL 44, 52
ABRAÃO 30, 42-43, 48, 52, 78, 97, 111-112, 114, 119-120, 126
ADÃO 46, 75
ÁFRICA 14, 17, 45, 82, 104
ALARICO 15, 27, 44, 104-105
ALARICO 27, 44
ALEXANDRIA 27, 103
ARCÁDIO 14, 22, 53
ARETÊ 22
ASCESE 22, 31
AUGUSTO 18
AURELIANO 16
BIZERTA 109
CARITAS 22, 24, 65, 82, 90, 91
CARTAGO 13, 14, 27, 109, 158, 159
CECILIANO 158
CELESTE 27, 104
CÉSAR 123
CÍCERO 13, 17
CONSTANTINO 18
CONSTANTINOPLA 27, 53, 56, 103
CORINTO 92
CRISTO 26, 27, 45, 68, 75, 76, 78, 81, 86, 93, 97, 101, 109, 110, 112,
115, 117, 120, 126, 135, 136, 141, 149, 160
DANIEL 39, 40, 41, 44, 50, 51
DE CIUITATE DEI 20, 21
DONATISTAS 158, 159
DONATO 158, 161
ENEIAS 80, 81
ENEIDA 28
ESTILICÃO 15, 27, 104
ESTOICISMO 23
EUSÉBIO DE CESAREIA 18
EVA 46, 66, 93
EZEQUIEL 40, 41, 160
FIDES 24, 90, 91
GÁLIA 16
GAULESES, 28, 151

GEÓRGICAS 28
HIPONA 14, 17, 20
HIPONA DIARRITO 109
HISPÂNIA 16
HONÓRIO 14, 53, 159
HORTENSIVS 13
HUMILITAS 22, 23
ÍDOLOS 27, 49, 103, 105, 121, 122, 123, 125, 151
ISAAC 119, 126
ISRAEL 67, 92, 96, 123
ITÁLIA 14, 16, 80
JACOB 126
JERUSALÉM 39, 97, 101, 103
JOÃO CRISÓSTOMO 54
JOB 40, 41, 44, 45, 46, 49, 66, 67, 69
JOGOS OLÍMPICOS 16
JUDEUS 67, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 120, 122, 126, 135
JULIANO 16
JUNO 81
JÚPITER 28, 29, 98, 99, 105
LÁZARO 30, 48, 109, 111, 120
LOT 94
MADAURO 13
MÁRTIR 48, 65, 116, 125, 135, 144, 145
MILÃO 14
MISAC 145
MOISÉS 109, 112, 114
NABUCODONOSOR 145
NECTÁRIO 54
NERO 151
NERO 28
NÍNIVE 54
NOÉ 40, 41
NUMÍDIA 13, 14
ORÍGENES 18
ORÓSIO 104
PAGÃOS 77, 80, 81, 101, 102, 150, 151, 152, 153
PATIENTIA 22, 23, 31, 45, 58, 65, 101, 116, 129, 130, 135, 136, 149
PAX ROMANA 18
PRESSURA 23, 65
PRUDÊNCIO 17

RADAGÁSIO 27, 104,105
RETRACTATIONES 20
ROMA AETERNA 28, 32, 100
ROMA 17, 19, 22, 27, 29, 30, 31, 42, 43, 44, 45, 51, 56, 58, 79, 96, 99,
103,101, 131, 133, 145-147, 150, 151
RÓMULO 79, 99
S. JERÓNIMO 18
S. JOÃO 145
S. LOURENÇO 146
S. PAULO 17, 33, 44, 88, 92, 94, 97, 144, 146, 158
S.PEDRO 17, 33, 44, 70, 88, 139, 140-144, 146, 147, 149, 155, 157
SALÚSTIO 81
SANTO AGOSTINHO 13, 16, 17, 18, 20, 25, 30, 49
SANTO AMBRÓSIO 92
SARA 119
SCANDALUM 22, 23, 64, 65, 66
SIDRAC 145
SODOMA 29, 42, 43, 44, 52, 56, 94
SOFRIMENTO 31, 49, 57,65, 66, 70, 82, 127, 128, 129, 136, 152
SPES 22, 25, 90, 91
TAGASTE 13, 14
TANIT 27, 104
TEODORICO 32
TEODÓSIO 14, 15, 53
TERTULIANO 48, 132
TRINDADE 89
TRÓIA 80, 81, 151
VALÉRIO 14
VÉNUS 28, 98
VESTAIS 17
VIRGEM MARIA 117, 126
VIRGÍLIO 13, 17, 28, 81, 99
ZACARIAS 44, 52
ZÓSIMO 104

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

IMPRESSÃO:
SIMÕES & LINHARES, LDA.
AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4
3000 COIMBRA

Em Agosto de 410, Roma é saqueada pelos godos chefiados por Alarico. A notícia chega rapidamente ao norte de África, trazida por grande número de refugiados. Santo Agostinho, o bispo de Hipona, reage à notícia, ao clima de ansiedade que se respira um pouco por todo o império e também às acusações vindas dos pagãos que responsabilizam o cristianismo pela decadência de Roma.

Nestes sermões que pregou ao longo do ano que se seguiu, Santo Agostinho formula um conjunto de respostas e argumentos, depois devidamente estruturados no *De excidio Urbis Romae sermo*. Aqui, pese embora o ‘patriotismo’ romano do bispo africano, diante da evidência de que também as civilizações têm um fim, ‘cai’ o mito da *Roma Aeterna* e nasce a ideia das duas cidades: a cidade efémera, fundada na terra; e a cidade eterna, fundada na filiação divina do homem. Peregrino naquela, o homem anseia por esta. Podemos, por isso, ler estes sermões agostinianos como a génese da sua obra monumental *De ciuitate Dei*.

